

 HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE



TRÊS IRMÃS

O DONO DO MEU CORAÇÃO

LYNNE GRAHAM



Sabrina MINISSÉRIE

Lynne Graham

O dono do meu coração



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid
"MEB"

© 2017 Lynne Graham
© 2019 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
O dono do meu coração, n.º 87 - março 2019
Título original: Sold for the Greek's Heir
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência. ®

Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-87-1307-646-1

Conversão ebook: MT Cor & Desenho, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Jax Antonakos, ao chegar às boxes, saiu do carro com a adrenalina ainda a percorrer-lhe as veias por causa da emoção da corrida. Fora apenas uma corrida de exibição por um motivo de beneficência, recordou-se, enquanto uma multidão barulhenta o rodeava.

Tirou o capacete e deixou a descoberto o cabelo moreno e despenteado e uns olhos tão verdes como esmeraldas. Ouviu-se o murmúrio habitual das mulheres, os fotógrafos tiraram fotografias, os jornalistas fizeram perguntas e as mulheres bonitas tentaram aproximar-se dele, mas tudo isso era normal no mundo em que vivia.

No entanto, não fez caso e foi cumprimentar o vencedor da corrida e atual campeão do mundo.

– Tornaste-me as coisas difíceis para quem passou tantos anos sem conduzir! – reconheceu Dirk. – Talvez devesse continuar no mundo das corridas e parar de fazer contas atrás de uma mesa.

– Nem pensar, o Jax é um génio dos negócios – interveio uma morena, enquanto o rodeava com os braços antes de ele conseguir fazer alguma coisa. – Obrigada por participares no último momento, quando o Stefan me falhou. Sabes como te agradeço...

– Kat...

Jax franziu o sobrolho quando se apercebeu de que, provavelmente, os teriam fotografado como um casal. Contudo, não eram um casal, por muito que a imprensa e as suas famílias quisessem que fossem só porque eram jovens, muito ricos e solteiros.

Afastou-se dela com um sorriso. Gostava de Kat, sempre gostara dela, mas o pai ia ter uma desilusão se ainda esperava que se casassem para unirem os seus impérios empresariais imensos. Infelizmente, as fotografias só conseguiriam fazer com que tivesse falsas esperanças.

– Vamos beber alguma coisa, – Kat agarrou-o pela cintura. – Agradeço-te realmente por teres vindo, mesmo que to tenha pedido com tão pouca

antecedência.

- Era por uma boa causa e és uma amiga...
- Uma amiga que poderia ser mais – sussurrou Kat.
- Diverti-me com a corrida – comentou Jax, para ignorar o que ela dissera.

Ao fim e ao cabo, não havia uma forma amável de lhe dizer porque estava a perder tempo a persegui-lo e seria uma hipocrisia dizer-lho com a fama de mulherengo que tinha. Ainda recordava com agrado como Kat era desenfreada quando eram mais jovens, mas continuava sem querer casar-se com uma mulher que fora para a cama com quase todos os seus amigos. Seria uma moral dupla, mas não conseguia evitá-lo.

Em qualquer caso, não queria casar-se com ninguém e não estava pronto para ter os netos que Heracles Antonakos, o pai, ansiava tanto. Jax sabia melhor do que ninguém que ser pai era como um campo de minas, porque a sua infância fora muito infeliz e estivera cheia de mudanças e dramas sentimentais constantes.

Os pais divorciaram-se quando ele era muito pequeno e o pai praticamente esqueceu-se da existência do filho mais novo durante os vinte e cinco anos seguintes. Argo, o filho mais velho de Heracles, nascera do seu primeiro casamento. Ao ficar viúvo, casara-se outra vez, precipitadamente, e nunca perdoara a sua segunda esposa, a mãe de Jax, pela sua infidelidade. Pagara o preço da aventura da mãe de mais de uma forma. Não tivera onde se refugiar das repercussões devido às relações destruídas da mãe e não tivera apoio paternal. Aguentara os divórcios da mãe, as tentativas de suicídio e as suas entradas e saídas de centros de reabilitação.

Uma das suas primeiras lembranças era ter-se escondido num armário quando a mãe teve um desvairo induzido pelas drogas. Devia ter cerca de três anos, mas já sabia que lhe daria pontapés e lhe daria um murro se o encontrasse antes de lhe passar a fúria. A mãe era uma estrela do cinema impressionante, adorada em público, e um monstro ofuscado pelas drogas atrás das portas. O pai deixara-o nas mãos dessa mulher quando era um menino indefeso.

Então, quando tinha vinte e seis anos, tudo mudara milagrosamente. Argo, o seu meio-irmão, morrera num assalto fracassado em plena rua e Heracles Antonakos, esquecendo depressa a dor, começara a interessar-se pelo filho mais jovem que desdenhara durante anos. Naturalmente, a mãe já falecera nessa altura, mas ele continuava sem conseguir entender a

mudança repentina de atitude do pai. No entanto, finalmente, encontrara o apoio e o reconhecimento paternal que desejara desde a infância. Naturalmente, continuava a questionar-se até quando duraria a mudança de atitude do pai e encontrara uma série de complicações novas, pois a vida do herdeiro Antonakos não era um mar de rosas.

Jax, como filho único de um dos homens mais ricos do mundo, não sabia o que fazer com tanto dinheiro. Fotografavam-no e tratavam-no como uma celebridade, fosse onde fosse. Verdadeiras hordas de mulheres manipuladoras perseguiam-no como se fosse um troféu de caça. Porém, tinha muitos projetos estimulantes no terreno empresarial que lhe permitiam usar o seu cérebro brilhante.

Um dos seus guarda-costas trouxe-lhe o telemóvel com uma expressão séria e ele cerrou os dentes ao aceitar a mais do que provável chamada do pai. Efetivamente, Heracles subia pelas paredes devido à sua imprudência ao correr o risco de conduzir a uma velocidade endiabrada num circuito de carros. Ele não disse nada porque, depois de dois anos, já aprendera que discutir ou tentar tranquilizá-lo só servia para prolongar aqueles sermões exaltados. Desde a morte terrível de Argo, Heracles tinha um medo desproporcionado de que o único filho participasse em qualquer atividade que pudesse magoá-lo e tê-lo-ia embrulhado em algodão, se pudesse. Ainda que valorizasse o aparente apego do pai, não confiava nele e detestava que interferisse para o limitar.

Aceitara os cinco guarda-costas, de que não precisava e que o acompanhavam para todos os lados, só para haver paz, mas continuava a ser tão independente como sempre fora e, quando precisava de aliviar o *stress*, ia mergulhar, escalar montanhas ou pilotar. Também continuava a ir para a cama com mulheres... inadequadas, o tipo de mulheres com quem nem o pai esperaria que se casasse.

Porquê? Adorava ser solteiro e livre como o vento, pois não conseguia suportar que alguém lhe dissesse o que tinha de fazer. A única vez que saíra desse caminho, acabara numa relação desastrosa. Já não tinha relações, só tinha relações sexuais e sem complicações. Uma vez, fugira com a namorada de outro homem e quase não vivera para contar a história.

Franca entrara na sua cama uma noite, quando estava meio bêbado, e a traição consumara-se antes de reconhecer com quem estava a fazê-lo. Naturalmente, Franca só o usara para fugir de uma vida que já não lhe agradava, mas ele não percebera. Mordera o anzol de «rapariga em apuros» antes de perceber que estava a lidar com uma alcoólica muito

manipuladora e destrutiva. Traíra a amizade do seu antigo sócio, Gio, mas acabara por pagar por isso. Porém, aprendera? Não. O seu segundo maior erro fora cometido depois de Franca... e fora outro erro em forma de mulher.

Por isso, não queria esposa nem filhos e nada ia mudar, nem sequer o desejo de agradar ao pai que passara tanto tempo ausente, refletiu, com ceticismo, enquanto Kat Valtinos se aproximava com as bebidas e um sorriso de triunfo...

– Não suporto que trabalhes assim – murmurou Kreon Thiarkis, quando a filha lhe trouxe uma bebida. – É degradante.

– Trabalhar muito não é degradante, papá – contradisse Gemma, com um sorriso tranquilizador que lhe formou umas covinhas na cara. – Não sejas snobe, não sou tão afetada como tu e nunca serei.

Kreon conteve uma resposta cortante, pois não queria ofendê-la quando só estava há seis meses na sua vida e tinha medo de a afugentar se agisse como um pai rígido. Ao fim e ao cabo, Gemma não tivera um pai para a orientar, pensou, com remorso. Porém, embora fosse muito independente e orgulhosa com vinte e um anos, tivera muito azar para ter de acabar por aparecer à frente dele com a neta ao colo, ambas andrajosamente vestidas e cheias de fome. Já era idoso, mas o coração amolecera ao pensar na pequena Bella, a menina mais adorável e a luz que iluminava a sua vida e a da sua esposa Iola, porque Iola e ele tinham-se conhecido e casado demasiado tarde para ter filhos. Adorava que as duas estivessem em sua casa, mas estava convencido de que a filha precisava de um marido para cuidar delas quando ele falecesse.

A filha era uma rapariga muito bonita e isso teria sido muito fácil de conseguir se Gemma não fosse tão insegura e receosa. Os homens viravam-se para olhar para ela no bar onde trabalhava. Tinha um cabelo ruivo e ondulado que lhe chegava até metade das costas, uma pele muito branca e os olhos azuis e enormes. Era uma beleza clássica e delicada como uma boneca. Ganhava mais gorjetas do que qualquer outra empregada do hotel e era muito importante para eles, assegurara-lhe o dono do hotel, que era amigo dele.

Gemma continuou o seu trabalho, embora soubesse que esse trabalho que se empenhara em aceitar incomodava o pai. Infelizmente, ser mãe solteira era muito caro, mesmo que o pai e a madrastra a tivessem ajudado

maravilhosamente durante os últimos meses. Estava muito agradecida por ter ido à Grécia para conhecer finalmente o pai e por ele e a esposa as terem aceitado com amor e compreensão. O pai era filho de um grego, mas casara-se com uma inglesa e fora criado em Londres. Era um pai e um avô muito protetor que recebera Gemma e a filha sem uma única recriminação, ainda que não lhe tivesse falado de Bella quando a convidara para ir à Grécia.

Embora estivesse disposta a aceitar o alojamento gratuito e a ajuda de Iola para tomar conta de Bella, estava decidida a não se transformar numa carga permanente e a não se aproveitar demasiado da generosidade das duas pessoas idosas. Reconhecera que precisava de ajuda quando chegara a Atenas, mas já estava a tentar por todos os meios ser independente. Não ganhava muito, mas o salário permitia-lhe pagar certas necessidades, como a sua roupa e a da filha e, por enquanto, isso bastava para lhe satisfazer o orgulho.

Andreus, o chefe e dono do hotel, dirigiu-se para ela enquanto se afastava de um cliente.

– Amanhã, às onze da manhã, vai realizar-se uma reunião muito importante na sala do fundo – explicou ele. – Gostaria que servisses as bebidas e a comida. Só precisarei de ti durante algumas horas, mas vou pagar-te um turno completo.

– Vou falar com a Iola, mas não acho que haja inconveniente, pois não costuma sair de manhã – respondeu Gemma, antes de ir atender um cliente que a chamava com a mão.

O cliente tentou pedir-lhe o número de telefone, mas ela limitou-se a sorrir com cortesia, pois não tinha o mais mínimo interesse em sair com alguém ou em chegar a algo mais físico, embora soubesse que alguns homens achavam que seria dada aos... encontros esporádicos, pois tinha uma filha. Já passara por isso, já o fizera e tinha uma filha. Infelizmente, aos dezanove anos, era uma virgem que não sabia nada da vida e não percebera que era uma aventura esporádica até ser demasiado tarde para se preparar. Nessa altura, já a tinham abandonado. Na verdade, ainda tinha essa humilhação gravada na alma. O pai de Bella tratara-a com um desprezo e uma indiferença devastadores e era por isso que não pensava nisso, nem nele.

Além disso, de que servia sofrer com os erros do passado, já para não falar das rejeições desumanas de que padecera? Sofrer não mudava nada. Aprendera da pior maneira, várias vezes, quando era uma menina

vulnerável, que fora criada em casas de acolhimento, que estivera dependente dos caprichos dos outros e que nem pudera decidir onde ou com quem vivia. Nesse momento, traduzia-se em custar-lhe a confiar nos outros e em sentir-se presa e impotente se não tivesse uma certa independência e capacidade para decidir.

Porém, a vida estava a melhorar porque, pela primeira vez em anos, estava a atrever-se a criar raízes. Há anos que não era tão feliz e esperava encontrar uma forma de melhorar o seu panorama profissional pelo bem de Bella. O mais provável era que aceitasse a oferta que o pai lhe fizera de lhe pagar algum tipo de formação que lhe permitisse sair dos empregos mal pagos. Talvez tivesse chegado o momento de tomar algumas decisões a longo prazo e de pensar como uma adulta responsável.

Há dois anos, em Espanha, o pai de Bella dissera-lhe que servia para mais do que para aquele trabalho mecânico. Ter tido sonhos e ter acreditado não lhe dera muito bons resultados, recordou-se, enquanto ia buscar um pedido ao balcão. A amiga de então, outra empregada que se chamava Tara, fora muito mais realista sobre aquela relação.

– Vai para a cama contigo e vai livrar-se de ti assim que se aborrecer – previra Tara. – Os homens como ele não ficam com raparigas como tu. Nós só lhes servimos para se divertirem durante algumas noites.

Sentiu o suor no lábio superior e quis esbofetear-se por se ter envolvido, mesmo que tivesse sido por um instante, nesse tipo de lembranças. Retrospetivamente, envergonhava-se cada vez mais de como fora ingénua e néscia. Então, já sabia como eram os homens e não fora precisamente criada como se fosse uma princesa protegida e amada. Devia ter estado acutelada e, mesmo assim, tinha de se perdoar pelo seu atordoamento.

Porém, quando acabou o turno e chegou à casinha confortável do pai, entrou silenciosamente no quarto que partilhava com a filha e percebeu que as coisas não eram brancas ou pretas. Bella estava a dormir no berço, com o cabelo encaracolado e moreno por cima da roupa de cama branca e com as pestanas compridas que lhe emolduravam os olhos verdes resplandecentes. Era maravilhosa, era como um anjinho e, embora pudesse arrepender-se de tudo o resto, não se arrependia da existência de Bella.

– Vem jantar connosco no sábado à noite – propôs Iola, durante o pequeno-almoço. Era uma morena de quarenta e muitos anos com uns olhos escuros muito sorridentes. – O teu pai adoraria.

Gemma ficou vermelha enquanto limpava a cara da filha. Sabia que Kreon gostaria que saísse para jantar com eles, mas também sabia que teria

de ignorar as propostas de, pelo menos, dois jovens. Naquele momento, o objetivo principal do pai na vida era encontrar-lhe um namorado aceitável. Nesse sentido, Kreon era um homem antiquado, pois considerava inviável que Gemma escolhesse continuar a ser mãe solteira.

– Mamã! Mamã! – exclamou Bella, com alegria, quando a tiraram da cadeirinha e a deixaram no chão para gatinhar.

Gemma levantou a filha quando quase caiu em cima da caixa de brinquedos e acariciou-lhe os caracóis. Uns caracóis indomáveis quando o clima era húmido e como uma explosão quando os lavavam, iguais aos dela, menos na cor. Olhou com remorso para a madrastra, pois parecia-lhe que era uma ingrata por resistir a fazer o que o pai queria que fizesse.

– Não me interessa conhecer alguém neste momento, mas é possível que não pense o mesmo dentro de alguns meses – alegou Gemma, sem muita convicção.

– Tiveste um começo desafortunado e passaste por muitas coisas sozinha – reconheceu Iola, com delicadeza –, mas o teu pai é um homem e não entende. Tentei explicar-lhe que, neste momento, tens de cicatrizar...

– Isso! – interrompeu Gemma, dando-lhe um abraço repentino. – Não estou pronta neste momento e também não sei se alguma vez estarei.

– Nem todos os homens são como o pai da Bella. Também há homens íntegros e carinhosos – recordou-lhe Iola. – Eu sei melhor do que ninguém. Beijeí muitos sapos antes de conhecer o Kreon.

Gemma riu-se, pois, a madrastra entendia o que se passava. Alguns minutos depois, saiu da casa e foi a pé até ao pequeno e seletto Hotel Palati, onde trabalhava. Era num bairro exclusivo de Atenas e, sobretudo, recebia uma clientela que se hospedava lá por motivos de trabalho.

O pai conhecera Iola quando a contratara como secretária numa empresa de arrendamento imobiliário que acabara por ir à falência. Até então, Kreon vivera intermitentemente entre a ruína e a fortuna e divorciara-se uma vez por infidelidade. Ela agradecera a sua sinceridade e até fora dolorosamente franco sobre o assunto da sua falecida mãe. Não adoçara os seus defeitos nem escondera que tinha antecedentes penais, pois participara num esquema de pirâmide quando era jovem. Porém, apesar de tanta sinceridade, não entendia bem como o pai pagava a vida tão confortável que tinha.

Sabia que Kreon apostava de uma forma quase profissional e que estava sempre envolvido em algum negócio que esperava que fosse lucrativo. Mesmo assim, não a teria surpreendido se os seus assuntos estivessem no

limite do ilegal. Porém, ela fechava os olhos e tomava conta dos seus próprios assuntos, pois Iola e ele tinham-lhes dado, à filha e a ela, o lar e o amor que nunca conhecera.

Ao fim e ao cabo, havia sempre sombras cinzentas entre o branco e o preto do que estava bem ou mal. Nada nem ninguém era perfeito. Apercebera-se de que Jax tinha defeitos e era humano, mesmo quando a sua paixão por ele estava no seu ponto mais alto. Ele fora mal-humorado, dominante e arrogante e discutiam como o cão e o gato porque, embora medisse pouco mais de um metro e cinquenta centímetros e fosse fraquinha, também era dura de roer. No fundo, era teimosa, corajosa e irascível. Não teria corrido bem, mesmo que Jax não a tivesse abandonado daquela forma tão terrível, pensou, enquanto sufocava esse pequeno rasgo do coração que ainda sentia por dentro. Tinham-lhe partido o coração como tinham feito com Iola e com milhares de homens e mulheres. Isso só conseguira fazer com que fosse mais resistente e menos néscia e ingênua.

O diretor o hotel acompanhou-a até à sala do fundo, que tinham redecorado há alguns meses para agradar aos clientes mais exigentes. Algumas vezes, quando sonhava acordada, interrogava-se se, no caso de ter tido umas origens mais afortunadas, se teria transformado numa dessas jovens elegantes e bem formadas que via no hotel. Infelizmente, o seu nascimento marcara-a desde o princípio da sua vida. O casamento dos pais acabara depois de a mãe ter tido uma aventura.

– A Annabel sempre achou que havia um homem melhor à espera ao virar da esquina – contara-lhe Kreon sobre a mãe. – Eu não era rico e sobrevivia graças ao meu engenho, mas ela tinha grandes ideias. Vivíamos em Londres e ela estava à procura de financiamento para montar uma creche. Nessa altura, o meu pai já tinha voltado à Grécia depois de a minha mãe morrer e ficou doente. Tive de ir ter com ele. Quando saí de Londres, não sabia que a Annabel estava grávida e, quando lhe liguei para lhe dizer que ia voltar para ela, disse-me que tínhamos acabado, pois tinha conhecido outro homem. Agora, a julgar pelo que me contaste, é possível que tenha descoberto que tinha essa doença terrível e que não tenha querido ter-me por perto, mesmo que estivesse à espera da minha filha. Não consigo entendê-lo, nunca entenderei.

Gemma também não conseguia entendê-lo, pois percebia que Kreon amara a mãe e tencionara voltar a Londres para estar com ela. Porém, quanto mais Kreon falara da beleza da mãe, do seu amor feroso e de como precisava da atenção de diferentes homens, mais suspeitara que houvera

outro homem e que Annabel queimara todas as pontes com Kreon pouco antes de a doença a levar sem compaixão.

Ela tinha dois anos quando hospitalizaram Annabel e a filha foi para uma casa de acolhimento. A única coisa que recordava da mãe era uma ruiva muito bonita deitada numa cama e que gritava com ela, de modo que não sabia se perdera grande coisa. Kreon descrevera-a como inconsistente e egoísta, pouco disposta a fazer os sacrifícios que uma mãe tinha de fazer. Além disso, para seu espanto infinito, Kreon contara-lhe que Annabel tivera outras duas filhas, que a sua própria mãe criara, a avó das meninas, no norte de Inglaterra.

Aparentemente, tinha duas meias-irmãs em algum lugar e que tinham nascido de aventuras prévias da mãe. Tencionava aprofundar essa descoberta espantosa, mas não sabia por onde começar, pois não tinha dinheiro nem nomes para lhe servirem de pista. Naturalmente, depois de tantos anos, Kreon não recordava os detalhes sobre a família e a história de Annabel. Ao fim e ao cabo, não chegara a conhecer a mãe de Annabel, que o evitara quando lhe pedira para a conhecer. Só recordava que Annabel nunca fora visitar essas duas filhas e contara-lhe que, já então, lhe parecia que Annabel só sentia um apego superficial pelos outros.

Gemma considerara-se sortuda por não ser tão superficial, pois adorava Bella e teria dado a vida por ela. Bella parecia-lhe uma das poucas coisas boas que lhe tinham acontecido numa vida que não fora fácil ou feliz. Por outro lado, se Jax tivesse sido menos importante para ela, não a teria deixado tão devastada quando desaparecera. Ficara completamente rasgada e fizera verdadeiras estupidezes, recordou, com tristeza. Tinham-na expulsado do iate do pai dele e os guardas tinham-na avisado de que não queriam voltar a vê-la no passeio marítimo. Tinham-lhe gritado, tinham-lhe chamado de tudo e tinham-na humilhado enquanto perseguia Jax infrutuosamente. Tudo porque era estúpida dos pés à cabeça, reconheceu, com arrependimento.

Fora um disparate pensar que, para Jax, significava mais do que uma aventura sexual esporádica. Além disso, quando ele acabava com uma mulher, acabava para sempre. O empregado do iate chamara-lhe rameira barata enquanto a empurrava pela passarela. Caíra e magoara-se por causa dessa brutalidade e, além disso, já estava grávida. Fora por isso que não contara toda a verdade ao pai sobre quem era o pai de Bella e preferira que ele achasse que era o fruto de uma aventura de uma noite em Espanha. Sabia que Kreon procuraria vingança se lhe contasse toda a história.

Em certo sentido, ao ficar em silêncio estava a proteger o pai e evitar que fizesse algo precipitado. Kreon era exageradamente protetor e ficaria furioso se descobrisse que a filha não tivera um teto quando o pai de Bella era um homem rico que poderia tê-la ajudado facilmente... um homem rico que também era grego.

Porém, há muito tempo que decidira que os ricos eram intocáveis, ao contrário do resto da humanidade. Os muito ricos tinham o poder e o dinheiro que lhes permitia manter o resto da humanidade afastada e confirmava-o cada vez que via Jax na imprensa. Estava sempre rodeado de guarda-costas e mulheres bonitas, nunca estava sozinho, nunca estava ao alcance, estava tão protegido e afastado das pessoas normais como uma obra exposta na vitrina de um museu. Jax Antonakos, afamado empresário e multimilionário por méritos próprios e com um pai que também tinha milhares de milhões.

Tremeram-lhe as mãos enquanto deixava a baixela de porcelana no carrinho. Naquele momento, odiava Jax com a mesma paixão com que o amara uma vez. Dera-lhe falsas esperanças e mentira em muitas coisas, mas nunca conseguiria perdoá-lo por, intencionalmente, a abandonar em Espanha sem uma casa, um emprego ou alguma forma de sobreviver. O facto de ter ficado grávida era azar, mas não sabia o que era a sorte.

Um grupo de homens de fato entrou e serviu-lhes o café, ficando junto da parede para esperar que chegassem mais pessoas. Então, ouviram-se, pela porta entreaberta, uns murmúrios e muitos passos precipitados que atravessavam o corredor com chão de ladrilhos. A porta abriu-se e entraram dois homens com auscultadores que começaram a verificar as saídas de emergência e as janelas. Aquela segurança indicou-lhe que alguém muito importante ia aparecer. Os guarda-costas puseram-se de costas para uma parede e entraram outros dois que foram até à parede oposta. Ela quase se riu com aquele movimento quase militar e que parecia desproporcionado para uma pequena reunião de trabalho. Até Jax atravessar a porta e a vontade de se rir desaparecer de repente. Sentiu uma pressão no peito que a impediu de respirar.

Capítulo 2

Quando viu aquele cabelo moreno e despenteado e aqueles olhos verdes impressionantes, quis começar a correr e não parar, mas a disciplina inata fez com que ficasse e com que questionasse essa reação. Porque haveria de fugir? O que fizera para se sentir envergonhada? Não era covarde e nunca fora, recordou-se, irritada com a vontade de fugir. Se alguém devia estar envergonhado, era Jax, por a ter tratado de uma forma tão desumana.

Havia casais que acabavam a toda a hora, mas não tinha de ser algo tão profundamente desagradável. Não o perseguira, não lhe dera motivos para a ameaçar ou para a obrigar a desaparecer. Ergueu o queixo ao lembrar-se dessa despedida brutal.

Jax estava sentado no lugar preferencial da mesa circular e era o centro das atenções, mas, felizmente, não olhava em redor e não a vira. Vencera a necessidade de fugir, mas aborrecia-a voltar a encontrar-se numa posição servil com Jax. Chegara a fantasiar, num momento disparatado, que algum dia entraria num clube exclusivo, veria Jax e não lhe faria caso para demonstrar a sua superioridade como um ser humano íntegro. Porém, naquele momento, percebia que estava indefesa, que sentia uma curiosidade espantosa e que não conseguia parar de olhar para ele.

Ainda tinha o cabelo curto. Usara-o comprido, mas cortara-o pouco depois de a conhecer e ela pensara que o fizera porque o pai gostava assim e era mais convencional. Naquele momento, custava-lhe a acreditar que se tivessem sentido unidos por ambos sentirem a falta de um pai. Jax reconhecera que, recentemente, o pai reaparecera na sua vida e falara da dor que sentia por causa da morte do meio-irmão, já para não falar das infidelidades e dos abusos da mãe. Essas conversas profundas não lhe tinham parecido as típicas de uma aventura esporádica, mas Jax era um individualista imprevisível, fogo e misterioso, o arquétipo do herói taciturno de que as adolescentes românticas tanto gostavam.

Reconheceu que era incrivelmente bonito e que isso influenciara as

fantasias que fizera. Mordeu o lábio inferior e cravou as unhas na palma da mão. Tinha as maçãs do rosto proeminentes, o queixo firme e bem definido, os olhos impressionantes escondidos por umas sobrancelhas pretas e imponentes... Naturalmente, a mãe era uma atriz de cinema espanhola espantosamente bonita e ele herdara a sua beleza. Num artigo sobre ele que lera uma vez, ilustrado com um primeiro plano do seu rosto, a jornalista elogiara aqueles olhos verdes e a longitude das suas pestanas.

Bella tinha os seus olhos. Engoliu em seco ao lembrar-se do que sentira quando os olhos azuis que a filha tinha ao nascer foram adquirindo uma cor de esmeralda inquietante no seu rosto inocente. Inocente, algo que Jax não era e nunca fora. Ter lido sobre as suas façanhas sexuais durante os dois últimos anos ajudara-a a entender que sempre fora um mulherengo egoísta e sem escrúpulos, mas ela fora demasiado ingênua e inexperiente para se aperceber de como era realmente. O coração acelerou e quis levar uma mão ao peito para o travar um pouco.

Então, entendeu a sua reação e espantou-a que, apesar de tudo, o seu corpo conseguisse continuar a reagir na sua presença. Ele levantou a cabeça do texto que estivera a ler e, num abrir e fechar de olhos, os seus olhares encontraram-se. Foi como uma descarga elétrica que lhe despertou sensações que quase esquecera e que não voltara a sentir. Sentia palpitações por dentro, não conseguia respirar e era como se lhe tivesse acariciado a pele. Então, esse instante acabou e Jax pô-la de parte e devolveu o texto a alguém enquanto comentava alguma coisa sobre a margem de lucros.

Ela ia aprendendo grego devagar, mas, quando estava numa situação desconhecida, sentia-se tão perdida como qualquer estrangeiro que não soubesse grego. Além disso, naturalmente, Jax ia deixá-la de lado. Pensara que ia cumprimentar uma trabalhadora tão ínfima como uma empregada de mesa? Cerrou os dentes e interrogou-se como reagiria se lhe dissesse que era pai. Negá-lo-ia com fúria. Dissera-lhe muito claramente que não queria ter filhos. Nesse caso, devia ter tido mais cuidado e certificar-se de que não a deixava grávida.

Jax tinha os traços rígidos, como que cinzelados em granito, e não voltara a olhar para ela. Também não era preciso. Essa imagem fugaz perfurara-lhe o cérebro. Podia saber-se o que fazia em Atenas? O seu aparecimento onde estava era uma montagem? Porquê? Ele já não acreditava nas aparências. Não acreditara em Gemma e aprendera com o erro monumental que cometera.

Sentiu o sabor amargo da bÍlis quando recordou brevemente o que lera no relatório do seu historial: Uma série de crimes relacionados com as drogas e condenações por... prostituição. Sentira-se como um idiota. Fora a correr para a ver, para lho atirar à cara, embora fosse demasiado tarde, até ver com os seus próprios olhos quem era, até a ver num beco a entregar a um homem o que ele demorara semanas a ter.

O nojo apropriara-se dele e recordara a promiscuidade da mãe e as promessas em vão de fidelidade. Vira-a a enganar mais de um homem que a adorava. O pai não sabia porque não se atrevera a perguntar como fora a vida com a mãe, mas Heracles não fora o único homem que Mariana devorara e cuspira em mil pedaços. Quanto a Gemma, era uma mentirosa e uma ladra e ele não perdoava a traição. Todo o episódio fora sórdido. Então, porque estava a recordar que, com ela, tivera as relações sexuais mais desenfreadas e ardentes da sua vida? Sem conseguir remediá-lo, umas imagens obscenas e explícitas encheram-lhe a cabeça, embora tentasse mantê-las afastadas para continuar a falar do projeto que estava na mesa. Ficou rígido de raiva e com uma ereção dura como uma pedra. Como se atrevia sequer a entrar numa divisão onde ele estava? Sempre pensara que não herdara o mau feitio e a capacidade para guardar rancor do pai, mas, naquele momento, percebia que se enganara. Se tivesse podido expulsar Gemma aos pontapés, tê-lo-ia feito!

Um dos guarda-costas agarrou-a pelo cotovelo e afastou-o dos seus pensamentos e dos seus planos de vingança. Apontou para o café que estava no carrinho e inclinou a cabeça para o chefe, indicando, com certa impaciência, que continuasse o seu trabalho.

Vermelha como um tomate, Gemma tentou comportar-se com naturalidade, mas teve de fazer um esforço enorme para chegar até ao carrinho e servir uma chávena de café quando o que queria era esvaziar a cafeteira na sua cabeça arrogante e detestável. Pousou a chávena, com a mão trémula, ao lado do seu cotovelo, mas não olhou para ele nem mostrou aperceber-se da sua existência. Depois, tirou o lanche e encheu as chávenas, antes de fazer um sinal ao empregado que estava junto da porta, quando um dos homens pediu um copinho de *ouzo*.

Jax, com movimentos quase inapreciáveis da cabeça, seguiu cada movimento de Gemma como um predador a calcular o ataque. A memória deslumbrou-o. Uma pele tão delicada como a porcelana mais fina, os seus dedos entre os caracóis dourados espalhados pela almofada, um corpo esbelto e pequeno com umas curvas pequenas e surpreendentemente

sensuais que se arqueava para ele... Naquele momento, era um pouco mais... arredondada do que antes, pensou, antes de voltar a sair daquele sonho tão impróprio dele para responder a uma pergunta. Há anos que não estava tão zangado e ardente.

O tolo podia ter-lhe agradecido por lhe dar o café. Até teria bastado que fizesse um gesto com a cabeça, mas, claro, Jax sempre impusera a sua lei. Era desumano, inflexível e desconfiado. Fora feito para triunfar, sobreviver e prosperar como se o tivesse nos genes... e talvez o tivesse. A possibilidade de Jax Antonakos assentar com uma empregada humilde só podia ter existido na mais desatinada das fantasias. A amargura embargou-a e a raiva foi como uma chama dolorosa que explodiu por dentro. Quem é que Jax Antonakos pensava que era para a desprezar daquela maneira?

Jax chamou Zenas, o chefe do seu serviço de segurança, com um gesto quase impercetível da cabeça e deu-lhe um bilhete. Zenas recuou ao lê-lo e a perplexidade refletiu-se por um instante no seu rosto, antes de a disciplina se impor e de sair da sala para cumprir a tarefa que o chefe lhe pedira.

Ela prestou pouca atenção a essa manobra, mas ficou tensa quando o seu chefe apareceu à porta e a chamou com um gesto para que saísse para o corredor. O homem observou-a com atenção e com o sobrolho franzido.

– O senhor Antonakos quer falar contigo em privado quando acabar a reunião. Não sei se o teu pai gostaria...

Ela entendeu-o imediatamente. Andreus não sabia que ela já conhecia Jax, achava que ele estava a tentar... seduzi-la.

– Por favor, não conte ao meu pai.

Ela não queria que se estabelecesse uma relação, porque se se estabelecesse, os segredos poderiam revelar-se. Andreus abriu a porta de uma sala mais pequena que havia do outro lado do corredor.

– Espera aí... mas só se quiseres – acrescentou ele, sem disfarçar a intenção. – Isto não tem nada a ver com o teu emprego aqui nem comigo. Aceitei transmitir-te o pedido porque não quero ofender um homem tão poderoso.

Gemma sentiu uma raiva dolorosa ao imaginar o que o seu empregador estaria a pensar. Jax não se importava com as aparências, nunca tivera de se preocupar com elas. Quase não aproveitou a oportunidade de dizer a Jax o que pensava dele, mas estava demasiado nervosa, tinha demasiado presente o que acontecera da última vez que Jax considerara a sua mera existência reprovável. Então, pagara ao seu chefe em Espanha para a

despedir e ficara sem emprego e sem o alojamento que estava incluído. Esse era o poder que os ricos tinham. O chefe de então fora muito sincero e reconhecera que não podia permitir-se empregá-la quando lhe tinham oferecido tanto dinheiro para fazer o contrário e a temporada de verão fora má.

Passeou de um lado para o outro na sala que a governanta do hotel costumava usar como escritório e pensou que era uma sorte que Jax não estivesse alojado ali, pois tê-la-ia chamado ao seu quarto. Porque exigira que se reunisse com ele depois de a deixar de lado? Isso não tinha sentido do ponto de vista dele. Ao fim e ao cabo, abandonara-a há dois anos sem lhe dar uma explicação. Também não lhe ligara e, quando ela tentara entrar em contacto com ele, tinham bloqueado as suas chamadas. Ou se cansara dela ou ela fizera ou dissera alguma coisa que o ofendera.

Doía-lhe lembrar-se de todas as semanas que se atormentara a questionar-se o que fizera para o incomodar. Porém, nada podia justificar o que fizera depois, que fizesse com que a despedissem e que a obrigasse a sair daquela zona como se fosse uma vagabunda que o ofendia com a sua presença. Isso era o que menos conseguia perdoar.

– Tem exatamente três minutos ou perderá o avião – disse Zenas a Jax, à porta da sala.

Jax entrou enquanto se interrogava se seria verdade que as pessoas precisam de resolver certas vivências, pois não conseguia imaginar outro motivo para ainda sentir a necessidade de enfrentar Gemma. Há dois anos, não quisera vê-la ou falar com ela, mas, provavelmente, a curiosidade era maior do que estava disposto a reconhecer.

– Pode saber-se o que fazes em Atenas? – perguntou ele, com a tensão refletida na cara.

Gemma parou de olhar pela janela, virou-se e tremeu por dentro ao ter Jax ao alcance da mão. Era muito alto e irradiava ondas de uma autoridade e uma energia inquietantes. Levantou a cabeça, mas teve de a inclinar para trás para ver por cima do seu peito. Não era a primeira vez que a sua estatura lhe parecia um defeito. Muitas vezes, as pessoas não a levavam a sério ou não a tratavam como uma adulta, pois tinha quase o tamanho de uma criança.

– O que tem a ver contigo? – perguntou ela, no mesmo tom do que ele.

Jax observou-a com um brilho de raiva nos olhos verdes porque ninguém, e muito menos o seu pai, o desafiava há dois anos.

– Responde! – ordenou ele, com impaciência.

– Não tenho de te dar nenhuma resposta, não tenho de te dizer nada.

Gemma respondeu num tom provocante que denotava uma familiaridade profunda e indesejada com Jax.

– Vais responder-me – insistiu Jax, num tom implacável.

Ela inclinou a cabeça para trás com uma mão na anca. Os caracóis avermelhados caíram-lhe sobre os ombros e o cabelo emoldurava-lhe a cara e realçava o azul desafiante dos seus olhos e o tom cor-de-rosa dos seus lábios carnudos. Então, quis deitá-la na mesa e dominá-la da única forma que realmente a dominara, com a paixão abrasadora que era o fundamento do seu caráter. Por um instante, imaginou o seu calor húmido e sentiu-se excitado.

Recordou-se que tivera uma relação tóxica, que brincara com ele como uma farsante, com as suas mentiras e a sua falsa inocência. A raiva apropriou-se dele como uma bola de fogo.

– Se não me responderes, vais lamentar – ameaçou Jax, com o sangue a bulir.

Uma pontada de medo deu-lhe a volta ao estômago. Até o seu chefe lhe recordara que Jax era demasiado influente para o desafiar. Sabia que podia causar-lhe problemas e que até poderia afetar o pai se não tivesse cuidado. Talvez o odiasse, mas seria um disparate arriscar-se.

– O que faço em Atenas? – repetiu ela, inexpressivamente. – Finalmente, comecei a procurar o meu pai biológico e encontrei-o aqui...

– Mas isso era mentira – interrompeu Jax, com uma certa perplexidade. – Não tens um pai grego.

Ela franziu o sobrolho com uma confusão sincera.

– Mentira? Não sei do que estás a falar. Acho que a minha certidão de nascimento é tão confiável como a de qualquer pessoa. Neste momento, estou a viver com o meu pai e a esposa dele.

– Isso é impossível!

Jax ficou rígido quando uma leve pancadinha na porta o avisou de que não tinha tempo se quisesse chegar ao aeroporto. Virou o seu corpo esbelto para a porta para se ir embora, impulsionado pelo bom senso e pelo pragmatismo.

– Só quero que saibas que te odeio e que nunca te perdorei pelo que me fizeste.

Na verdade, queria gritar e precipitar-se sobre ele, dando-lhe murros por a ter magoado tanto.

– Eu não te fiz nada – defendeu-se Jax, sem se alterar.

– O que me fizeste foi desumano e desnecessário! Fizeste com que me despedissem, deixaste-me sem dinheiro e alojamento e obrigaste-me a voltar para o Reino Unido quando não tinha nada lá!

Ele arqueou uma sobrancelha por causa dessa acusação de a maltratar e voltou a virar-se para ela quando se ouviu outra pancadinha na porta. Podia ser muitas coisas, mas sempre se orgulhara de nunca ter tratado mal uma mulher.

– Não tenho tempo e também não devia arranjá-lo – reconheceu ele, num tom sombrio. – És uma mentirosa e uma farsante...

– O que haverias de dizer? Queres reescrever a história porque, agora, te consideras acima de todos – acusou Gemma, enquanto pensava na sua filhinha inocente –, mas nunca te menti nem te enganei e tu nunca pensaste nas consequências, pois não?

Queria o número de telefone dela, mas não tencionava pedir-lho. Sabia o que era e não queria ter nada a ver com ela. Uma vez tomada essa decisão e sentindo-se estimulado por o ter feito, não pôde entender porque se tornara um homem com dupla personalidade e lhe disse para se encontrar com ele para beber alguma coisa na noite seguinte num pequeno bar que costumava frequentar no passeio marítimo, uma guarida para os seus momentos de quietude que os *paparazzi* ainda não tinham descoberto. Quando se foi embora, começou a arrepender-se de ter feito isso e cerrou os punhos. Podia saber-se porque o fizera? Porém, o que quisera dizer com «consequências»? Além disso, como era possível que tivesse um pai grego se o relatório dizia que não tinha?

Só sentia curiosidade e isso não tinha nada de mal nem de estranho. A libido não tomara as rédeas, pensou, com convicção. Algumas lembranças tinham-no excitado um pouco ao vê-la outra vez, mas não era algo digno de ter em conta. Todos os homens se lembravam das relações sexuais especialmente boas. Mais ainda, ele tinha um caderno preto do tamanho de uma lista telefónica a que recorria quando lhe apetecia ir para a cama com uma mulher e estava de viagem. Ele vivia nesse mundo e não podia sentir-se tentado outra vez por uma farsante manipuladora como Gemma Dixon, refletiu, com satisfação.

Naturalmente, ter-se transformado no herdeiro de Antonakos fazia com que fosse muito mais cético com as mulheres. Já não fazia caso às histórias lacrimogéneas nem deixava que o seu cavalheirismo inato o governasse. Nesse momento, a visão de uma mulher em apuros causava-lhe aversão. Sabia por experiência que aquelas mulheres costumavam causar mais

problemas do que outra coisa. Quantas vezes não tivera outro remédio senão salvar a mãe porque o homem que enganara se tornara violento ao descobrir as suas mentiras ou quando precisara que a internasse em algum lugar discreto para se reabilitar antes de ser vista em público outra vez? Quantas vezes tivera de mentir para a proteger?

No fundo, sempre soubera que a mãe era um ser humano egocêntrico e desequilibrado que não merecia o seu cuidado e o seu respeito. Fora por isso que Tina, a irmã mais nova, morrera. A negligência egocêntrica de Mariana causara o incidente em que a menina se afogara. Porém, só tinha catorze anos, o que podia ter feito quando tantos adultos tinham presenciado o ritmo disparatado da vida da mãe e não tinham feito nada para proteger os filhos dela?

Gemma voltou para casa, pensativa. Naturalmente, não iria. Para que serviria? Bella! Jax era o pai, mesmo que não gostasse, mas sabia que não ia gostar dessa notícia. Além disso, porque se importava tanto com o facto de ela estar na Grécia? Não era muito provável que se encontrassem na vida quotidiana. Jax vivia em iates, aviões privados e ilhas privadas, não se dava com as pessoas trabalhadoras e normais.

Porém, o desespero estava prestes a dominá-la e não sabia porquê. Magoara-a voltar a ver Jax e muito mais do que esperara. Tivera lembranças que não queria ter. Amara-o e, pela primeira vez na sua vida, confiara num homem. A sua mudança repentina devastara-a, pois entregara-se tanto que se sentia necessitada sem ele.

Mesmo assim, ele continuava solteiro. Tivera a certeza de que se casaria com a herdeira rica que o pai escolhera, a encantadora Kat Valtinos. Ainda que, claro, Jax fosse teimoso como uma mula. Tentar fazer com que Jax fizesse uma coisa que não queria fazer era como empurrar uma rocha pela encosta acima.

Kat Valtinos organizara a festa onde ela conhecera Jax, no iate imenso do pai dele. Acontecera há dois anos. Então, Jax estava a organizar um complexo turístico na costa de Espanha. Quando a empresa de catering organizou uma animação com um excesso de reservas, Kat percorreu pessoalmente todos os bares para procurar mais empregadas.

– Vocês servirão – dissera a Gemma e a Tara, olhando para elas de cima a baixo, como se estivesse a escolher *strippers*. – São jovens e sensuais, como os homens gostam. Tu maquilha-te demasiado e tu mostras pouca perna e pouco decote – criticara.

Não o teria feito se não pagassem tão bem, mas, naquela época, tinha

um salário e não recebia gorjetas e tinha de se conformar com pão duro e passar fome. O chefe não lhes dava refeições nem tinham nada para cozinhar nas águas-furtadas, quentes como um forno, que havia por cima da cozinha do restaurante. Qualquer bônus era muito bem recebido naquela época.

A festa estivera cheia de homens fanfarrões e agressivos que se gabavam na companhia de Antonakos e bebiam demasiado. Um deles encurralara-a na coberta inferior quando tivera de ir buscar garrafas para o bar. Tentara afastá-lo e Jax intervieria. Jax, com um cabelo preto com reflexos azulados que lhe chegava até aos ombros e uns olhos verdes que resplandeciam como pedaços de vidro, afastou-o com um ar implacável e deu-lhe um murro sem hesitar.

– Estás bem? – perguntara o homem mais impressionante que vira na sua vida. – És tão pequena... magoou-te?

– Só um pouco – respondera, num tom trémulo.

Tivera a certeza de que Jax a salvara de uma agressão grave porque, com a festa barulhenta da coberta superior, a coberta inferior estava vazia e ninguém a teria ouvido se gritasse.

– Recupera! – ordenara Jax, enquanto a levava para uma sala luxuosa e ela se deixava cair numa poltrona. – O que fazias aqui em baixo?

Ele dera instruções para que um membro da tripulação repusesse as bebidas do bar e ela ficou a olhar para ele como se fosse completamente tola, intimidada com tudo o que se relacionava com ele, desde o fato cinzento-claro feito à medida e os sapatos feitos à mão até às maçãs do rosto proeminentes e à sua boca cinzelada. Porém, o que mais a impressionara fora os seus olhos verdes, a preocupação sincera que vira neles. Tinha uns olhos incríveis e o seu sorriso, muito pouco comum, fora como um raio de sol num dia nublado.

– Estás bem? – repetiu ele.

Não, a verdade era que não voltara a estar bem desde aquele dia. Havia algo de que precisava para sobreviver e que se rarefez, que mudara para estar com ele, embora tivesse sido contra o seu bom senso, o pragmatismo e a sua própria experiência. Efetivamente, não voltara a ser a mesma.

Capítulo 3

Corroía-a o remorso quando finalmente entrou no autocarro que a levaria ao passeio marítimo. Tivera de mentir a Iola para sair. Contara-lhe que ia sair com outras duas empregadas. Para que se sentisse ainda pior, Iola ficara contente por saber que a enteada ia sair finalmente para se divertir e encorajara-a a maquilhar-se e a vestir o vestido branco e vaporoso que lhe oferecera há algumas semanas. Porém, como podia reconhecer que ia sair com o pai de Bella?

Ao fim e ao cabo, já mentira quando dissera que não tinha forma de entrar em contacto com o pai da filha. Kreon e Iola tinham olhado para outro lado por causa da preocupação e da vergonha e tinham presumido que não sabia o nome desse homem. Naturalmente, uma mentira levava a outra e aborrecia-a não poder ser mais sincera, mas Kreon subiria pelas paredes se descobrisse que Jax era o pai de Bella e não queria que Antonakos o magoasse.

Contudo, porque ia ter com Jax quando jurara que nunca mais o faria?

Evidentemente, estava a pensar nas necessidades da filha e questionava-se se existia a mínima possibilidade de Jax ter mudado de opinião sobre as crianças e estar disposto a receber a notícia de que era pai com agrado. Ela tinha a obrigação de lhe dizer que tinha uma filha, pensou, com firmeza enquanto o coração acelerava e lhe custava respirar devido à perspetiva de voltar a ver Jax.

Também se repreendeu enquanto passava pelos bares cheios de pessoas e ignorava os homens que a chamavam. Era um homem muito bonito e, naturalmente, ela percebera, mas não havia mais nada. Já não era uma juvenzinha impulsiva, já sabia como ele era e o que queria.

Jax saiu do bar com Zenas atrás dele. O resto dos guarda-costas estava à distância. Não soube porque estava ali até ver Gemma com o vestido vaporoso que formava redemoinhos ao redor dos joelhos e com o cabelo vermelho que lhe caía sobre os ombros à luz das luzes. Então, soube

porque fora, amaldiçoou esse arrebatamento de luxúria animal e a irritação apropriou-se dele quando sentiu uma tensão crescente por baixo das calças de ganga. Uns homens viraram-se para olhar para ela quando passaram ao seu lado e Jax cerrou os dentes.

– A... empregada? – perguntou Zenas, num tom brincalhão, das sombras.

– Esta conversa tem de ser privada – disse Jax ao seu amigo da escola.

Tranquilizava-o que Zenas tivesse entrado no seu serviço de segurança no ano anterior e não soubesse que já conhecia Gemma. O guarda-costas atravessou a rua obedientemente e sentou-se num banco. Jax levantou o jornal, pois não queria continuar a ver Gemma, que se aproximava dele. Satisfaria a sua curiosidade, ouviria as respostas dela e ir-se-ia embora. Não haveria mais nada pessoal.

Gemma viu Jax à porta do bar. Tinha a cabeça morena e arrogante inclinada, o perfil anguloso estava iluminado pela luz dourada das luzes e o cabelo continuava a ser suficientemente comprido para ondear com a brisa. Foi como se o coração ricocheteasse como uma bola de borracha, pois não conseguia evitar reviver a excitação que despertava sempre nela. Sentia formigueiros por dentro, os mamilos endureciam e derretia-se entre as coxas. Todo o corpo aquecia e isso envergonhava-a enormemente.

Sentou-se e Jax levantou o olhar.

– Pelo menos, és pontual, por uma vez. Suponho que te tenhas apressado...

Gemma pestanejou e mordeu a língua. A sua falta de pontualidade sempre enfurecera Jax, que não suportava que o fizessem esperar e nunca entendera que, algumas vezes, o tempo não chegava. Ele sempre dissera que ser impontual era de má educação e indefensável. Ainda que, claro, Jax, eminentemente pragmático e cheio de iniciativa em situações complicadas, jamais tivesse tido a fraqueza de sonhar acordado.

Porém, sonhar acordada sempre fora a sua escapatória para as situações adversas. Quando não encaixava nas muitas escolas por onde passara, subia para uma nuvem na sua mente e fugia a flutuar. Quando a vida era especialmente árdua, consolava-se com a fantasia e sonhava com um mundo onde tinha amor, felicidade e segurança.

Fez um esforço para afastar os pensamentos e verificou que Jax a observava com impaciência, como se soubesse que se deixara levar pelos pensamentos. Sentiu a boca seca e, para fazer alguma coisa, virou o jornal dele e reparou na notícia de um caso de custódia que recebera muita

atenção na imprensa.

– Meu Deus! – exclamou ela, enquanto passava um dedo pelo título e o traduzia. – O pai ficou com o filho? Como podem arrebatar um filho à mãe?

Jax encolheu os ombros com indiferença e chamou o empregado.

– Porque não? O mundo mudou. Os pais e as mães já são iguais.

– Sim, mas...

– Lê e verás porque o tribunal de família tomou essa decisão – interrompeu Jax.

– Não consigo ler suficientemente bem em grego – reconheceu ela.

– O pai está disposto a trabalhar em casa para estar com o filho enquanto a mãe o deixaria na creche todo o dia. Em qualquer caso, porque estamos a falar disto? – perguntou Jax, com impaciência.

– É um assunto interessante – respondeu Gemma, num tom cortante. – A mãe é paramédica e não pode trabalhar em casa.

– Enquanto o pai ama o filho e quer o melhor para ele, que é o que devia ser – replicou Jax, enquanto deixavam uma garrafa de vinho e uns copos na mesa.

Uma pontada gélida de medo atravessou-a enquanto um copo de vinho aparecia à frente dela.

– É o que sentes?

– Não estamos a falar de mim. Não vou ter filhos – acrescentou Jax, com uma careta de ceticismo. – Não quero as complicações nem as responsabilidades, mas se tivesse um filho, não ficaria de braços cruzados e não permitiria que uma mulher mo arrebatesse, mais ainda, não o permitiria por nada do mundo.

O pânico apropriou-se dela e pegou no copo de vinho. Essa possibilidade, o medo de perder a filha, não lhe passara pela cabeça. Porquê? Era possível que Jax não quisesse ter filhos, mas era muito possessivo. O que era dele, era dele, não o partilhava, nem sequer deixava que outra pessoa olhasse ou tocasse. Tratara-a assim e enfurecera-a ao querer possuí-la de corpo e alma e controlar tudo o que fazia. O que aconteceria se lhe falasse de Bella e quisesse fazer o mesmo com a filha? Embargada pelo medo, decidiu que não diria nada sobre Bella até se aconselhar legalmente. Na verdade, o caminho legal podia ser o melhor caminho para lhe transmitir a notícia. Seria mais impessoal e, provavelmente, evitaria o confronto e os maus sentimentos. Nesse momento, não podia dizer a Jax que era o pai da filha e que não pudera

dizer-lhe que estava grávida devido à forma como se comportara depois de acabarem. Não fora culpa dela, recordou-se, fora culpa dele.

– Quando vieste para Atenas? – perguntou Jax, para mudar de assunto.

– Há seis meses. Custava-me chegar ao final do mês em Londres.

Gemma revirou os olhos, pois isso mal servia para o descrever, e bebeu vários goles de vinho para ganhar forças.

– Quando falámos em Espanha, não tencionavas procurar o teu pai – recordou-lhe ele, com o sobrolho franzido. – Pensava que tinha renegado a tua mãe e disseste...

– Enganei-me. Quando precisei de ajuda, o meu pai ajudou-me – reconheceu Gemma. – Porque me pediste para vir?

Jax observou-a. Estava a beber um gole de vinho e mexia um dedinho ao longo do copo com os lábios carnudos e húmidos. Ele, como um adolescente com cio, recordou o que sentira com essa língua e excitou-se.

– Jax... – insistiu ela, pousando o copo.

Ele, com a tensão refletida no rosto, encheu-lhe o copo. Tentara ensiná-la a escolher o vinho, a saboreá-lo realmente, e ela continuava a bebê-lo quase de um gole como se fosse um vinho conflituoso. Essa fora outra das lições que tinham acabado inexplicavelmente entre os lençóis. Ainda que, claro, nada tivesse corrido segundo o previsto com Gemma. A sua disciplina desaparecera. Levara-a às compras e possuía-a contra a parede do provador enquanto lhe tapava a boca com a mão para amortecer os gritos. Efetivamente, ela ganhara esse vestido vermelho que, depois, a vira a usar enquanto entregava o seu corpo a outro homem.

– Porquê? – voltou a perguntar Gemma, com certo desespero devido ao silêncio dele.

Jax fez um gesto com a cabeça a Zenas e falou com ele em voz baixa quando se aproximou.

– Iremos para um sítio mais... privado.

Gemma observou aqueles olhos brilhantes e abrasadores como esmeraldas e ficou rígida.

– Não.

– Não sei o que estava a pensar. Aqui, não podemos falar.

Ou discutir, pensou Jax, ao aperceber-se de que o mais provável era que se trocassem recriminações quando a interpelasse.

Gemma bebeu outro gole de vinho para tentar dominar-se e pensar com calma antes de falar.

– Não quero ir a lado nenhum contigo.

– Não sejas mentirosa – avisou Jax, com ironia. – Não demoraria cinco minutos a ter-te na cama, se quisesse... mas não quero.

A pele branca de Gemma foi ficando vermelha a pouco e pouco e observou-o, espantada com a sua crueldade.

– Não consigo acreditar que disseste isso.

Jax voltou a encolher os ombros com um brilho muito eloquente nos seus olhos impressionantes.

– Simplesmente, é o que ambos pensamos.

Gemma irritou-se e endireitou-se.

– Não, não é. Fala por ti.

– Uma vez, acreditei no truque da virgem, mas não tentes a sorte, *koukla mou* – aconselhou Jax, enquanto se levantava. – As santas e virtuosas não têm nada a ver comigo.

– Não me chames isso, não sou a boneca de ninguém!

Sabia o que queria dizer isso em grego porque o pai costumava dizer isso a Bella.

– Não tentes a sorte, Campaigna.

Essa fora uma alcunha familiar e ouvi-la foi como uma navalhada. Ficou pálida porque a levava para um sítio para onde não queria ir, para uma época em que achara que a amavam e que estava a salvo. Porém, fora uma mentira desumana. O que mais lhe doeu foi que adorara aquela mentira e que desejara que durasse para sempre, como nos contos de fadas.

– Ainda não me disseste de que se trata tudo isto – replicou ela, enquanto acabava o vinho com pequenos goles que lhe queimavam na garganta. – Vou ficar aqui.

Uma limusina prateada chegou com um sussurro. Estavam numa zona pedonal e aquele carro não devia estar ali, mas os dois polícias que patrulhavam a rua não fizeram nada para o impedir.

– Entra no carro ou terei de te obrigar – avisou Jax, num tom ameaçador.

A teimosia dela acabara com a sua pouca paciência. Cometera um erro. Virou a cabeça e viu que Zenas estava pasmado e que ouvira a ameaça.

– Não te atreverás – desafiou-o Gemma, entre gargalhadas.

Atreveu-se. Levantou-a da cadeira e sentou-a no banco traseiro da limusina como se estivesse a recuperar um pacote perdido e percebendo que os guarda-costas o observavam como se tivesse enlouquecido. Porém, era culpa de Gemma. Nunca fazia o que lhe dizia, nunca aceitava que ele sabia o que tinha de fazer. Além disso, toda a situação se descontrolava e

podia culpar-se porque, para começar, não devia ter saído com ela. Porque haveria de se importar com o que acontecera há dois anos?

Mentira-lhe para ganhar a sua compaixão e enganá-lo, fingira que era mais jovem e inocente do que era realmente. Ele já sabia porque o fizera. Mentira para o impressionar porque era rico e, naquela época, ela era impulsionada pela cobiça e pela vontade de subir no mundo. Centenas de mulheres o tinham perseguido de mil maneiras pelo mesmo motivo. Então, porque é que o engano dela ainda lhe ardia?

Também entrou no carro, irradiando tensão e com um brilho de raiva nos olhos verdes. Gemma observou-o fixamente.

– Ainda tens muito mau feitio – queixou-se ela. – Além disso, acabaste de me raptar e a polícia não fez nada...

– Talvez devesse ter gritado e ter resistido um pouco para mostrar medo – troçou Jax.

Estava convencido de que ela, no fundo, estava contente por estar outra vez na sua limusina e de que o mais provável era que já estivesse a pensar em como tirar proveito à sua aventura em Espanha.

Não ia conseguir, jurou-se, enquanto olhava para outro lado. Ela observava-o como se fosse uma aranha que tencionava tecer uma rede para o apanhar. Por outro lado, ele poderia brincar com ela como ela brincara com ele uma vez e, além disso, poderia fazer o que quisesse com ela. Essa ideia deixou-o atónito, pois não costumava brincar com as mulheres. Porém, não podia negar que a ideia de brincar com Gemma o excitava imenso.

Gemma respirou fundo para se tranquilizar. Reparou no homem que tinha ao seu lado, no tecido fino das calças que rodeava as coxas poderosas e no seu... membro. Olhou para ele por um segundo, antes de desviar o olhar apressadamente, pois a ereção era evidente. Estava sempre a pensar em sexo? Corou porque tinham tido uma relação muito física. Durara seis semanas, embora só tivessem... sido íntimos durante as duas últimas, mas percebera que o sexo era incrivelmente importante para Jax e não disfarçava nem continha esse impulso. Ao fim e ao cabo, tinham concebido Bella num arrebatamento num provador, recordou-se, com humilhação. Tentara resistir, mas não conseguia resistir a Jax quando o corpo ardia como um fogo que não conseguia sufocar.

– Odeio-te – declarou, ainda a pensar naquele provador onde não usaram proteção.

– Porque te descobri ou porque te deixei? – perguntou ele, com certo

aborrecimento.

Gemma cravou as unhas nas palmas das mãos. Dissera a verdade, odiava-o. Na verdade, a ideia de se vingar de Jax dava-lhe forças. Ele tinha uma segurança em si próprio insuportável, tinha a certeza de tudo o que fazia, algo que não acontecia com ela. Era inteligente, triunfante e rico. As mulheres também o adoravam como o deus grego que parecia.

– Para onde me levas? Porque queres falar comigo? Já é tarde, não é?

– A sério? – perguntou Jax, enquanto carregava num botão para abrir um bar.

– Não te entendo! – exclamou Gemma, com desespero.

– Nem tens de entender.

Jax deu-lhe uma taça espumosa de champanhe. Estava perturbada, via-o nos seus olhos azuis, e sentiu um certo remorso, embora, naturalmente, estivesse a fingir, pensou, com raiva. Como costumava dizer-se, «se me enganares uma vez, a culpa é tua, mas se me enganares duas, a culpa é minha».

Sabia que Gemma podia fazer uma representação digna de um prémio, mas ele conseguiria o que queria. Conseguiria respostas, faria com que ela chorasse, com que se justificasse e ficasse aos seus pés. Esboçou um ligeiro sorriso devido à ideia de ter Gemma aos seus pés. Gemma de joelhos para o agradar... Exatamente o que o médico receitaria a um multimilionário aborrecido.

No fundo, era por isso que se comportava de uma forma tão estranha. Estava aborrecido. Aborrecia-se com os elogios e com todas essas mulheres ávidas por o agradar. Bom, Gemma nunca o elogiara. Discutira com ele, criticara-o e enlouquecera-o mil vezes. Mesmo assim, estivera com ela seis curtas semanas salpicadas com viagens de trabalho que os tinham separado. Seis semanas... Isso dava-lhe que pensar. Porque recordava tantas coisas quando lhe custava lembrar-se do nome de uma mulher com quem fora para a cama há uma semana? Porque lhe ferira o orgulho. Decidiu que esse era o único motivo por que se lembrava dela. Bom, isso e as relações sexuais ardentes e plenamente satisfatórias.

Gemma bebeu um gole de champanhe e sentiu um formigueiro no nariz. Tinha gotas de suor na testa, sentia-se sem o controlo da situação e não gostava. Estava no carro de Jax e não sabia para onde a levava ou porque queria falar com ela depois de tanto tempo.

– Quero ir para casa – declarou ela, bruscamente.

– Não, não é verdade.

– Não confio em ti. Não quero estar a sós contigo – insistiu ela, num tom cortante.

– A minha governanta vive na casa – murmurou Jax, inexpressivamente.

– Como se fosse mudar de opinião por isso! Nenhum dos teus empregados te contrariaria. Achas que sou tola?

– Um pouco histérica – indicou ele. – Além disso, não mereço isso, nunca te magoei.

– Mas os teus empregados magoariam, se lhes pedisses. Há dois anos, tiraram-me do Sea Queen de rastos e magoaram-me – recordou-lhe Gemma.

Jax virou a cabeça e olhou para ela com o sobrolho franzido enquanto a limusina parava.

– Pode saber-se do que estás a falar?

Ela saiu para um caminho iluminado que levava a uma *villa* muito moderna e de um tamanho impressionante. Estava frio e sentiu-se um pouco enjoada. A taça de champanhe fora excessiva. O álcool sempre a afetara.

– Falaremos disso lá dentro – continuou Jax, com impaciência. – Vamos...

Como se metera nessa situação, questionou-se ela, com raiva. Não sabia onde estava e não sabia como podia voltar para casa. Devia ter feito uma cena quando a levantara da cadeira do bar, mas tivera vergonha. Em certos momentos, Jax era imparável e não se importava com o que os outros pensavam, só com ele próprio.

– Quero que um táxi me leve a casa. Neste momento...

– Achava que estavas desejosa de me contar o que se passou no iate – murmurou Jax, num tom amável em que ela não acreditou.

Gemma mexeu-se com incerteza. Viu os guarda-costas e a mulher que esperava na porta principal para os receber. Cerrou os dentes e fez um esforço para seguir Jax até ao vestíbulo. Havia tantos espelhos e reflexos que se desorientou e não disse nada quando Jax lhe pôs uma mão nas costas para a dirigir para uma sala imensa decorada com sofás e obras de arte modernas e monocromáticas.

– Tiraram-te do iate... – comentou Jax, em voz baixa. – Quando aconteceu?

– Duas semanas depois da última vez que te vi em Espanha...

– Eu já não estava lá. Conta-me o que aconteceu.

– Fui procurar-te e disseram-me que não estavas a bordo do Sea

Queen...

– E era verdade.

– Esse empregado era horrível. Chamou-me de tudo e maltratou-me.

– Como te maltratou? – perguntou Jax, que ficara imóvel.

– Disse-lhe que não ia sair dali até me darem um número ou uma morada para entrar em contacto contigo. Talvez tenha sido uma tolice. Em qualquer caso, esse tipo grande e careca tornou-se agressivo, disse que era uma... rameira e arrastou-me pela coberta e pela passarela. Caí, arranhei os joelhos e os cotovelos e ninguém me ajudou. Além disso, alguém chamou o serviço de segurança do porto e acusaram-me de entrar numa zona proibida. Foi atroz.

Ele franzira as sobrancelhas, cor de ébano.

– Recuso-me a acreditar que alguém da tripulação fosse tão violento com uma mulher...

– Acredita, porque aconteceu!

– Também não acredito que houvesse maus-tratos... verbais, mas posso confirmar que não iam dar-te o meu número de telefone ou a minha morada porque dei essa ordem – reconheceu ele, num tom sombrio.

– Porquê? O que achavas que ia fazer? Achavas que ia cometer um ato terrorista contra ti ou que ia perseguir-te?

– Não queria que te tornasses um problema – esclareceu, inexpressivamente.

Afastou-se por um instante, pois as lembranças estavam a misturar-se com os seus pensamentos. O que sentira por ela fora demasiado intenso. Nesse momento, retrospectivamente, apercebia-se de que a sua reação fora excessiva ao descobrir como ela era realmente e recuara para se proteger. Parecera-lhe que não podia voltar a vê-la ou falar com ela.

– Não entendo porque foste ao iate ou porque tentaste entrar em contacto comigo outra vez – comentou ele, num tom cortante, enquanto voltava a virar-se para ela.

As recriminações acumularam-se na boca, mas engoliu-as, pois não queria falar da existência de Bella no meio de uma discussão acalorada. Era possível que Jax parecesse gélido e inexpressivo como um glaciador, mas a tensão era terrível.

– Naturalmente, tentei entrar em contacto contigo, mas desapareceste. Não voltei a saber de ti. Qualquer pessoa queria uma explicação...

– A explicação era muito evidente. Tinha-me aborrecido – murmurou Jax, com desdém.

– Algumas vezes... és muito... desagradável – balbuciou ela, sem acreditar que a humilhasse dessa forma.

– Põe as cartas em cima da mesa, *koukla mou*, e é possível que também as ponha.

– Não sei onde queres chegar.

– Deixa de te fazer de vítima! – ordenou ele, com impaciência. – Contaste-me muitas mentiras e...

– Não é verdade! – interrompeu, com fúria.

O desespero embargou-o. Gemma andava de um lado para o outro com os olhos azuis fixos nele. O candeeiro de pé que havia atrás dela fazia com que o seu vestido cor-de-rosa fosse quase transparente e revelava o contorno dos seus seios pequenos e suculentos e a sombra rosada dos mamilos. Excitou-se imediatamente.

– Que mentiras? – continuou Gemma, enquanto observava o movimento elástico do corpo dele ao andar de um lado para o outro à frente dela.

Era tão bonito que ainda lhe cortava a respiração. Não era apenas o seu rosto e os seus olhos verdes impressionantes. Jax irradiava virilidade e força, desde a inclinação agressiva da cabeça arrogante até à amplitude dos ombros e à presença imponente das pernas compridas e musculadas. Observava-o com tanta cobiça que não conseguia concentrar-se. Os mamilos endureceram e sentiu essas palpitações quentes entre as coxas.

– Que mentiras? – insistiu ela, embora não conseguisse pensar com clareza.

Jax cerrou os dentes por causa da ereção. Acabara a conversa. Gemma enganá-lo-ia com as suas palavras até ele querer estrangulá-la. Além disso, porque estava a incomodar-se? Já não misturava os sentimentos com as mulheres. Não se interessavam pelas suas motivações nem pelos seus segredos mais profundos. Era tudo simples e sincero. Então, porque não estava a ser sincero consigo próprio? Não trouxera Gemma a sua casa para falar com ela, pois não? Olhou para ela atentamente e esboçou um sorriso sarcástico.

Era o sorriso de menino mau de Jax que vira centenas de vezes nas revistas. Não era o sorriso que fizera com que o coração acelerasse e com que se enchesse de amor. Era um sorriso sombrio e com um certo ar ameaçador e sensual. As poucas defesas que lhe restavam oscilaram. Recuou um passo para manter a distância e conservar o domínio sobre si própria. Jax, porém, agarrou-lhe uma mão com um movimento repentino e puxou-a. Depois, rodeou-a com os braços e levantou-a facilmente para a

apertar contra o seu corpo.

Era um momento decisivo e sabia. Sabia que podia empurrar-lhe os ombros para a soltar e a pôr no chão, mas nada era tão simples quando se tratava de Jax. Enquanto a punha no chão, passou-lhe os lábios pelo pescoço e tocou-lhe com a barba incipiente. Tremeu tanto que se sentiu enjoada. Além disso, o cheiro do seu perfume misturava-se com o cheiro viril e limpo da sua pele. Era um cheiro tão incrível que quis pôr o nariz no seu cabelo. Rodeou-lhe o pescoço com as mãos e agarrou-se como uma lapa durante uma décima de segundo, enquanto ele percorria o caminho até aos seus lábios afastados.

Só um beijo, concedeu-se, só um, mas o homem que já a seduzira uma vez com os seus beijos não estava disposto a trair o seu historial. Sabia sempre o que ela queria e dava-lho. Ensinara-a a desejar essa paixão abrasadora. Beijava-a e ardia em chamas. O desejo apoderava-se dela com cada movimento da língua. Retorcia-se com a respiração entrecortada, com toda a avidez que contivera.

Deitou-a numa superfície firme, embora também cedesse um pouco. Deitou a cabeça para trás enquanto lhe tirava o vestido para tocar num mamilo rosado. Depois, arqueou-se quando o introduziu no calor da boca. Sentiu um rio de lava por dentro que acabava entre as pernas. Deixou escapar um gemido de excitação enquanto lhe percorria o corpo com a boca.

Até se questionar como conseguira chegar a esse ponto e a resposta a espantar tanto que se soltou com veemência, caiu do sofá e se magoou na anca ao bater no chão. Com lágrimas de humilhação, ajoelhou-se e, torpemente, voltou a tapar-se com o vestido. Uma onda de vergonha apoderou-se dela.

– *Thee mou...*

– Quero ir para casa de táxi – interrompeu ela. – Isto não vai chegar mais longe – garantiu Gemma, sem conseguir olhar para ele.

Jax queria partir alguma coisa, mas respirou fundo. Gemma não mudara. Tinha de ter tudo controlado antes de fazer alguma coisa. Há dois anos, convencera-o ao negar-lhe as relações sexuais, mas já não era tão influenciável. Porém, quando lhe tocava, ela apoderava-se dele.

Enquanto tentava, com uma falta de dignidade ou elegância consideráveis, pôr outra vez o vestido sobre os ombros, o ódio que sentia por Jax cresceu como uma maré venenosa dentro dela. Demorara dez segundos a tê-la seminua, só conservara as cuecas. Fora canja. Decidiu,

com lágrimas de raiva nos olhos, que estava tão ávida de ter relações sexuais que talvez precisasse de ter um homem na sua vida. Porém, aquele homem não podia ser Jax Antonakos.

– A limusina vai levar-te a casa – disse Jax, inexpressivamente. – Se realmente quiseses ir.

– Agora, é a minha vez de te abandonar. Oxalá o tivesse feito há dois anos. O que pensavas que ia acontecer? Outra sessão de sexo desprotegido? Alguma vez pensaste nas consequências?

– Pode saber-se o que estás a insinuar? – perguntou Jax, num tom seco.

Gemma deitou a cabeça para trás como se tivesse tido uma descarga de adrenalina devido ao rancor e à amargura.

– Quando te fartaste de mim e me abandonaste como uma beata de um cigarro, também me deixaste grávida.

Capítulo 4

Jax ficara petrificado.

– Isso é impossível!

– Porquê? És estéril? – perguntou Gemma, sem se alterar. – Não acredito, porque tivemos uma filha que já tem quinze meses, Jax.

Jax observou-a fixamente com a incredulidade refletida no seu rosto atraente.

– É impossível! – repetiu ele, com um brilho de teimosia nos olhos verdes.

– Na última semana que passámos juntos, fizemos amor num provador e não usaste proteção – recordou-lhe Gemma, com raiva. – Porque achas que tentei entrar em contacto contigo ao ponto de me expulsarem do iate? Precisava de ajuda.

O choque fazia com que o seu cérebro se rebelasse e lhe dissesse que aquilo era completamente absurdo, mas a sua memória era imensamente mais precisa. Sabia que correria aquele risco e que não lhe dera importância no momento, que se deleitara com o prazer de um preservativo não o separar dela. Também se apercebeu de que se ela estava a dizer a verdade, cometera um erro que iria pagar muito caro.

O pânico embargou Gemma quando viu o brilho nos seus olhos verdes. O que fizera ao contar-lhe assim? Vagamente, compreendeu que o atacara da única forma que sabia. Quisera chocá-lo e magoá-lo tanto como quando a rejeitara. Porém, também se apercebeu de que não devia ter utilizado Bella como uma arma contra ele.

– Temos de falar disso – replicou Jax, num tom cortante.

– Esta noite, não. Quero ir para casa agora.

– Não podes dizer-me que poderia ser pai e depois...

– Posso, sim – interrompeu Gemma, com raiva. – Posso fazer o que quiser, como tu fazes o que queres. E és pai. A Bella é tua filha porque não estive com nenhum outro homem!

Jax sabia que isso era mentira porque vira com os seus próprios olhos que o enganava, mas o teste de ADN dar-lhes-ia a verdade. Estava espantado com a ideia de poder ter uma filha com uma mulher que não só mentia e enganava, como também tinha antecedentes criminais. Até as aventuras e casamentos frustrados dos pais pareciam jogos de crianças se se comparassem com isso. Além disso, o pai ficaria furioso se houvesse uma herdeira ilegítima dos Antonakos.

– Quero vê-la – exigiu Jax, com firmeza.

– Não.

– Se essa menina é minha, não podes recusar-te. Reunirei a equipa de advogados da família – avisou Jax. – Quem cuida dela quando estás a trabalhar?

Um medo gélido embargou-a ao ouvir falar da equipa de advogados e ao perceber que era uma mãe trabalhadora.

– A minha madrasta – respondeu ela, tentando adotar um tom conciliador, que lhe parecia mais prudente naquelas circunstâncias.

– Visitar-te-ei amanhã e trataremos do que for preciso – declarou Jax, com frieza, enquanto saía para o vestíbulo. – Preciso da tua morada...

– Não.

A sensação de se sentir presa era tão grande que quase a asfixiou. Falara de Bella e fizera-o de uma forma provocadora e irrefletida, a pior forma de dar uma má notícia a Jax. Já era bastante volátil e não precisava que o esporeassem. Além disso, não tinha a mínima dúvida de que, para ele, descobrir que era pai era uma notícia muito má. Ficou muito frio e sério.

Compreendia que teria de aguentar as consequências da sua decisão impulsiva e que teria de dizer a verdade a Kreon e Iola.

– Se vieres de manhã, estarei lá – concedeu Gemma, de repente. – Normalmente, só trabalho de tarde. O meu pai e a minha madrasta têm de ir a um enterro e não estarão em casa.

Jax pediu-lhe a morada e ficou à porta a olhar para ela enquanto entrava na limusina. Ela desviou o olhar da sua atitude ameaçadora e pensou que fizera o que tinha de fazer. Ele tinha o direito de conhecer Bella, mas também tinha a culpa de não a ter conhecido antes. De repente, teve a esperança de que ele não quisesse saber nada da filha e também sentiu um remorso terrível, pois sabia como era doloroso não ter pai e não queria que a filha passasse por isso.

Porém, quando se lembrava da sua aventura com Jax, não conseguia acreditar que acabassem tão penosamente. Naquela noite, depois da festa

no iate, Jax empenhara-se em acompanhá-la até ao seu quarto no bar.

– Tens mais de vinte e um anos? – perguntara ele. – Não quero ter nada com mulheres mais jovens.

– Tenho vinte e três – mentira ela, imediatamente.

Dissera que tinha mais quatro anos para o alegrar. Jax dissera-lhe que iria buscá-la na noite seguinte para a levar a jantar e respondera que estaria a trabalhar.

– Tira a noite de folga – pedira ele.

– Não posso fazê-lo.

– Eu cobrirei o custo – propusera Jax.

– Então, estarias a pagar-me pelo meu tempo e não posso aceitá-lo.

– És muito complicada.

– E tu não sabes aceitar uma negativa como resposta.

– Quero voltar a ver-te – insistira Jax.

– Tenho folga na quinta-feira à noite.

– Não quero esperar tanto tempo.

– Muito bem. Podes ver-me amanhã à meia-noite, quando acabar o meu turno, se não for demasiado tarde para ti...

– Não, parece-me bem.

– Mas quero que saibas, a partir de agora, que não vou para a cama contigo, de modo que se é isso que esperas, já podes esquecer-me – avisara-o, com firmeza.

Gemma aprendera a ser direta com os homens. Saíra com demasiados homens que tinham presumido que iria para a cama com eles no fim da noite e que tinham reagido muito mal quando os rejeitara. Porém, o seu corpo fora a única coisa que sempre lhe parecera realmente dela e não ia entregar-se até conhecer alguém que desejasse o suficiente. Sinceramente, não esperara que Jax fosse diferente, mas percebera o seu erro devagar e fora doloroso rejeitá-lo, pois não conseguira dominar a sua própria avidez.

– Ficas muito à defesa. Nem todos os homens pensam em ir para a cama contigo...

– Queres dizer que não estás a pensar nisso? – perguntara ela, sem disfarçar a surpresa.

– Estou a ver que ser delicado e sedutor contigo vai ser complicado.

Jax rira-se e esboçara um sorriso brincalhão. Começara a apaixonar-se naquela mesma noite, pois esse sorriso irresistível deixara-a com falta de ar.

Saíra com ele na noite seguinte e tinham comido *tapas* e bebido alguns

copos num bar muito elegante. Porém, infelizmente, adormecera a meio da conversa, pois estava cansada por ter passado todo o dia a atender clientes de pé. Ele acordara-a com delicadeza e levava-a a casa sem tentar beijá-la. Reconhecera que os bocejos não lhe pareciam sensuais. Pusera o seu número de telefone no telemóvel dela enquanto estava a dormir e começara a mandar mensagens no dia seguinte. Primeiro, comunicou-lhe que passaria alguns dias fora do país e, depois, ficou de voltar a vê-la quando tivesse a noite de folga.

Um dia depois, Kat Valtinos apareceu no bar. Já se esquecera dela.

– O Jax é a máxima expressão de um *playboy* e tu és uma vagabunda.

– É possível – reconheceu ela, ao pensar no seu passado e no seu presente.

– Evidentemente, o Jax vai fartar-se e ficarás sozinha.

– Ainda não me aproximei dele, mas aprendo depressa. Gosta de mulheres possessivas? – perguntara Gemma. – É o teu namorado?

– Não, é um amigo muito bom, mas estás a perder tempo, porque tenciono casar-me com ele.

– Diz-lho a ele, não a mim – aconselhara Gemma, antes de continuar com o seu trabalho.

Na manhã seguinte, Gemma levantou-se cedo depois de ter passado uma noite quase em branco por causa das lembranças. Despediu-se do pai e da madrastra quando foram ao enterro. Durante o pequeno-almoço, tinham estado a contar histórias tristes e carinhosas sobre o seu falecido amigo e não se aperceberam de que tinha olheiras e estava silenciosa.

Porém, também estava inquieta e angustiada. Jax já sabia que Bella existia e preocupava-a o que ia fazer com essa informação. Fez uma careta de aborrecimento ao perceber que Jax voltava a ter poder sobre ela. Naturalmente, tinha direitos como pai que ela não podia negar. Porém, exerceria esses direitos para ter um papel ativo como pai?

Uma hora mais tarde, recebeu a primeira demonstração de Jax a exercer os seus direitos. Um advogado muito bem vestido e que falava muito depressa apareceu e pediu-lhe para aceder a fazer um teste de ADN. Ela, corada e humilhada devido à dúvida de Jax sobre a paternidade de Bella, mal acabara de dar o seu consentimento quando apareceu um técnico de laboratório para tirar umas amostras. Uma vez resolvido esse assunto, o advogado deu-lhe um contrato de confidencialidade. Era o que os meios de

comunicação social costumavam chamar de «segredo sumário» e recusou-se a assiná-lo, apesar das tentativas do homem de a convencer.

– O senhor Antonakos não gosta que os seus assuntos privados sejam discutidos em público. Se assinar este documento, será uma base sólida para que as vossas relações sejam boas no futuro.

– Garanto-lhe que não tenho a mínima intenção de falar com a imprensa, mas também não vou assinar nada que me impeça de falar da minha própria filha – replicou ela, sem se alterar.

Quando o homem se foi embora, ela entendeu que o tinham feito para evitar possíveis prejuízos e irritou-a que Jax se protegesse e protegesse a reputação da família Antonakos, antes mesmo de saber com certeza se a menina era dele. Horrorizava-a que desconfiasse tanto dela e que suspeitasse que podia vender histórias desagradáveis sobre ele.

Na verdade, ela tinha um conceito muito baixo de Jax, mas tencionava guardar a sua opinião pelo bem da filha. Independentemente de como era Jax, seria sempre o pai da filha e não queria fazer nada que prejudicasse a sua relação. Isso significava que teria de guardar os seus sentimentos pessoais. Desabafar a sua raiva, o seu rancor e a sua amargura seria destrutivo e a sua situação, quando partilhavam uma filha, mas mais nada, já era bastante complicada. Jax chegou uma hora depois de o advogado se ir embora e, por uma vez, não chegou de limusina. Ouviu-se o barulho de uma mota e ela achou que era um distribuidor, até ver que tirava o casco enquanto se dirigia para a porta principal. Apercebeu-se de que estava a tentar ser discreto e não ser reconhecido. Quando o conhecera em Espanha, Jax acabara de adotar o papel do seu irmão falecido e, como era relativamente desconhecido, não havia *paparazzi* a segui-lo por todos os lados. Porém, nesse momento, quando cada aparecimento público de Jax era uma loucura, agradecia que fosse prudente, pois não queria que a sua cara ou a da filha aparecessem em artigos repletos de conjeturas vergonhosas.

Abriu a porta, afastou-se um pouco e Jax entrou com um cheiro a couro e virilidade. Ele afligia-a no pequeno vestíbulo e fechou precipitadamente a porta para ir para a sala espaçosa, que estava cheia de brinquedos e diversos objetos para bebé.

Jax pousou o capacete num sofá e passou os dedos pelo cabelo com certa impaciência.

– Onde está?

– A Bella está a dormir a sesta. Vou acordá-la dentro de dez minutos.

Levanta-se cedo de manhã e cansa-se depressa...

Apercebeu-se de que estava a falar por falar e corou ao perceber que Jax a observava fixamente.

Gemma usava umas calças de ganga e uma *t-shirt* cor-de-rosa e tinha os pés descalços. Parecia muito jovem e bonita e, evidentemente, não se arranjava para ele. Incomodou-o que não tivesse feito esse esforço. Não dormira grande coisa na noite anterior e o duche de água fria não obrara um milagre. A tensão sexual que se juntava ao comunicado espantoso que Gemma fizera era um aborrecimento. Quando tinha um problema, gostava de elaborar um plano de trabalho com limites firmes. Infelizmente, não conhecia nenhum plano que dissesse a um homem o que tinha de fazer quando descobria que era pai, embora nunca tivesse querido sê-lo. Efetivamente, fora irresponsável com Gemma e, retrospectivamente, não podia perdoar-se ou justificar-se por essa falta de responsabilidade. Embora, claro, a menina pudesse não ser dele e, nesse caso, estaria a fazer uma tempestade num copo de água.

– Para de olhar para mim! – ordenou Gemma, que estava vermelha com a intensidade do seu olhar.

– Como posso não olhar? Ontem à noite, atiraste uma bomba sobre mim. Continuo a pensar nisso.

– Bom, eu penso nisso desde que descobri que estava grávida – reconheceu Gemma –, mas acabas por te habituar e, agora, não conseguiria imaginar a vida sem a Bella.

Jax semicerrou os olhos e olhou para o resplendor juvenil da sua pele e para o vaivém dos seus caracóis avermelhados que realçavam o azul dos seus olhos. Não podia negar a beleza que tinha à sua frente. Cerrou os dentes com todas as suas forças quando o corpo começou a reagir e virou-se para a porta principal para que a sua libido não tomasse as rédeas quando, em breve, haveria uma menina na sala.

– Queres café? – perguntou Gemma, para quebrar o silêncio, quando reapareceu pela porta.

– Não é uma visita social – respondeu Jax.

Ouviu-se um grito e Gemma, corada com a resposta cortante dele, subiu as escadas a correr.

Jax deixou-se cair num sofá e tentou relaxar, mas já nem se lembrava da última vez que estivera perto de um bebé. Era padrinho de vários, mas o seu papel não era nada ativo, nem ninguém esperava que fosse. Paradoxalmente, aprendera tudo o que tinha de fazer para cuidar de um

bebê quando só tinha doze anos. Fora no fim do verão, antes de a mãe contratar uma ama, pois ele estava a voltar do internato.

Ouviu o rangido das escadas e levantou-se com um salto. Endireitou-se quando Gemma entrou na sala e viu imediatamente a menina ao colo dela. Ficou gelado assim que viu o seu cabelo moreno e encaracolado e os seus olhos verdes. Nesse instante, soube que não precisava de um teste de ADN para que todos soubessem que aquela menina era dele. A filha de Gemma era a imagem viva da sua irmã Tina e essa semelhança arrasou-o como uma avalanche. Evidentemente, a mãe tinha uns genes muito fortes, porque tanto a irmã, que morrera quando era muito pequena, como ele, se pareciam mais com Mariana do que com o homem que fora pai dos seus dois filhos. Também sabia que essa semelhança com a mãe fora um aborrecimento para o seu pai sensível.

– Esta é a Bella.

Gemma ajoelhou-se para deixar a menina no chão. Bella, com um dedo na boca, olhou para Jax com a curiosidade refletida nos olhos verdes. Ele baixou-se e pegou num brinquedo que começou a mexer-se quando tocou no botão adequado. Bella sorriu, aproximou-se dele, apoiou uma mão na sua coxa e endireitou-se.

– Não está assustada – comentou Jax.

Estava maravilhado por conseguir falar quando, de repente, se viu arrastado para umas das suas lembranças mais sombrias. Os restos dessa raiva, dessa dor e desses remorsos continuavam a ecoar com força dentro dele.

– Não, é bastante ingénua e gosta dos homens. O meu pai mima-a e brinca muito com ela. Suponho que todos a mimemos um pouco – reconheceu Gemma, enquanto olhava para a imagem de Jax e da filha a observar-se. – Parece-se muito contigo...

Jax afastou um dedinho do queixo de Bella e teve de engolir em seco para dominar as emoções que o embargavam. Não deveria chorar da primeira vez que via a filha devido a umas lembranças tão trágicas. O passado era o passado e o mais prudente era deixar o pequeno espetro de Tina enterrado.

– O que se passa? – perguntou Gemma, ao ver o brilho dos seus olhos impressionantes.

– Nada.

Jax esboçou um sorriso forçado, pois já lhe contara muitos segredos íntimos no passado e não tencionava a voltar a mostrar-se tão vulnerável.

– Porém, devias ter mexido céu e terra quando nasceu para que eu soubesse que era o pai.

Gemma ficou rígida, pois não esperara essa crítica quando tentara por todos os meios ao seu alcance entrar em contacto com ele.

– Isso não é justo.

– O que não é justo é que esta menina e eu não pudéssemos entrar na vida um do outro desde o começo – replicou Jax, enquanto aceitava a boneca de plástico que Bella lhe dera.

Os olhos azuis de Gemma endureceram.

– Como disseste quando me abandonaste, não queria tornar-me um problema – recordou-lhe ela. – Se não querias saber nada de mim, como podia dizer-to?

Jax encolheu os ombros, pois não se atrevia a falar no estado de espírito em que estava.

– Imaginava que não tinhas uma resposta para isso – acrescentou Gemma.

Baixou-se para segurar a mão de Bella e levou-a para a cozinha, onde lhe serviu uma chávena de leite.

Depois, Bella empurrou a porta para ir brincar no pátio. Gemma abriu-a e observou a filha que saía para a luz do sol para pegar num carrinho de bebés de plástico que adorava.

Jax olhou para Bella, que acabava o leite e pousava a chávena com um cuidado exagerado, antes de empurrar um carrinho de bebé pelo pedaço de relva, e compreendeu que era sua filha, outra geração da família Antonakos. Não sabia como e não importava, mas Gemma devia ter entrado em contacto com ele, pensou, com raiva.

– Perdi mais de um ano da vida da minha filha – queixou-se, num tom sombrio. – É inaceitável...

– Não, inaceitável foi a forma como me trataste! – acusou, acaloradamente.

Jax pensou no relatório da investigação, mas pareceu-lhe que não havia motivo para falar disso com Gemma nesse momento. Como também não queria falar do episódio que presenciara no beco. A reação dele fora muito humana, deixara-se levar pela raiva e pela agressividade.

– Receio que não tenha pensado que pudesses estar grávida – reconheceu ele, com aspereza. – Devia ter tido essa possibilidade em conta e ter agido em consequência, mas não o fiz. Foi uma negligência grave da minha parte.

– Foi, sim – confirmou Gemma, com menos tensão nos ombros.
– Então, não percamos mais tempo com o evidente e a rever um passado que ambos preferimos esquecer.

– Não podemos esquecê-lo quando a Bella é o fruto desse passado – replicou Gemma, com impotência. – É possível que não nos demos bem, mas teremos de viver com ela. Farei café, não porque é uma visita social, mas porque temos de aprender a agir de uma forma civilizada.

Gemma foi ligar o fervedor de água e Jax saiu para o pátio, pois não conseguia parar de olhar para a filha. Então, decidiu que não tencionava viver com a rejeição que sentia por Gemma nem ser civilizado com ela. Não podia devido ao que sabia sobre o seu passado, não podia confiar que fosse uma mãe carinhosa e decente. O mais importante era o bem-estar de Bella e ninguém poderia convencê-lo de que a filha estaria a salvo com uma mãe que traficava droga e vendera o seu corpo. Não importava que Gemma tivesse virado a página.

Ele, ao fim e ao cabo, era filho de uma drogada. Ouvira muitas promessas, vira-a a começar de novo muitas vezes e presenciara as recaídas subsequentes. Bella sempre correria algum risco se ficasse com a mãe. Teria de levar Gemma aos tribunais para conseguir a custódia da sua filha. Tinha a certeza de que ela amava Bella, mas tinha fraqueza pelo abuso de substâncias tóxicas e não podia confiar que antepusesse as necessidades da filha.

– Não podemos comportar-nos como amigos? – perguntou Gemma, num tom esperançoso, enquanto saía pela porta.

Jax olhou para ela, espantado, e questionou-se como era possível que continuasse a parecer tão jovem e inocente com o passado que tinha. Amigos? Nunca. Além disso, quando Gemma recebesse a primeira notificação oficial da equipa de advogados de Antonakos e se apercebesse do que tencionavam fazer, também não pensaria muito na amizade. Porém, que outra coisa podia fazer?

– Tens de parar de me reprovar por ter corrido tudo mal – continuou Gemma. – Recordo-te que, numa relação, são precisas duas pessoas para estragar as coisas.

Então, enquanto ela falava, Bella caiu e começou a soluçar. Jax atravessou o pátio e abraçou-a enquanto falava com suavidade e lhe acariciava as costas, antes de se ajoelhar para lhe mostrar uma flor com a esperança de que lhe passasse o susto.

Gemma observou-o, boquiaberta e impressionada sem querer.

– Jax... – murmurou, atordoadada.

Bella tranquilizou-se e ele pô-la no chão. Olhou para Gemma com certa rigidez no rosto e viu que a luz iluminava o tom avermelhado do seu cabelo e a sua pele perfeita. Depois, inclinou-se para pegar no carrinho e as calças de ganga ajustaram-se à curva do seu traseiro. Lembrou-se de lhe ter arrancado as calças de ganga devido à necessidade imperiosa de entrar no seu calor húmido e a tensão embargou-o enquanto tentava sufocar a voracidade que o queimava por dentro.

– Eu gostaria de sair com a Bella dentro de alguns dias. Virei com uma ama, se isso te tranquilizar.

– Presumia que esperarias pelos resultados do teste de ADN antes fazer alguma coisa... oficial – comentou Gemma, enquanto se dirigia para ele.

– O teste de ADN só confirmará o que já sei – murmurou Jax. – Vais obrigar-me a lutar para poder estar com ela?

Gemma fez uma careta de desgosto e cerrou os dentes. Em caso de dúvida, ameaçava sempre. Jax era assim. Podia pagar aos melhores advogados e acabaria por ter o direito de estar com a filha, independentemente do que ela fizesse ou dissesse, seria uma burrice ignorá-lo. Além disso, não queria que Bella tivesse um pai? Sim, queria, mas não esperara ter de partilhar a filha tão cedo.

– Não, mas também não gostaria de me afastar dela mais de algumas horas de cada vez – reconheceu Gemma. – É muito pequena.

– Está bem – concedeu Jax. – Dá-me o teu número de telefone e ligo-te.

Gemma pegou em Bella ao colo e olhou para Jax, que se sentava na mota com o seu corpo musculado tapado pelas calças de ganga exclusivas e o casaco de couro. Um carro arrancou do outro lado da rua e começou a segui-lo. Presumiu que era a sua equipa de segurança.

Quando o pai e a madrastra voltaram do enterro, pediu-lhes que se sentassem e contou-lhes finalmente a verdade.

– Jax Antonakos? – bramou o pai, com a força de um vulcão. – A sério?

– Por favor, não te enfureças. Isso só pioraria as coisas.

– Gemma, só tinhas dezanove anos – lamentou-se o pai. – Ele tem de ter mais dez anos do que tu!

– Bom, não podemos reprová-lo. Eu menti quando disse que tinha de ter mais de vinte e um anos para... estar comigo. Disse-lhe que tinha vinte e três.

– Mentiste-lhe? – perguntou Kreon, num tom irado.

– Calma, Kreon – interveio Iola, com delicadeza. – Era uma jovem

como todas, que fingiu ser mais velha e mais sofisticada quando se aproximou um jovem bonito. Muitas raparigas da sua idade teriam feito o mesmo.

– Sim – reconheceu Gemma, vermelha como um tomate.

Iola surriprou-lhe o resto da história dessas seis semanas em Espanha enquanto Kreon continuava furioso.

– Conheci o pai dele – comentou ele, de repente. – Também era um descarado, egoísta e arrogante.

– O pai do Jax? Como o conheceste? – perguntou Gemma, surpreendida.

– Os meus pais trabalharam em Londres para a família da Sofia, a primeira esposa do Heracles Antonakos. A Sofia e eu fomos criados juntos e nunca perdemos a amizade, embora vivêssemos em mundos muito diferentes. Ela só tinha trinta anos quando morreu – acrescentou Kreon, num tom pesaroso.

– Lamento muito não vos ter contado a verdade desde o começo. Não queria incomodar-vos...

– Não te preocupes – replicou Kreon, com os dentes cerrados. – Alegra-te por eu estar aqui para te apoiar. O facto de enviar os seus advogados é o primeiro aviso sobre o que o Antonakos tenciona fazer.

– O que queres dizer? – interveio Iola, com preocupação.

– Parece-te que o que aconteceu esta manhã é agradável ou atencioso para com a mãe da sua filha? Pediu-lhe um teste de ADN, tentou intimidar a Gemma para assinar um contrato de confidencialidade... Como primeira medida de aviso, indica-nos tudo o que temos de saber.

– O Jax está a tentar proteger-se e não posso reprová-lo.

Gemma preocupava-se com a seriedade colérica do pai e sabia que era a culpada de lhe terem aparecido umas rugas de *stress* no rosto curtido.

– Pode proteger-se à vontade, mas não às tuas custas e às da Bella – replicou Kreon.

Essa noite, quando foi trabalhar, Gemma estava nervosa e preocupada e tinha de fazer um esforço para se lembrar dos pedidos e levá-los à mesa correta. O comentário do pai sobre o que Jax podia estar a tramar assustara-a. Não era a primeira vez que gostaria de ter a capacidade de poder entrar na cabeça de Jax.

Antes, fora distante com ela, mas muito incondicional com Bella. Custava-lhe a acreditar que, na noite anterior, a beijara e acariciara. Naturalmente, tinha sentido. Tudo mudara assim que lhe contara que tinha

uma filha. Lembrou-se da sua frieza gélida quando lho dissera em casa dele e teve de dominar um arrepio de medo. A preocupação do pai disparara todos os alarmes e deixara-a à beira do pânico. Fizera com que pensasse em coisas em que achara que não voltaria a pensar.

O que aconteceria se desaparecesse? Já o fizera antes e podia fazê-lo outra vez. Porém, não estaria bem, avisou-a uma vozinha na cabeça. Não estaria bem privar Jax da possibilidade de estabelecer uma relação com a filha. Também não estaria bem fugir da vida que o pai e a madrasta lhe tinham oferecido tão generosamente. Seria infantil fugir dos problemas. E já não era uma criança.

Capítulo 5

– Então, é o pai da Gemma. – Jax apoiou-se na mesa do escritório com uma frieza letal e sem deixar entrever o que estava a pensar. – Onde estava durante todo os anos em que a Gemma foi criada no sistema de acolhimento?

Kreon endireitou-se.

– Esse é um assunto entre mim e a Gemma. Pode contar-lhe, se quiser, mas vim para proteger a minha filha e a minha neta.

– Não entendo como tenciona fazê-lo.

– É muito simples – respondeu Kreon, quase com entusiasmo. – Tenho segredos por que o seu pai mataria para não serem publicados nos jornais.

Jax, espantado, riu-se com vontade.

– O meu pai não receia nada. Tenta chantagear-me? Aconselho que se vá embora antes que chame a polícia.

– Pode fazer o que quiser, mas isso não me impedirá de contar segredos da sua família à imprensa. Na verdade, se me detiverem, darão credibilidade ao que digo. O seu pai odeia-me. Posso dizer-lhe isso sem nada em troca. Porém, porque acha que me deixa em paz? Teme o que possa saber.

– Está a dizer muitas tolices e não vou ouvir.

Jax atravessou a sala para abrir a porta àquele idoso.

– O Argo, o seu irmão, não era seu irmão porque não era filho do seu pai – disse Kreon, muito devagar. – Acho que o Heracles não soube senão quando o seu irmão morreu e garanto-lhe que não quer que essa verdade humilhante apareça nos jornais.

Jax ficou gelado de pasmo e virou-se violentamente.

– O que quer?

Jax não quis pensar no que acabavam de lhe dizer, não fazer as ligações que lhe explicariam a sua mudança milagrosa de categoria dentro da família Antonakos.

– Quero que se case com a Gemma em troca de continuar em silêncio.
– Que me case com ela...? – repetiu Jax, olhando para ele fixamente e sem acreditar no que ouvira.

– Era uma adolescente quando lhe arruinou a vida. Deve-lhe a segurança de uma aliança de casamento. Não tem de ser uma prisão perpétua, mas seria uma tábua de salvação para a Bella e para ela e também lhes daria o reconhecimento de que precisam para terem uma vida melhor...

– Não era uma adolescente! – interrompeu Jax, com uma raiva furiosa.

– A Gemma fez vinte e um anos no mês passado. Celebrámo-lo no hotel onde trabalha – explicou Kreon, com uma satisfação amarga. – A minha esposa disse-me que as jovens costumam mentir sobre a sua idade.

– Vinte e um... – repetiu Jax, enquanto tentava dominar a fúria e a vontade de estrangular Gemma por se ter atrevido a mentir. – Precisaria de alguma prova irrefutável sobre o que disse acerca do meu irmão Argo.

Kreon tirou uma carta manuscrita do bolso interior do casaco e entregou-a a Jax. Tinham-na escrito e tinham-na enviado quando Sofia, a primeira esposa do pai de Jax, era uma doente terminal. Sofia não fora capaz de enfrentar a morte com esse peso na consciência e reconheceu a aventura que acabara com o nascimento de Argo, embora não tivesse dado o nome do amante.

– Porque não contou tudo quando ela morreu? – perguntou Jax, com aspereza, uns minutos depois. – Com esta carta, tinha dados que mais ninguém conhecia.

– A Sofia podia não ter pensado no que estava a fazer. O seu pai acabara de perder a esposa e o Argo acabara de perder a mãe. Esta carta teria devastado ambos. Então, o Heracles não sabia que o Argo não era filho dele. O que acha que teria feito? – Kreon fez uma careta de desgosto. – Teria deserdado o rapaz e tê-lo-ia repudiado.

Jax ficou a olhar para a parede e soube que era muito provável que o pai tivesse reagido assim, levado pela fúria. Se Sofia tivesse contado o segredo, não teria havido forma de o esquecer.

– Não queria ter essa responsabilidade, não sou um homem desumano. Nunca gostei do seu pai e foi um marido péssimo, mas, por muito que apreciasse a Sofia, preferi ocupar-me dos meus assuntos quando faleceu... até um Antonakos ameaçar a segurança dos meus.

Kreon foi-se embora e Jax, muito depois, leu cuidadosamente a carta que lhe deixara. Continuava impressionado, embora essa mulher tivesse morrido muito antes de ele nascer. O que essa carta dizia transtornaria o

pai, ainda que ele, como Kreon, achasse que o pai descobrira que Argo não era seu filho pouco antes de morrer. Isso poderia explicar o facto de que Heracles tivesse superado tão depressa essa perda e se adaptasse a Jax quase de um dia para o outro.

Essa descoberta rasgou-o, já para não falar do conceito da sua família. Admirara o irmão mais velho que nunca chegara a conhecer muito bem e amara o pai. Porque amara Heracles? Um homem que fora um pai inexistente quando ele era jovem e precisara de um pai? Recentemente, apercebera-se de que o homem, já mais velho, lamentava ter permitido que o seu ego maltratado e o seu vício pelo trabalho se impusessem aos seus laços de sangue. Porém, Heracles era incapaz de expressar os seus sentimentos e ele percebeu que tinha o mesmo defeito. O pai ficara atordoado depois de a infidelidade de Mariana o ter transformado no tonto da imprensa e protegeu-se como pôde, evitando a ex-esposa... e, infelizmente, isso incluía-o.

Nunca pensara realmente no que sentia por Heracles até àquele momento, mas, quando imaginava que o pai poderia ver a tragédia do seu primeiro casamento espalhado por todos os jornais, soube que não podia permiti-lo. Sofia morrera depois de uma longa luta contra o cancro da mama. Heracles era dominante, manipulador e intrometido, mas amara a primeira esposa e o filho que achava que era dele.

A primeira coisa que fez foi ligar a Zenas e dizer que queria que fizessem uma investigação a fundo sobre Kreon Thiarkis e a filha Gemma. Como era possível que algo tão elementar como a idade de Gemma estivesse errado no relatório? Além disso, também o tinham informado mal sobre os pais. O que mais podia estar errado? Precisava de um historial e de uns dados confiáveis e também tinha de descobrir os vínculos de Kreon com Sofia, a primeira esposa do pai. Ao fim e ao cabo, aquele relatório fora-lhe dado pelo pai.

Começou a pensar noutras coisas que descobrira. Gemma só tinha vinte e um anos? Só tinha dezanove quando se conheceram? As lembranças começaram a encher-lhe a cabeça e maravilhou-o que não se apercebesse da imaturidade de Gemma. Fora impulsiva, franca, ingénua e com uma ignorância desesperante sobre questões que ele presumia que seriam comuns... E, evidentemente, era uma mentirosa ardilosa e incorrigível.

Além disso, não estava disposto a casar-se com ela por nada do mundo! Kreon não podia chantageá-lo para fazer o que nunca quisera fazer. Por outro lado, também sabia que não podia ficar à margem e ver o pai a

aguentar o escândalo que reventaria se Kreon vendesse a sua história à imprensa. As pessoas troçariam quando lessem sobre a roupa suja da família Antonakos e o pai perderia a dignidade. Decidiu que Heracles, com setenta anos, merecia conservar a dignidade. Era possível que tivesse sido um marido péssimo, mas não merecia o final trágico do seu primeiro casamento. Sabia que lidara mal com a infidelidade da sua segunda esposa, a mãe, e preferia não imaginar sequer o que devia ter sentido quando percebera que Argo não era seu filho. Heracles sofrera mais do que o suficiente por não ter sido um marido exemplar. Como é que Kreon Thiarkis se atrevia a ameaçá-lo?

Não conseguia parar de planejar, mesmo quando se sentia embargado por essa raiva vulcânica dos Antonakos. Sabia que tinha de controlar a situação e chegara à fase de ponderar os prós e os contras. Se se casasse com Gemma, voltaria a tê-la na cama. Excitou-se só de pensar nisso, apesar da tensão e da raiva que dominavam o seu corpo, e reconheceu que era uma vantagem que lhe agradava muito. Além disso, também conseguiria não ter de lutar no tribunal para estar com a filha.

Porém, não suportava que lhe dissessem o que tinha de fazer e Kreon Thiarkis dera-lhe duas alternativas e ambas tinham um preço muito elevado. Estava furioso porque tinha de escolher entre o menor de dois males: Casar-se ou deixar que o pai septuagenário sofresse uma humilhação pública. Poderia dizer a Kreon que lavava as mãos e ver o mal que faziam ao pai. Infelizmente, a lealdade à família e o afeto sincero que sentia pelo pai opunham-se a essa opção. Porém, a alternativa era renunciar à liberdade.

Renunciaria à variedade sexual que se permitia no quarto. Embora isso também não fosse verdade. Nem sequer Kreon esperava que permanecesse casado com Gemma durante toda a vida. Kreon esperava que acabassem por se divorciar e que, mesmo assim, Gemma e Bella continuassem a ser uma parte respeitável da família Antonakos e garantissem a sua segurança económica. Poderia casar-se a curto prazo, provisoriamente, e com Gemma todas as noites na sua cama... Mais ainda, Bella teria o seu nome e ele vigiá-la-ia e cuidaria dela todos os dias. Contudo, como ia aguentar um sogro que queria matar a sangue-frio?

Ele, como um Antonakos, não sabia o que era ser ameaçado. Era demasiado rico e poderoso para o contrariarem, mas Kreon tinha em seu poder informação pessoal e privada que ia diretamente contra o centro da sua família, o tipo de segredo que ninguém queria que se descobrisse.

Pior ainda, a revelação de um segredo levaria inevitavelmente a outro e o que poderia desenterrar-se sobre a mãe? Tremeu só de pensar que falariam com toda a sua crueldade das fraquezas e da toxicodependência de Mariana ou da morte de Tina. Então, compreendeu que a aliança poderia ser um sacrifício que mereceria a pena se trouxesse a paz e deixasse os segredos sujos da família onde estavam.

Gemma leu a mensagem de Jax com os olhos esbugalhados de incredulidade: «Vou buscar-te à saída do trabalho e falaremos.»

Jax? Falar? Jax deixara-a no quarto ou alegara um encontro ineludível quando vira a ameaça de uma conversa séria. Jax não acreditava nas conversas para resolver as coisas. Pensava em privado e arranjava uma solução. Não dizia como chegara a essa decisão. Achava que falar só exaltava os sentimentos erróneos, que estimulava as diferenças e que fazia com que os problemas parecessem maiores do que eram. Ela tentara falar com ele uma vez sobre a sua aventura e para onde se dirigia, mas ele zangara-se e fora-se embora. Naturalmente, fora-se embora porque sabia que não tinham futuro.

Porém, evidentemente, tinha de falar sobre Bella. Nem sequer ele podia tomar decisões unilaterais sobre a filha que tinham em comum. Queria organizar as coisas para voltar a ver Bella, queria perguntar o que gostava ou não. O facto de estar disposto a falar era um bom sinal, pensou, desejosa de reunir algum entusiasmo com a ideia de partilhar a filha com o pai.

Antes de ir para o trabalho, o pai conversara com ela e avisara-a para não deixar que fizessem com Bella o que tinham feito com ela. Fora criada sem pai porque a mãe, egoistamente, não lhe dissera que tinha uma filha. Nesse momento, Kreon estava a aconselhar-lhe, desnecessariamente, que tivesse uma visão a longo prazo, que deixasse de lado a raiva e o rancor.

– Sei que é pedir muito – reconhecera Kreon –, mas tens de enfrentar o que está a acontecer agora e tratá-lo com prudência. Tenta concentrar-te no que é melhor para a Bella.

Surpreendera-se com a análise do pai, pois parecia ter assimilado muito depressa o que lhe contara sobre Jax e adotara um ponto de vista mais distante das coisas. Infelizmente, tudo continuava a ser dolorosamente pessoal para ela. Jax rejeitara-a, mas não rejeitara a filha. Sabia que não devia estar a pensar nisso, mas não conseguia evitá-lo, pois era humana.

Um carro foi buscá-la ao hotel. Não era a limusina nem Jax estava lá dentro, mas ela reconheceu os guarda-costas. Entrou, alisou a saia de ganga e mordeu o lábio inferior. Estava a questionar-se o que Jax queria e, ao mesmo tempo, recordava-se que não podia alterar-se e que tinha de manter a tranquilidade física e emocional, independentemente do que ele dissesse.

Jax também tinha algo pensado. Não enfrentaria Gemma até estarem convenientemente casados. Então, com um pouco de sorte, também saberia a exatidão daquele relatório. No entanto, também se lembrou do brilho daquele vestido vermelho à luz dos candeeiros quando descia por um beco para ir para a cama com outro homem. Soube que Gemma podia ser uma grande farsante. Não era fiel. Duas das três esposas do pai tinham-no enganado com outros homens e a própria mãe não fora fiel a ninguém. Ele, rodeado desde a infância por relações destruídas e ilícitas, sempre tentara evitar o compromisso sentimental. Porém, quando Bella entrava em jogo, percebia que queria oferecer-lhe a família exemplar que ele não tivera. Algo melhor, mais feliz, duradouro...

Gemma entrou, nervosa e com a boca seca, naquele vestíbulo com espelhos que a desorientavam. A sala parecia mais acolhedora do que durante a visita anterior e só havia alguns candeeiros acesos enquanto o resto da sala estava na penumbra. Ficou imóvel à porta quando Jax apareceu de entre as sombras.

– Pedi o jantar para ti – informou-a Jax, enquanto apontava para uma mesa cheia de pratos frios diferentes.

Jax usava calças de ganga e uma camisa com o colarinho desabotoado. Não devia tê-la deixado com falta de ar quando se vestia de uma forma tão normal, mas fê-lo. As calças de ganga ajustavam-se às ancas magras e às coxas compridas e poderosas. A camisa clara realçava o tom bronzeado da sua pele e o negro com reflexos azulados do cabelo. Susteve a respiração num silêncio tenso, os seus olhos observaram os de um verde resplandecente e o coração acelerou.

– Jantar... – repetiu ela.

Fora a última coisa que esperara dele, mas dirigiu-se para a mesa e agradeceu poder pensar em algo que não fosse Jax.

– Serve-te.

Gemma sentou-se num sofá e não tiveram de lhe dizer duas vezes, porque tinha sempre fome depois de trabalhar. Além disso, estava impressionada, sem querer, por ele se ter lembrado de algo tão pouco

importante. Serviu-se de um prato e de uma chávena de chá.

– Era a isto que me referia quando disse «civilizado» – reconheceu ela, com um sorriso irónico.

– Imaginava. Foste trabalhar assim vestida?

Gemma, inibida, alisou a saia confortável que combinara com uma *t-shirt* preta.

– Sim...

Jax cerrou os dentes e fez o que pôde para conter o homem das cavernas que tinha dentro dele. A saia, bastante curta, deixava ver as suas pernas surpreendentemente compridas e a *t-shirt* ajustava-se perfeitamente aos seus seios descarados. Uma vez já a censurara por usar aquela roupa que exibia o seu corpo e isso dera lugar a uma discussão acalorada. Nesse momento, estava a conter-se para manter a tranquilidade. Deixou-se cair no sofá que havia à frente dela enquanto tentava imaginar algumas roupas que estivessem na moda e que, milagrosamente, disfarçassem aquele corpo esplêndido para o resto dos homens, até compreender que não existia essa roupa no mercado. Gemma sempre eclipsara a roupa que usava, sempre resplandecera, desde o cabelo até aos olhos, e chamara a atenção, mesmo que a sala estivesse cheia de pessoas.

– A saia não é curta – comentou ela.

– Não, não é – concedeu Jax.

Gostaria de não ter olhado para as suas coxas, pois a única coisa que conseguira fora pensar em como era maravilhoso afastá-las. Inclinou-se para a frente, furioso com o seu desejo, com o rosto tenso e com os olhos semicerrados.

– Disseste que querias falar. – Gemma esbugalhou os olhos com receio.
– Era uma brincadeira?

– Não. – Fez-se silêncio enquanto Gemma comia a terceira sandes. – Temos uma alternativa e encontrei uma solução.

– A Bella não é uma alternativa, não é um problema e nunca será – replicou Gemma, sem se alterar. – Não vou impedir que a vejas ou algo do estilo.

Jax respirou fundo para ir direto ao assunto.

– Se nos casássemos, seria o melhor para a Bella.

Gemma pousou a sandes.

– Casar? – repetiu ela, sem entender. – Mas não querias casar-te...

– Também não tencionava ter filhos – recordou-lhe Jax –, mas a Bella muda tudo. Quero que tenha o que eu não tive. Uma mãe, um pai, um

lar... A segurança que só pode ser-lhe dada pela estrutura familiar.

Gemma estava espantada, pois nem sequer sonhara que o ouviria a reconhecer que queria adotar essas ideias tão convencionais.

– Nenhum dos dois teve uma coisa dessas – reconheceu ela –, mas a vida não é perfeita e não pode fazer-se nada...

– Podemos mudá-lo – interrompeu Jax. – Não temos de viver separados quando podemos criar a Bella juntos como um casal casado.

Gemma pestanejou com o coração na boca e fazendo um esforço para não se levantar e dar voltas pela sala.

– Juntos? – repetiu ela, confusa.

– Podemos casar-nos e constituir um lar para a nossa filha, o lar que nenhum de nós teve – replicou ele, com uma serenidade sobrenatural.

– Não sei grande coisa sobre a tua vida. Bom, sei que os teus pais se divorciaram quando eras pequeno, mas...

– Sabes que a minha mãe era uma mãe instável e pouco confiável – interrompeu Jax, com rigidez. – Os homens entravam e saíam da sua vida e nenhum deles ficava. Mantê-la era muito caro. Não quero que a nossa filha tenha de adotar essa forma de vida.

– Com todo o respeito – replicou ela –, eu não sou uma atriz impressionante e de fama mundial nem a minha forma de vida tem nada a ver com a da tua mãe.

Jax respirou fundo.

– Achas mesmo que a tua vida vai continuar igual agora que sei que estás a criar a minha filha? Achas sinceramente que podes continuar a trabalhar como empregada de mesa e a viver com o teu pai? Evidentemente, vou encarregar-me da tua pensão e...

– Não! – exclamou Gemma, com o sobrolho franzido. – Não quero isso.

– Porém, é o que acontecerá, mesmo que não queiras. Naturalmente, quero que a minha filha viva como eu e não acredito que vás negar-lhe o que tem o direito de receber. A Bella é uma Antonakos – recordou-lhe Jax, com orgulho.

– Sim, mas...

Gemma ficou sem voz quando começou a pensar em tudo o que ele dissera. Estava a pedi-la em casamento. Jax Antonakos estava a pedi-la em casamento, estava a oferecer-lhe o sonho que tivera uma vez e que enterrara há dois anos. Durante uns minutos frenéticos, só pôde olhar fixamente para o café e tentar assimilar um pedido que nunca esperara receber. Um lar, dois pais e uma família a sério para Bella... Isso era o

máximo, o ideal no que dizia respeito à filha. A mãe acabara por a criar sozinha e ela acabara sozinha no sistema de acolhimento porque não tinham conseguido encontrar Kreon. Algumas vezes, detestava-se, pois cometera o mesmo erro com Bella, por a ter criado sem o pai.

– Falas a sério? – perguntou Gemma, sem conseguir respirar.

– Claro – afirmou Jax.

– Mas nunca quiseste casar-te – recordou-lhe Gemma.

– Até a Bella aparecer e mudar tudo – reconheceu Jax, com sinceridade.

– Já não se trata apenas de ti e de mim. Temos de pensar na nossa filha e na sua felicidade.

– Um casamento infeliz dos pais não servirá de muito – comentou Gemma, num tom abatido.

– Não sei porque não correria bem. Custa-me conter as mãos, mesmo que estejamos aqui sentados e a ter uma conversa séria – reconheceu Jax, com descaramento. – E se fores sincera, sabes que sentes o mesmo.

Gemma corou e fez um esforço enorme para desviar o olhar do seu rosto bonito. Porém, isso não servia de nada quando a avidez que sentia por dentro era como um vírus que resistia a morrer. Além disso, sabia como se curava e isso desenquadrava-a. A única cura que conhecia era tê-lo dentro dela. Embora nem sequer isso fosse uma solução permanente. Chegara a desejá-lo como desejava o ar para respirar. Deixou a chávena de chá na mesa com a mão trémula.

– Olha para mim.

Gemma olhou para ele, embora soubesse que não devia fazê-lo, pois o desejo embargava-a e despertava uma avidez que enterrara no mais profundo do seu corpo. Ofegou e o coração acelerou. Os seios endureceram de desejo, mas o maior dos desejos vibrava entre as pernas. Aterrava-a essa necessidade de cobiçar as suas carícias, pois fazia com que perdesse todo o domínio sobre si própria e todo o bom senso.

– Casar-nos-emos assim que conseguir organizá-lo – decretou ele.

– Não podes...

– Um de nós tem de ser decidido. Tu queres esconder a cabeça na areia e evitar as responsabilidades.

– Não é verdade.

– Fazemo-lo pela Bella. Juntos, constituiremos uma família – insistiu Jax.

– Não é assim tão simples.

– Nunca é simples conseguir as coisas que valem a pena – replicou Jax.

– Tudo o que consegui e valeu a pena teve um preço e exigiu algum sacrifício. Não estás disposta a fazer algum sacrifício pela Bella?

– Jax! – Gemma endireitou-se com desespero. – Para de me manipular!

– Os *paparazzi* cairão sobre nós dentro de alguns dias. Quero bloqueá-los com um casamento que não esperam. Terão de se conformar com tirar fotografias do casamento.

– Desejas mesmo isto? – sussurrou ela, trémula.

– Desejo-te e à minha filha. Temos de nos casar para lhe dar o que ambos queremos, para lhe dar o que merece – declarou ele, num tom moderado. – Eu posso fazê-lo e tu?

Gemma pensou nisso, embora não tivesse o cérebro em condições para esses esforços. Ainda que, há dois anos, tivesse sonhado casar-se com ele, soubera que era apenas um sonho, pois Jax presenciara o fim de muitas relações e não tinha nenhuma fé no vínculo matrimonial. Ele reconhecera-o em Espanha e, mais tarde, incomodara-se com o que ela dissera e resolvera-o de uma vez.

– Discutiremos – continuou Jax –, mas sabemos como reconciliar-nos.

Gemma corou e assentiu com a cabeça. Ele riu-se num tom rouco, pois sempre tinham acabado na cama depois de uma discussão e essa unidade sexual salvara-os das suas divergências.

– Além disso, se não quiseses deixar de trabalhar quando nos casarmos, comprarei o bar e serei o teu único cliente para que possas servir-me até te aborreceres.

– Só dizes disparates – murmurou Gemma, olhando para ele nos olhos.

– Direi o que tiver de dizer para te pôr essa aliança no dedo – reconheceu Jax, com sinceridade. – Esta noite, o mundo é teu, *koukla mou*.

Porém, Jax não era perfeito. Era complicado, reservado e imprevisível. Não seria fácil viver com Jax, seria como uma montanha russa com as suas desigualdades. Mesmo assim, não queria aproveitar? Era uma oportunidade que nunca imaginara que teria. Efetivamente, Jax tratara-a mal no passado, mas o casamento era entre iguais e não teria de renunciar à sua dignidade ou à sua independência, pois o dinheiro não seria um problema. Significaria muito oferecer à filha a infância estável e carinhosa que ela não tivera. Como podia rejeitar essa oferta?

– Casar-me-ei contigo, mas será melhor não fazeres com que me arrependa.

Jax respirou fundo, pensando nos segredos que guardara e na sinceridade que teria de acabar por ter. Cederá à chantagem para proteger a

família, mas também protegeria a nova família ao casar-se.

– Serei sincera – murmurou Gemma, com a tristeza refletida nos olhos azuis. – Não confio em ti.

Jax quase deu uma gargalhada, pois aprendera a não confiar em ninguém e muito menos alguém próximo e querido. Gemma floresceria como uma flor tropical na família Antonakos.

Capítulo 6

Gemma não conseguia assimilar que ia casar-se e que só faltavam uns dias para o casamento. Jax insistira em encarregar-se dos gastos das centenas de convidados e o pai dela ficou um pouco desalentado ao verificar que só podia pagar os gastos mais pessoais da filha. Jax até organizara a igreja e o copo-d'água.

Além disso, fizera tudo à distância e deixara que Gemma se ocupasse do orgulho ferido e das queixas iradas do pai. Ao fim e ao cabo, Jax não tencionara casar-se e deixara tudo nas mãos de uma organizadora de casamentos. Gemma tivera a liberdade de escolher o que quisesse, mas confiara no conselho da organizadora de casamentos, pois ela não sabia nada sobre os casamentos da alta sociedade. No entanto, ainda estava com a cabeça às voltas devido à escolha das flores, da gama de cores e da decoração da mesa de entre milhares de possibilidades.

Iola fora comprar um vestido com ela e Jax não pudera participar nisso. Decidiu-se pela renda e por uma cauda vincada que podia tirar para dançar. Além disso, escolhera uma roupinha linda para Bella.

Era paradoxal que Jax desaparecesse assim que ela aceitara casar-se e isso incomodara-a realmente. Alegara que tinha muito trabalho e só visitara a casa uma vez, quando ela quisera que fosse conhecer o pai e a madrasta. Fora uma hora bastante incômoda. Jax fora frio e o pai, rígido e protocolar. Os esforços de Iola e dela para aliviar o ambiente não tinham servido de grande coisa. Para ela, fora dolorosamente evidente que o pai e o noivo não se davam nada bem.

Além disso, havia o assunto espinhoso do seu futuro sogro, Heracles Antonakos.

Presumira que o pai de Jax queria conhecê-la antes do casamento, mas, aparentemente, enganara-se e Jax também não parecia saber se o pai iria ao casamento ou não, algo que fizera com que ela mostrasse uma careta de desgosto. Evidentemente, Heracles Antonakos não gostava que o

filho se casasse com uma empregada e não queria saber nada sobre esse acontecimento. Jax, porém, não quisera que esse assunto tão sensível a alterasse e pedira-lhe para ser paciente.

– É um pacote para ti! – gritou Iola, do fundo das escadas.

Gemma desceu apressadamente, assinou o recibo e foi à cozinha para o abrir. Tirou uma carta e um estojo e franziu o sobrolho.

– É um presente de casamento? – perguntou Iola.

– Não... É de uma mulher que se chama Polly e que diz que é uma das minhas irmãs – sussurrou Gemma.

Estava atónita enquanto lia a carta que lhe explicava que a mãe morrera há uns anos num asilo.

– Sempre presumi que a minha mãe tinha morrido quando era pequena – explicou a Iola. – Certamente, durante os três anos que estive adotada. Porém, segundo as minhas irmãs, elas também descobriram a sua morte quando já tinha falecido, pois ela não queria ver-nos enquanto estava tão doente. No entanto, deixou um anel a cada uma, um anel que os nossos pais lhe tinham dado. Foi assim que descobriram que eu existia.

– Que estranho – comentou Iola. – Porém, se estava muito doente, é possível que não pensasse com muita clareza. Há um anel no estojo?

Gemma abriu o estojo, sorriu e tirou um anel pequeno com um rubi.

– É muito bonito. Vou usá-lo depois do casamento. É maravilhoso ter alguma coisa que a minha mãe usou – murmurou ela, com uma expressão de tristeza nos olhos.

– Lê o resto da carta – pediu a madrastra. – Fala-me das tuas irmãs.

Infelizmente, Polly não lhe dava muita informação, para além de dizer que estava casada e tinha filhos, como Ellie, a outra irmã, que era médica. O que dizia era que ambas desejavam conhecê-la.

– Não podia ter escolhido um momento pior para entrar em contacto comigo – murmurou Gemma, enquanto começava a ler a carta outra vez. – Não me dá nenhuma morada, mas dá-me um número de telefone.

– Podes convidá-las para o casamento – sugeriu Iola.

– Não. Não as conheço e não acho que a Polly saiba que também sou mãe. Seria incómodo vê-las nessas circunstâncias a primeira vez e, além disso, para virem, precisariam de mais tempo do que alguns dias. Porém, isto é apaixonante. Questiono-me como serão a Polly e a Ellie. Serei parecida com elas? Achas que elas têm o mesmo pai?

Kreon entrou e Gemma deu-lhe a carta para a ler. Ele olhou para o anel que estava na mesa e levantou-o.

– Ofereci-o à Annabel como anel de noivado. Não é um rubi a sério, mas parece. Era tudo o que podia comprar naquela época...

Gemma riu-se e deu-lhe a mão.

– Tanto faz, continuarei a usá-lo com orgulho, papá.

– Tens um sorriso tão resplandecente e bonito como o da tua mãe, mas também tens uma amabilidade que ela não tinha.

– É possível que a tenha herdado de ti – replicou Gemma, enquanto olhava para a filha, que abraçava os joelhos do avô para que pegasse nela ao colo.

Gemma não conseguiu dormir nessa noite. Jax ligou-lhe e ela falou-lhe da carta de Polly. Surpreendeu-a que quisesse contar-lhe, apesar de ele não estar perto. Embora, claro, Jax soubesse melhor do que quase todos o que era a complexidade das divisões familiares, pensou, para explicar a si mesma a vontade de lhe contar tudo, mais do que estava disposta a reconhecer.

Jax quase lhe ordenou que não fizesse nada até ter investigado as irmãs. Ela zangou-se com ele e pediu-lhe para se meter nos seus assuntos. Além disso, era a única coisa que podia fazer, porque a carta não tinha nenhuma informação pessoal que lhes permitisse identificar alguma das suas irmãs ou descobrir onde viviam. Polly limitara-se a escrever uma carta amável como primeira aproximação e tinha a cabeça cheia de conjeturas sobre as irmãs que não conhecia.

Porém, parte da emoção apagou-se a pouco e pouco quando pensava que Ellie era médica. Evidentemente, Ellie era muito inteligente e tinha uma formação excelente e, certamente, Polly também. Ela poderia ser a irmã inferior, o bicho-do-mato que não encaixava. A ideia angustiava-a, pois parecia que essa era a história de toda a sua vida, que nunca encaixara em lado nenhum. Nem com a mãe nem nas casas de acolhimento nem no pouco tempo que fora adotada até os pais adotivos morrerem num acidente de viação e a devolverem ao sistema de acolhimento. Também não encaixara com Jax, pois não? Abandonara-a sem olhar para trás. Porém, ia casar-se com ele, que sentido tinha tudo isso?

Fazia-o por Bella, recordou-se, mas a vontade de fazer o melhor pela filha dos dois bastaria para um casamento ter sucesso? Não queria ter ilusões nem acreditava na perfeição. Achava que tinha os pés na terra. Contudo, queria com toda a sua alma um casamento a sério e fazer parte de uma família real. Sempre sonhara com isso e nunca conseguira. Nesse momento, Jax estava a oferecer-lhe essa oportunidade e tencionava

aproveitá-la.

A manhã do casamento amanheceu ensolarada e vestiu o vestido depois de se ter penteado e maquilhado. Ficava perfeito e envolvia-a em renda branca. Como mãe, envergonhara-a ir vestida de branco, mas não sentira a necessidade de fazer uma declaração de princípios e escolher outra cor. Além disso, ia casar-se com o seu primeiro amante e o pai da filha e não se envergonhava de nenhuma das duas coisas.

Os fotógrafos esperavam atrás de umas barreiras à entrada da Catedral Metropolitana, onde ia celebrar-se a cerimónia ortodoxa. Enervou-se com as perguntas e os flashes e agarrou-se com força ao braço do pai enquanto subia os degraus para entrar na igreja.

– Houve um tempo em que a realeza se casava aqui – murmurou Kreon, com satisfação. – Nunca sonhei que algum dia a minha filha o faria.

Esse comentário aliviou a tensão.

– Alegro-me por ter feito algo que te orgulhe, mas porque é que os fotógrafos estão tão interessados?

– Vais fazer parte de uma das famílias mais proeminentes da Grécia e, naturalmente, o público quer saber quem capturou o *playboy* incorrigível Jax Antonakos...

– Eu não diria que o capturei – murmurou Gemma.

Pararam no início do corredor e o pai endireitou-lhe a cauda curta, antes de lhe oferecer o braço outra vez com um sorriso de orgulho.

– É um homem muito sortudo e espero que o saiba. Estás muito bonita – declarou Kreon, com satisfação.

Gemma sentiu o ardor das lágrimas nos olhos, pois comovia-se com a fé do pai nela. Viu que Jax virava a cabeça para a observar e ficou com falta de ar. Quanto mais se aproximava dele, mais impressionante lhe parecia. Tinha os olhos verdes maravilhosos fixos nela e sentiu que corava, ao mesmo tempo que lhe despertava um formigueiro ardente entre as pernas. Sentia-se como se todos os seus sonhos estivessem a tornar-se realidade e repreendeu-se por ser tão sentimental. Jax não era romântico ou sentimental. Não a amava e ela também não o amava, mas tinham Bella e era possível que, com o tempo, acabassem por descobrir que estavam unidos por mais do que a filha.

Jax olhou com atenção para cada centímetro do seu corpo miúdo e delicioso. O vestido de renda era delicado e simples, mas realçava a sua figura e dava-lhe elegância. Não olhou para o seu próprio pai para ver a reação. Há alguns minutos, reparara que olhava para Bella, que estava

sentada nos joelhos de Iola. Heracles sempre desejara ter um neto e, no fim, decidira ir ao casamento para conhecer a neta. Efetivamente, não esperava que o pai estivesse de humor para festas, pois odiava Kreon Thiarkis e odiava que o filho se casasse com a filha de Kreon, mas aliviava-o que o pai tivesse posto a família acima de tudo e tivesse deixado de lado os seus reparos.

Não entendeu parte da cerimônia e culpou Jax por isso, pois dissera que estava demasiado ocupado para fazer um ensaio na catedral quando houvera uma intérprete disponível. Concentrou-se nas palavras em grego que entendia e sorriu nervosamente para Jax quando lhe pôs a aliança. Os seus olhares encontraram-se e sentiu que ardia. Era muito inadequado, mas nunca desejara tanto que a beijassem. Jax inclinou a cabeça para trás e sorriu, provocadoramente. Ela aproximou-se, como acontecia sempre. Esticou-se e agarrou-se aos seus braços para se segurar, mas, mesmo assim, não chegava.

Jax deixou escapar um som sensual e brincalhão e levantou-a para se deleitar com os seus lábios. Gemma esqueceu tudo durante um segundo. Esqueceu que estava em público, esqueceu os convidados e o arcebispo imponente que celebrara a cerimônia. O sabor da boca de Jax era como um raio de sol quente depois de um inverno interminável. Deixava-a impotente por causa do desejo e o movimento da sua língua na boca multiplicava o efeito explosivo do beijo por todo o corpo. O coração acelerou enquanto Jax voltava a pô-la no chão.

Vislumbrou o sorriso de Iola e, então, de repente, apercebeu-se de que continuava a estar à frente de todos. Corou e Jax deu-lhe a mão para a levar até à porta pelo corredor.

Não acreditava que estivesse tão relaxado. Esperara odiar cada momento do casamento. Uma coisa era saber que estava a proteger o pai e, outra, era saber que estava a fazer o que tinha de fazer, mesmo que fosse contra os seus instintos, mas o sabor da paixão de Gemma apaziguava esses sentimentos. Desejava-o tanto como ele a desejava e, por enquanto, esse era todo o consolo de que precisava por ter sacrificado a liberdade.

Lutara contra a raiva, o rancor e a amargura durante as duas semanas que tinham demorado a preparar o casamento. Manteve-se afastado de Gemma, pois tivera medo de que adivinhasse que não era o noivo entusiasta que estava a tentar ser. Nunca soubera enganar bem. Era capaz de não expressar os sentimentos, mas era incapaz de fingir. Parecera-lhe incrivelmente incómodo ter de ir visitar Kreon e Iola e desesperara-o que

Gemma lhe perguntasse pela cor das flores e tolices desse tipo. Durante duas semanas, recordou-se que, ao casar-se, estava a ficar com Gemma e com a filha e a proteger o pai. Porém, nem isso lhe tirava o gosto amargo de ter de fazer o que sempre jurara que não faria.

Uma vez fora da catedral, os fotógrafos começaram a fotografá-los. O pai de Jax saiu em silêncio e entrou diretamente numa limusina. Era paradoxal que Heracles estivesse furioso com o filho por se casar com Gemma. Jax teve de lhe comunicar que tinha uma filha com Gemma para Heracles parar de resmungar e acabar por aceitar que uma empregada, filha de um delinquente detestável, entrasse na família Antonakos. Ao descobrir esses antecedentes penais, Jax não intervieria a favor do sogro e aceitar que Kreon era detestável mitigara a raiva do pai.

Também se sentira tentado a falar do relatório sobre Gemma que lhe tinham dado há dois anos, mas decidira adiá-lo até depois do casamento. Fora surpreendentemente fácil conseguir informação sobre Kreon, mas conseguir informação sobre Gemma estava a ser muito problemático. Vivera em muitos sítios diferentes e até fora adotada e mudara de nome. Entristecera-o descobrir como a juventude e infância de Gemma tinham sido sombrias. Recuperara o nome que lhe tinham dado à nascença alguns anos depois de a terem adotado, mas as suas constantes idas e vindas durante a sua infância pareciam uma atuação deprimente dos serviços sociais e de acolhimento e o investigador não conseguia seguir o rasto dos seus movimentos durante a sua adolescência.

Naturalmente, poderia perguntar-lhe diretamente, mas podia confiar na resposta ou mentiria para o enganar, com a esperança de esconder uma conduta que podia envergonhá-la? Ele precisava da certeza de que sabia toda a verdade. Naturalmente, esperava que ela negasse os crimes relacionados com as drogas, mas, até àquele momento, não encontrara nenhum documento oficial sobre esses crimes. Era possível que a agência de detetives que o pai contratara a tivesse confundido com outra pessoa? Era remotamente possível que fosse inocente das acusações que se faziam nesse relatório? Não ficara espantado quando a vira com esse homem no beco? Os pecados e defeitos de Gemma não se refletiam no seu lindo rosto.

Jax, que tinha muita experiência, enterrou a lembrança da traição de Gemma no mais profundo do seu ser, onde não tinha de pensar nela. Se pensasse nisso, perturbar-se-ia, como acontecera há dois anos, quando tentara encontrar consolo numa garrafa. As sequelas por ter renunciado a

Gemma tinham sido aterradoras para um homem que precisava de manter o domínio dos sentimentos. Durante um tempo, breve, os seus sentimentos em conflito tinham-no dominado e isso era algo que não queria recordar ou reviver. Sentia calafrios só de pensar nisso.

Chegaram ao hotel e foram para uma sala privada com Bella para beber uma taça de champanhe e esperar que chegassem os convidados.

– Está a chegar o carro do meu pai – comentou Jax, num tom tenso, da janela. – Vamos, quero apresentá-lo à Bella e a ti.

Quando chegaram ao vestíbulo, Kreon e Iola já estavam a cumprimentar Heracles. Então, fez-se uns desses estranhos momentos de quietude quando Kreon disse alguma coisa e Heracles se precipitou sobre ele e lhe deu um murro com todas as suas forças. Gemma ficou paralisada. O pai tentou retribuir o murro, mas Heracles, que estava em muito boa forma e era muito leve para a sua idade, esquivou-o e deu outro a Kreon. A violência não se conteve até os guarda-costas de Antonakos se interporem entre os dois homens. Heracles deixou escapar um rugido de raiva.

– Não te metas – disse Jax a Gemma.

Jax aproximou-se do pai e agarrou-o pelos braços para o conter porque, evidentemente, nenhum dos empregados se atrevia a tocar no empregador iracundo. Congestionado e desejoso de lutar, Heracles bramou algo em grego. Jax olhou para os convidados que entravam e paravam para observar o espetáculo e teve de conter um gemido. Disse alguma coisa ao pai e levou-o para a porta da sala privada. Abriu a porta e fez um gesto ao pai de Gemma para o seguir. Kreon, congestionado, reticente e envergonhado, acabou por entrar. Gemma compreendeu que Jax estava a tentar resolver a zanga e interrogou-se o que Heracles Antonakos teria contra o pai para perder a cabeça dessa forma.

– Homens! – exclamou Iola, ao seu lado. – Ainda bem que o Jax os levou.

– O que causou esse murro? – perguntou Gemma, com perplexidade.

– Aparentemente, o Kreon e o pai do Jax têm assuntos pendentes. O Kreon não entrou em detalhes, mas é evidente que o pai do Jax o odeia e quase não veio ao casamento do filho quando descobriu que o Kreon ia estar aqui. – Iola revirou os olhos. – Não deixes que isso te estrague o dia.

– Não o farei.

Gemma acariciou distraidamente os caracóis de Bella enquanto pensava que as relações familiares seriam complicadas se os pais estavam em confronto. Recebeu os convidados com Iola ao lado e conversaram até ver

que Heracles e Kreon voltavam a sair com umas bebidas nas mãos e a falar entre eles. Porém, quando Jax se aproximou dela, a tensão refletia-se no seu rosto atraente.

– Evidentemente, tens jeito para o papel de pacificador – comentou ela.

Levou-a para a sala para se sentar e não teve de cumprimentar Kat Valtinos, que estava cativante com um vestido cor de esmeralda apertado e umas penas no cabelo.

– Não – replicou ele –, conseguiram fazê-lo sem a minha ajuda. Eu só fiquei para que não voltassem a rebentar as hostilidades – reconheceu Jax.

– Ainda não conhecestes o meu pai e tenho de te explicar o que aconteceu.

– Não quebres um hábito enraizado, não me contes coisas – comentou ela, com todo o sarcasmo do mundo.

– Não gosto de falar disso, mas tenho de o fazer. – Jax soprou. – Embora seja uma história que vem de longe e não tenha nada a ver connosco. Naturalmente, perguntar-te-ás porque o meu pai atacou o teu...

– Parece-me que ninguém gosta do Kreon ao princípio...

– Isto não é motivo de brincadeira – criticou Jax.

Gemma sentou-se ao lado dele na mesa presidencial e viu que Heracles Antonakos falava com Bella. A menina não tinha medo e ofereceu-lhe o seu coelho de peluche. O rosto enrugado do avô esboçou um sorriso inesperado, sentou-se ao lado de Iola e aceitou o coelho para o fazer andar pela cadeira que tinha do outro lado. Bella começou a rir-se e agarrou-se à perna das suas calças para se manter de pé.

– Gosta da Bella – observou Gemma, com satisfação.

Estava disposta a perdoar e a esquecer-se muitas coisas se aceitassem e amassem a sua filha.

– Adora crianças. – Jax ficou em silêncio por um instante. – Depois de o Argo, o meu irmão, ter morrido, o meu pai descobriu que não podia ser filho dele. Tiveram de lhe fazer uma transfusão depois do assalto e descobriram, minutos antes de morrer, que não tinha o mesmo grupo sanguíneo, muito raro, que o meu pai e eu temos.

Gemma esbugalhou os olhos, pois a notícia perturbara-a.

– Isso deve tê-lo deixado devastado...

– Sobretudo, porque idolatrava a sua primeira esposa e detestava a minha mãe e a mim pela infidelidade da minha mãe. Quando descobriu que não era o pai do Argo, suspeitou imediatamente do teu pai, pois era muito amigo da Sofia.

– Sinceramente, acho que não era esse tipo de amizade.

– Não era – confirmou Jax. – O Kreon considerava a Sofia uma irmã mais nova. A mãe, a tua avó paterna, era a ama da Sofia e o Kreon e ela passaram muito tempo juntos quando eram pequenos. Infelizmente, o meu pai, quando se casou com a Sofia, desconfiou dessa amizade e ficou ciumento.

– Noutras palavras, o teu pai é um troglodita que não consegue acreditar que um homem e uma mulher possam ser amigos – comentou Gemma, enquanto via que Heracles sentava Bella no joelho com muito cuidado.

– Também não gostaria que a minha esposa fosse tão amiga de outro homem – reconheceu Jax.

– Infelizmente, neste momento, não tenho um amigo íntimo para te atormentar.

– És uma bruxa – resmungou Jax, passando-lhe um dedo pelo lábio inferior carnudo. – Porque será que isso faz com que me apeteça beijar-te outra vez?

– Gostas de provocações?

Gemma olhou para aqueles olhos verdes impressionantes e afastou os lábios, enjoada por causa da excitação.

– Mas não gosto de público – respondeu ele.

Jax acariciou-lhe o pulso por baixo da mesa. Gemma ofegou e percebeu que o seu corpo reagia a ele em todos os sentidos. Sentia que os mamilos endureciam por baixo do corpete de renda e a palpitação entre as coxas que a obrigava a ficar mais rígida.

– Está na hora do evento... mas não do que nós quereríamos – murmurou Jax, com ironia.

Iola sentou-se ao lado dele e Heracles, ao lado de Gemma, com Bella ainda ao colo.

– É encantadora – disse Heracles da menina. – Sabe o que quer.

– Mamã... Mamã...

Bella inclinou-se para passar para os braços da mãe.

– Tem de dormir um pouco.

– Onde está a ama que contratei para hoje? – perguntou Jax.

A mulher já estava a aproximar-se para levar a menina, mas Gemma levantou-se.

– Subirei também para a deitar.

– A tua noiva não percebe as indiretas, pois não? – perguntou Heracles ao filho, num certo tom brincalhão. – Vais estar muito ocupado com as duas.

Jax, que queria com toda a sua alma seguir a noiva para que também o deitasse, fez uma careta.

– Sim, eu sei.

– Bom, não podes escolher pior do que eu. Não direi mais nada. Com o meu historial, não posso dar lições, pois não? – acrescentou o pai.

– Não, não podes.

– Três casamentos que acabaram numa morte e dois divórcios. A tua mãe não o fez muito melhor. Não te demos um exemplo muito bom. – Heracles suspirou. – Preparei a ilha para a vossa lua de mel.

Jax, atónito, franziu o sobrolho.

– Mas vives em Tifnos.

Jax tencionara levar Gemma pelo Mediterrâneo no seu iate.

– Agora que és pai, Tifnos é tua. Construiu-se para ser uma casa familiar e já estou cansado de viver lá sozinho. Doei-ta e estou a comprar alguma coisa nos subúrbios de Atenas – explicou o pai, num tom concludente. – Já está na hora de me retirar um pouco e de dar lugar à geração seguinte.

Capítulo 7

Gemma saiu do quarto onde deixara Bella com a ama e sorriu ao ver Kreon.

– Pai, o que fazes aqui? Tentas fugir de toda essa conversa de cortesia ou ouviste o rumor de que a comida vai ser má?

Kreon fez uma expressão séria e de preocupação.

– Fiz algo mau e afeta-te.

– Pode saber-se do que estás a falar?

Gemma riu-se enquanto a levava para um canto com uns bancos.

– Ao falar com o Heracles, vi as coisas... de outra maneira. – O seu pai escolheu as palavras com desconforto e sentou-se. – Compreendi que todos temos sucessos e fracassos, mas o que nos faz ser como somos é a forma de lidar com eles. Eu gostaria de estar orgulhoso de ser quem sou, mas não estou.

– Não pareces tu – replicou Gemma, com os olhos semicerrados.

– O pai do Jax teve problemas porque desprezava a mãe dele, de quem se divorciou. Sabe que não pode compensá-lo e tem de viver com isso todos os dias, sabe que o filho teve de lutar sozinho, durante todos esses anos, com uma mulher muito complicada.

– Mas tu e eu temos uma história diferente. Tu nem sequer sabias que a minha mãe estava grávida quando saíste de Londres e ela também não to disse mais tarde, quando podia tê-lo feito.

– Não me refiro a isso – replicou Kreon, com tristeza. – Odiei o Heracles Antonakos durante muitos anos porque me degradou por ser amigo da sua esposa. Envergonha-me, mas tenho de reconhecer que mostrei o meu rancor ao seu filho.

– Como? – perguntou Gemma, com o sobrolho franzido.

– Quando a Sofia estava a morrer, mandou-me uma carta em que confessava o seu segredo mais oculto. – Kreon tirou um envelope enrugado do bolso e entregou-lho. – Dá isto ao Jax e deixa que ele decida

o que quer fazer. A Sofia confessa que teve uma aventura e que o irmão do Jax não era filho do Heracles. Fui ver o Jax há algumas semanas e ameacei entregar a carta à imprensa.

– Meu Deus, porque ameaçaste fazer algo tão monstruoso? – perguntou Gemma, com incredulidade.

– Queria que se casasse contigo e tomasse conta da Bella e de ti. Achava que to devia e continuo a achar, mas foi injusto coagi-lo para o fazer. Ele estava a proteger o pai de mais angústias e não devia tê-lo posto nessa situação. Ele não tem a culpa dos erros do pai.

Gemma ficara pálida e com o estômago às voltas. Olhou com atenção para o pai enquanto começava a entendê-lo com espanto.

– Estás a dizer-me que o chantageaste para me pedir em casamento?

Kreon assentiu com a cabeça e os olhos fechados e ela sentiu-se como se o mundo se abrisse por baixo dos seus pés. Olhou para a aliança e sentiu náuseas. Jax não quisera casar-se com ela. Era terrível. Olhou para o pai sem disfarçar a condenação.

– Estavas mal da cabeça? Quero dizer, o que te fez pensar que era uma forma aceitável de te comportares com o pai da Bella?

– Estava furioso com ele. Queria castigar o Jax por te ter seduzido e abandonado. Não é uma desculpa, mas, nesse momento, estava convencido de que estava a fazer o que era melhor para ti e para a minha neta.

– Porque o Jax é rico e poderoso. Agora, sentes-te mal porque percebeste que as pessoas ricas e poderosas como o Heracles Antonakos cometem erros e sofrem como todos os outros.

– Certamente, foi isso. – Kreon suspirou. – Quando ouvi o Heracles a falar, senti que a minha raiva desaparecia. Era um viciado no trabalho que ignorava as esposas, mas, hoje, veio ao casamento, embora não te aprove, porque achava que tinha de apoiar o Jax, como um pai tem de fazer. Esse esforço é o que temos de fazer por um filho, não o que eu fiz. O que fiz? Fiz um comentário sarcástico e provoquei esse murro.

– Estou incomodada, na verdade. – Gemma respirou fundo para tentar acalmar-se. – Será melhor desceres para ao pé dos convidados antes de a Iola começar a questionar-se onde estás.

– Lamento muito, Gemma. Senti-me muito impotente desde que entraste na minha vida. Tinhas sofrido muito e eu, sinceramente, queria fazer alguma coisa para que a tua vida fosse melhor – confessou Kreon, antes de se ir embora.

Ela entendeu muito bem a intenção do pai, mas chantageara Jax. Sentiu

náuseas outra vez. Jax, que idolatrava o pai que o ignorara durante anos, fora vulnerável. A angústia e a vergonha apropriaram-se dela. O pai, que começara a amar muito facilmente, defraudara-a. Isso também a magoava. Julgaria sempre mal as pessoas?

Porém, o que devia fazer agora? Um casamento não parecia o momento ideal para ter uma conversa muito complicada com Jax. Não podia comentar, como quem não queria a coisa, que o pai lhe contara que o chantageara... Fez uma careta de dor. Sentia-se magoada pelo pai, por Jax e por Bella, pois havia muito poucas possibilidades de aquele casamento corresse bem, mas, sobretudo, estava a perceber que se sentia magoada por si própria. Acreditara que Jax desejava casar-se com ela e isso dera-lhe esperança e até fizera com que sonhasse um pouco.

Nesse momento, era evidente que Jax não desejara casar-se. O pai usara o pior sistema de persuasão para conseguir o casamento. Kreon não pensara que seria a filha que teria de aguentar as repercussões do que fizera? Não calculara como Jax se sentiria ofendido e zangado? Sentiu um calafrio e sentiu-se muito sozinha. Não podia contar com o pai e, evidentemente, também não podia contar com o marido.

Pela primeira vez, quis falar com as irmãs que não conhecia. Era um disparate, mas queria verificar se conseguia sentir uma ligação com uma irmã como, evidentemente, não conseguira com Jax e o pai. Kreon mentira-lhe quando lhe dissera que podia confiar nele e Jax não fora sincero quando lhe dissera essas coisas tão bonitas sobre serem um casal que constituiria uma família para criar Bella. Tinham-no obrigado a dizê-lo para que ela aceitasse casar-se com ele. Já pusera o número de telefone das irmãs no telemóvel por medo de perder a carta de Polly e tirou-o da pequena mala.

Tremeram-lhe as pernas enquanto o telefone tocava e quase desligou a chamada. Então, ouviu uma voz de mulher que inspirava confiança e ela ficou gelada.

– Sou a Gemma... A tua irmã. És a... Polly?

– Gemma! – exclamou Polly, com alegria. – Fico muito feliz por falar contigo. Não sabes há quanto tempo a Ellie e eu te procuramos.

– Porque me procuravam? – perguntou Gemma, confusa.

– Porque és a nossa irmã e parte da nossa família. A Ellie e eu sempre nos tivemos uma à outra, mas sei que tu não tiveste ninguém até recentemente. Naturalmente, sei que, agora, tens o teu pai.

– Também não correu muito bem – balbuciou Gemma, envergonhada.

– Lamento muito. Passa-se alguma coisa? – perguntou Polly, com preocupação.

Gemma olhou para a parede com o ardor das lágrimas nos olhos.

– Para ser sincera, não foi um dia... muito bom – respondeu Gemma, engasgando-se.

– Pareces alterada – comentou Polly, com prudência. – Não quero meter-me onde não sou chamada, mas...

– Não estou alterada, é o dia do meu casamento.

– O dia do meu casamento também não correu muito bem – contou-lhe Polly, num tom pesaroso. – Já se celebrou a cerimónia? Amas o homem com quem te casaste?

Era uma pergunta muito simples, mas Gemma ficou gelada e começou a tremer de frio.

– Não, não estamos apaixonados. Casámo-nos porque temos uma filha. Pelo menos, achava que nos tínhamos casado por isso, mas parece que também me enganei.

– Parece-me incrível que já sejas mãe só vinte e um anos! – exclamou Polly. – O nosso detetive não descobriu disso. Porém, pareces muito infeliz. Conta-me o que te aconteceu.

Gemma cerrou os dentes para conter as lágrimas. Essa voz compreensiva e delicada da irmã atraía-a, mas...

– Não posso contar-te.

– Podes contar-me tudo. A Ellie e eu estamos desejosas de te ajudar, se precisares de nós.

– Fico feliz por saber, mas não posso contar-te – insistiu Gemma.

– O pai da tua filha maltrata-te? – perguntou Polly, com preocupação. – Corres algum perigo?

– Não, não! Acabei de descobrir que o meu pai chantageou o noivo para se casar comigo... É por isso que estou alterada.

– Ena... – A indecisão de Polly foi muito eloquente. – Tu não és responsável pelo que o teu pai faz. Gemma, se me pedires, irão buscar-te, estejas onde estiveres e seja a que horas for.

– É uma oferta muito generosa – respondeu Gemma, profundamente comovida.

– Podes ficar connosco durante uma temporada. Serás muito bem recebida e terás tempo para decidir o que queres fazer.

– Vou pensar nisso, mas, agora, tenho de desligar. Lamento muito. Voltarei a ligar quando tiver mais tempo para falar.

Gemma voltou a guardar o telemóvel e questionou-se o que lhe acontecera para contar tantas coisas a uma mulher que não conhecia. Certamente, Polly estaria a pensar que era muito estranha. Foi à casa de banho do andar de baixo para arranjar a maquilhagem e interrogou-se porque teria chorado daquela forma. Por causa da confissão de Kreon? Por ter descoberto que Jax a pedira em casamento para proteger o pai e para não sofrer a humilhação de todos saberem que não era o pai do seu filho mais velho? Fosse o que fosse, era o dia do seu casamento e tinha de se comportar como se não se passasse nada.

– Pode saber-se onde te tinhas metido? – perguntou Jax, fora da sala e agarrando-a pelos braços. – A Bella está bem?

– Muito bem. Estive a falar com uma pessoa – respondeu ela, olhando para ele nos olhos e sentindo algo parecido com uma descarga elétrica.

– Choraste? – perguntou Jax, olhando para ela fixamente.

– Que tolice! – exclamou Gemma, com uma gargalhada forçada. – Porque choraria?

Jax não sabia porquê, mas a aura resplandecente de Gemma apagara-se. Era possível que Bella estivesse a incomodá-la. Os casamentos eram cansativos e uma ama desconhecida poderia ter alterado a filha. Pôs-lhe a mão nas costas e voltaram a entrar na sala para se dirigirem para a mesa presidencial.

Serviram a comida, mas desfrutou tanto como se tivesse comido serradura. O seu sogro perguntou-lhe algumas coisas muito incómodas sobre o seu passado e respondeu o melhor que pôde. Tentou passar em bicos de pés pelos anos que esteve em adoção e animou-se mais quando falou de Bella. Um cantor profissional amenizou o copo-d'água até começar a dança. Jax teve de a arrastar até à pista, pois não dançava muito bem e tinha vergonha de dançar em público.

– Estou desejosa de que acabe o dia – reconheceu ela.

Apoiou a cabeça no seu peito e percebeu que era tão alto que podia esconder-se atrás dele, pelo menos, de um ângulo.

– Já somos dois.

Jax questionou-se se o pai teria dito algo cortante para que ela estivesse tão apagada. Surpreendentemente, essa suspeita zangou-o.

Naturalmente, não podia desfrutar do casamento que tivera de aceitar por chantagem. Além disso, o que pensaria do pai? Certamente, já saberia que Kreon passara alguns anos atrás das grades quando era jovem e, nesse momento, pensaria que a prisão era onde devia estar e teria pior conceito

dela por isso. As pessoas julgavam os outros pela sua família e o seu passado. Embora nunca tivesse tido um conceito muito elevado dela, recordou-se, ao lembrar-se de que a abandonara em Espanha.

– Vamo-nos embora dentro de algumas horas – comentou Jax, apertando-a contra ele.

Derreteu-se ao sentir a sua ereção e sentiu a boca seca. Evidentemente, a chantagem não sufocava a sua libido e ainda a desejava. Tinha de o celebrar ou tinha de o reprovar? Tinha de lhe agradecer por ser a sua válvula de escape sexual? Só servia para isso? Só merecia isso? Já não sabia. A sua cabeça estava cheia e fez um esforço para relaxar entre os braços quentes e musculados. Deixou que a levasse pela pista de dança. Já havia outras pessoas a dançar e não se sentia o centro das atenções.

– Para onde iremos? – perguntou ela, ao fim de um momento.

– É uma surpresa – respondeu Jax, que continuava impressionado com o que o pai fizera.

A pequena ilha de Tifnos era a casa dos Antonakos, mas Jax não passara nenhuma noite lá. Quando era criança, tinham-no levado no *ferryboat*, mas só para passar o dia e para assistir a grandes eventos sociais da família. Já como adulto, viajara para a ilha com periodicidade para falar de assuntos da empresa com Heracles, mas nunca fora a sua casa, pois, quando era pequeno, sentia-se sortudo se o pai reparasse nele entre tantos convidados. A verdade era que sempre se sentira um intruso na casa do pai e a ideia de Tifnos ser a sua base despertava-lhe todo o tipo de sentimentos contraditórios.

– Oh... – sussurrou Gemma, ao sentir o cheiro dele.

Efetivamente, teve de reconhecer que as feromonas tinham algum efeito na atração. Adorava o cheiro de Jax, essa mistura de perfume exclusiva com o cheiro viril atraía-a desde o primeiro beijo.

Arderam-lhe os olhos outra vez e franziu o nariz para conter as lágrimas. Tinham chantageado o marido para se casar com ela e, ao sabê-lo, parecia-lhe complicado que pudesse ser uma esposa a sério. Na verdade, a intervenção de Kreon e a sua pressão tinham conseguido fazer com que todo o dia fosse um absurdo. Sentia-se completamente humilhada e questionava-se quando reuniria a coragem de que precisava para falar com Jax sobre o que Kreon fizera e como ele reagiria. Poderia enfurecer-se por ela saber e o seu orgulho poderia virar-se contra ela.

Estava a dirigir-se para a suíte nupcial para mudar de roupa antes de se irem embora quando viu que Kat Valtinos se aproximava dela. Conteve

um suspiro, pois não estava de humor para ser tratada com condescendência.

– Gemma... – murmurou Kat, com um sorriso falso resplandecente. – O teu grande dia está prestes a acabar.

– Sim. Vamo-nos embora em breve – reconheceu Gemma, enquanto rebuscava o cartão para abrir a porta.

Iola e Kreon já tinham levado Bella e ficaria com eles durante a primeira semana que Jax e ela passassem fora.

– Bom, aproveita-o enquanto podes – aconselhou Kat, com uma doçura venenosa. – Não acho que o teu casamento vá durar muito.

Gemma abriu a porta e limitou-se a não fazer caso à morena, pois não ia discutir com ela. Kat odiara-a há dois anos, em Espanha, porque atraía Jax e, a julgar pelo que vira nas revistas, albergara alguma esperança de a sua longa amizade acabasse noutra coisa.

– O Jax ficará com a menina e abandonar-te-á outra vez – murmurou Kat. – Depois, não digas que não te avisei.

Gemma fechou a porta. Ficou pálida e trémula, mas concentrou-se em tirar o vestido e lavar-se. Vestiu um vestido vaporoso, calçou umas sandálias e retocou a maquilhagem. Kat era uma bruxa. Jax nunca tentaria arrebatá-lhe Bella. Porque haveria de fazer algo tão desumano ou sequer pensar em afastar uma mãe e uma filha? Ela não era uma má mãe. Não era perfeita. Queixara-se um pouco quando Bella a tirara da cama ao amanhecer, mas amava a filha. Nada a agradava tanto como poder dar todas as coisinhas a Bella que não ela não tivera, coisinhas como ler uma história quando a deitava, como dar-lhe a sua comida favorita e imensos abraços.

Depois de fazer as malas, foi encontrar-se com Jax. Uma limusina levou-os ao aeroporto e entraram num helicóptero.

– Vamos no iate? – perguntou ela, antes de o barulho do motor impedir a conversa.

– Não, vamos para Tifnos – respondeu ele.

Gemma assentiu com a cabeça, embora a perspectiva a assustasse. Lera sobre a ilha privada que Heracles comprara nos anos oitenta. Dizia-se que o sogro vivia lá num luxo feudal, embora a casa nunca tivesse sido fotografada nem tivesse aparecido em nenhuma publicação. Porém, segundo a lenda, tinha um jardim comparável ao Jardim do Éden, um

jardim zoológico privado e centenas de empregados.

Sentia-se deslocada. Era demasiado normal para uma coisa dessas. Sempre fora normal e chegara a pensar que fora o que atraía Jax. Não se dava importância, não dizia coisas que não acreditava e se havia algo que não sabia, reconhecia-o. Inesperadamente, Jax deu-lhe uma mão e entrelaçou os dedos com os dela. O polegar acariciou-lhe com delicadeza a parte interior do pulso. Era como se ela tivesse içado uma bandeira que indicava pânico e ele tivesse captado a mensagem ou como se ele também tivesse um certo medo... Descartou imediatamente a ideia, pois Tifnos era a residência dos Antonakos e tinha de estar muito habituado a tudo.

Escurecera por completo quando o helicóptero aterrou e Jax a ajudou a sair. Por um instante, emocionou-a ver o céu cheio de estrelas que não conseguiam ver-se na cidade. Puseram a bagagem num carro para andar pela praia e Zenas sentou-se ao volante para os levar por uma encosta inclinada e ladeada por pinheiros. No topo, a casa dos Antonakos prolongava-se como um transatlântico iluminado.

– É grande – comentou ela.

– Sim, o Heracles construiu uma casa muito grande para um homem que não gosta de receber convidados.

Entraram num vestíbulo resplandecente devido ao mármore e aos candeeiros do teto. Era como o vestíbulo de um hotel sem balcão de receção. Uma escada dupla subia para o andar superior e era tão larga que poderia desfilar por lá um batalhão.

– Imagina um *set* cinematográfico – pediu Jax. – A minha mãe redecorou a entrada e há alguns detalhes muito teatrais.

Uma mulher grega, baixa e de meia-idade aproximou-se deles com uma bandeja com bebidas para lhes dar as boas-vindas. Jax deu-lhe uma taça de champanhe, mas ela hesitou.

– Não gosto de champanhe.

Ela bebeu o seu copo por cortesia enquanto visitava salas decoradas com uma opulência que lhe indicava uma fortuna de muitas gerações. Havia estátuas, coleções, vitrinas e obras de arte por todos os lados. De repente, entendeu porque havia centenas de empregados. Precisariam de muitos para tomar conta de tantas coisas.

Jax tirou-lhe o copo e pousou-o enquanto lhe dava a mão. Depois, disse a um empregado, a quem chamou Theo, que iam para a cama.

– Não foi um pouco... desavergonhado? – perguntou ela, coibida, enquanto subiam as escadas.

– É uma da madrugada e é a nossa noite de núpcias – respondeu Jax, agarrando-lhe a mão com mais força. – Amanhã, poderemos conversar mais.

Gemma pensou no que não quisera pensar e corou enquanto Jax a levava para um quarto imenso, cheio de jarras com rosas brancas e lírios. Era impressionante, mas não tão impressionante como a cama enorme sobre um estrado e coberta de pétalas de rosa.

– O Heracles não brincava quando disse que prepararia a casa para o casal de recém-casados – comentou Jax, num tom frio e sombrio.

– É lindo. – Ela estava muito agradecida ao seu sogro por ter tido aquele trabalho. – Contudo, é demasiado grandioso para as pessoas como eu.

– «As pessoas como eu»? Agora, és a minha esposa e nada é demasiado grandioso ou demasiado bom para a minha esposa.

– Vou habituar-me. É que... É que é um pouco avassalador vir para uma casa como esta – reconheceu Gemma.

– Agora, é nossa. – Jax contou-lhe o que o pai fizera. – Acho que espera que... nos multipliquemos.

Gemma encolheu os ombros e não disse nada.

– Acho que a Bella é suficiente, por enquanto – continuou ele. – Eu ainda tenho de aprender a ser pai. Queres comer ou beber alguma coisa? Há coisas no carrinho.

– Não, só quero tirar os sapatos – reconheceu Gemma, deixando-se cair numa poltrona com um suspiro. – Doem-me os pés.

– Vejamos... – Jax baixou-se aos seus pés, desatou-lhe os sapatos e tirou-lhos. – Tens uns pés minúsculos. Fascinavam-me.

Uns dedos compridos e morenos acariciaram-lhe o tornozelo com delicadeza e Gemma susteve a respiração, pois tinha a pele muito sensível e era como se a tivessem acariciado num lugar muito mais íntimo.

– Se aguentei o dia, *koukla mou*, foi porque tencionava dar-te prazer e saciar-me dentro de ti – comentou Jax, num tom rouco, enquanto a levantava da poltrona e a deitava na cama.

Gemma, corada, olhou para ele com os olhos azuis esbugalhados.

– Então, porque pareces um coelho assustado? – continuou Jax. – Passaste todo o dia a comportar-te de uma forma muito estranha.

Capítulo 8

– Sinto-me... emocionada – declarou Gemma e era verdade.

O casamento na catedral, a família Antonakos, os convidados cheios de joias e a ausência de amigos, à exceção dos seus pais, pesara muito. Os olhares constantes e as conjeturas sussurradas não tinham ajudado, mas claro, quando alguém tão rico como Jax se casava com uma empregada que era a mãe da filha, as pessoas olhavam. O casamento fora um motivo de tensão e a confissão do pai rematara-o. Descobrir que só pudera casar-se com Jax devido ao ato criminoso de Kreon fora a humilhação absoluta.

Porém, o que podiam fazer? Kreon confessara demasiado tarde e já não podiam mudar nada. Se se separassem nessa mesma noite, o escândalo seria enorme e ela sabia que Jax não queria ouvir falar de escândalos, o que significava que teriam de continuar casados durante uns meses para a rutura não merecer tanta atenção da imprensa.

– Consigo entendê-lo – concedeu Jax, tirando o casaco com um movimento indolente.

Gemma olhava para ele com o coração acelerado e continuava a questionar-se o que deveria fazer, como devia comportar-se. Porém, ela, como mais de noventa por cento do seu corpo, desejava a intimidade de estar com Jax. Queria esquecer, perder-se na imensidão da cama, deixar o resto do mundo à margem e refugiar-se em Jax, mesmo que ele não fosse realmente dela nem, certamente, alguma vez chegasse a ser. Os seus olhos verdes deslumbrantes resplandeceram na penumbra e sentiu a boca seca.

Tirou a camisa das calças, voltou para a cama e ficou ao lado dela para lhe abrir o fecho do vestido. Ela ficou sentada como uma pequena estátua e o coração acelerou como uma locomotiva quando lhe levantou o vestido por cima da cabeça e a deixou apenas com a *lingerie* de renda branca. Jax desabotoou a camisa para lhe mostrar o peito. Estava tão fascinada com aquela beleza masculina como em Espanha e deleitava-se a olhar para ele com admiração feminina. Fazia exercício e notava-se. Tinha uma

musculatura fibrosa e transmitia força contida.

– Tira tudo – pediu ele. – Quero olhar para ti.

Ela ficou vermelha enquanto levava as mãos às costas para soltar o sutiã. Nunca o fizera à frente dele. Outras vezes, a sua roupa desaparecera entre as mãos dele e não tivera de pensar nem se sentira especialmente nua, mas ali, naquele quarto silencioso, sentia-se muito consciente dos defeitos do seu corpo enquanto deixava cair o sutiã. Perdera quase todo o peso da gravidez, mas não podia negar que tinha o busto e as ancas mais... arredondados. Além disso, tinha uma cicatriz na barriga por causa da cesariana que tinham tido de lhe fazer. Também tinha a cintura mais larga, pensou, com angústia, enquanto revia todos os defeitos, e ele era um homem habituado aos corpos sem defeitos das modelos de roupa interior.

Jax olhou com prazer para os mamilos rosados e uma onda de excitação apropriou-se dele com a força de um maremoto. Adorava a sua delicadeza porque as suas linhas suaves se tornavam exuberantes nos lugares mais femininos e ele sabia muito bem o que aconteceria quando os acariciasse. Sabia que reagiria como nenhuma outra mulher reagira e que não teria nada de falso ou exagerado.

– Não sou perfeita – avisou ela, num tom tenso e com os dedos na cintura das cuecas. – Bom, nunca fui, mas...

Um sorriso resplandecente apareceu no rosto atraente de Jax enquanto apoiava um joelho na cama e a puxava pelos tornozelos.

– És perfeita para mim... Só quero ver-te.

Gemma, perturbada, olhou para ele com uma certa apreensão nos olhos azuis. Tirou-lhe as cuecas, deitou-a com delicadeza nas almofadas e afastou-lhe as pernas.

– Adoraria ter um quadro teu assim, com as pernas afastadas e à minha espera, mas não conseguiria suportar que um pintor te visse nua – reconheceu ele, enquanto tirava as calças e as cuecas.

Gemma sentia-se como se estivesse no altar dos sacrifícios, mas também a excitava que a observasse com tanta atenção e gostava de ver a palpitação da sua ereção. Fazia com que se sentisse como se o seu corpo não tivesse defeitos e esse desejo que ele não se incomodava em disfarçar devolvia-lhe a autoestima que o pai lhe arrebatara com a sua atuação.

Jax deitou-se na cama e beijou-a na boca. Afastou-lhe os lábios e fez com que tremesse dos pés à cabeça. Introduziu os dedos entre o seu cabelo moreno e despenteado e sentiu o ardor das lágrimas atrás das pálpebras fechadas. Desejava-o tanto que lhe doía. Era demasiado intenso e

desesperado e não queria sentir isso. Tinha de manter o domínio sobre si própria, distinguir entre o que era real ou não e o que tinham nesse momento não era real. Porque é que pensar isso fora como uma navalhada quando era apenas a verdade?

– Não me canso de ti – murmurou ele.

Os seus beijos e os movimentos da sua língua faziam com que o corpo miúdo dela se arqueasse.

– Temos toda a noite – sussurrou ela, com os olhos toldados pela paixão.

– Uma noite não satisfará a minha voracidade.

Introduziu uma mão entre os seus caracóis enquanto lhe percorria as clavículas com os lábios, antes de lhe sugar um mamilo endurecido.

– Jax... – Ela gemeu.

Um formigueiro ardente descia do peito até à barriga e uma sensação quente e húmida palpitava entre as coxas. Jax fez um esforço para parar de percorrer o seu corpo com os lábios e observou-a. Já era a sua esposa e, em certo sentido, gostava. Gostava da aliança no dedo que indicava que era dele e adorava que o observasse daquela forma, como se fosse excepcional.

– Amanhã, estarás muito cansada – anunciou Jax. – Tenciono aproveitar tudo o que me ofereceres e mais.

Gemma, sem hesitar, endireitou-se e reclamou a sua boca sensual e provocadora. Mordeu-lhe ligeiramente o lábio inferior, lambeu-lhe o lóbulo da orelha e voltou a deleitar-se com os seus seios. Introduziu um mamilo depois do outro na boca e ela levantou as ancas até ele pôr uma perna entre as dela para pressionar aquele ponto que o desejava. Esse desejo transformou-se num formigueiro que se espalhou por todo o seu corpo até se sentir tensa como a corda de um violino. Quando tocou nos mamilos com os dentes, o clímax explodiu dentro dela e gritou, retorcendo-se por baixo dele.

– Um... – comentou Jax, com satisfação.

– Vais contá-los? – balbuciou Gemma, entre as sacudidelas de um prazer tão intenso.

– Sempre marquei objetivos – recordou-lhe ele.

Uma vizinha disse-lhe para lhe falar da chantagem, mas isso levaria a uma conversa complicada depois de um dia muito longo e cansativo. Além disso, Jax estava contente nesse momento e não queria estragar as coisas. Depois, ambos estariam mais relaxados, menos tensos.

Então, afastou-lhe as coxas e deslizou a boca para baixo. De repente,

não tinha espaço no cérebro para ser racional. De repente, transformou-se numa criatura que se retorcia e ofegava à mercê da sua própria reação sensual.

Jax introduziu um dedo, acariciou-a e sorriu enquanto ela gemia e se arqueava para o apressar, mas Jax, na cama, tinha sempre o controle, sobretudo, porque ela o perdia por completo.

– É uma tortura! – queixou-se ela, com os dentes cerrados.

Estava a suar e as suas carícias assolavam-na entre suspiros, sobretudo, quando alcançava o ponto exato onde era mais sensível.

– Adoro o teu sabor – murmurou Jax.

As vibrações da sua voz espalharam-se pelo seu canto mais íntimo e, involuntariamente, o seu corpo entrou em erupção outra vez. Gritou o seu nome e retorceu-se, até ficar imóvel sem chegar a entender como alguém a afetava dessa forma e lhe dava tanto prazer.

– *Thee mou*, desejo-te com toda a minha alma.

Jax ficou em cima dela com as mãos nas suas ancas para a segurar. Penetrou-a lentamente para ir abrindo caminho e foi uma sensação que a atordoou, pois desejava mais. Recuou e voltou a penetrá-la mais profundamente e o seu corpo ficou tenso ao redor dele com uma sensação intensa e devastadora. Deixou escapar uma réstia de sons enquanto ele aumentava o ritmo. A excitação apropriava-se dela e arqueava-se para seguir o seu ritmo, entregue às sensações que a arrastavam como uma montanha russa. Ele mexia-se com uma força desenfreada e era como se a rasgasse por dentro. Deixou-se cair na cama e quase não ouviu o gemido concludente dele, mas recebeu com agrado o seu peso quente e inerte.

Gemma, quase inconsciente, acariciou as costas húmidas de Jax, antes de o abraçar com força. Ele estava a tentar recuperar o fôlego e ela sorriu enquanto virava a cabeça para o beijar na face.

Jax ficou petrificado, como se ela tivesse atravessado um limite invisível. Recusava-se a voltar a fazer isso com ela. Rejeitava qualquer demonstração de afeto que chegasse dela. Endireitou-se e virou-se. Não tencionava cair nisso outra vez! Dera-lhe os mesmos abraços e beijos em Espanha e ele sabia que não significavam nada. Soubera-o quando a viu naquele beco a ter relações sexuais com outro homem. Quis esmurrar a parede quando teve essa lembrança. Era melhor deixá-la enterrada e sabia, sobretudo, quando já estavam casados. Quando pensava nisso, sentia uma raiva e uma violência quase incontrolláveis. O perdão não entrava no seu vocabulário e o esquecimento era contra a sua natureza. Não havia nenhum

motivo para pensar nesse episódio tão sórdido. A única coisa que tinha de fazer era recordar que era traíçoera e vigiá-la quando estivesse com outros homens.

Quando Jax se afastou e foi à casa de banho, sentiu-se como se a tivesse esbofeteado. Afastara-se como se fosse contagiosa, como se não conseguisse suportar que tocasse nele. Isso magoava-a muito, depois de tanta intimidade, e transmitia a mensagem de que ele se ia embora depois de ter ido para a cama com ela, de que não ia fingir carinho ou cortesia.

Sentiu-se vazia e muito, muito néscia. Aquele era o homem agressivo que o pai chantageara para se casarem e aquela era a sua forma de a fazer pagar. Evidentemente, tirara a única coisa que queria dela e, nesse momento, sentia-se como um brinquedo abandonado, como uma distração que voltava a guardar num armário até ter vontade de a usar outra vez.

– Não gostas que toque em ti depois de fazer amor – reprovou ela, com franqueza.

Jax observou-a com um resplendor verde nos olhos semicerrados.

– Porque é falso.

– Não foi falso – replicou ela, sentando-se.

Porém, ele já desaparecera na casa de banho e ouviu-se a água de um duche.

Muito bem, Jax acharia que era o fim da conversa, mas estava enganado. Gemma levantou-se da cama, pegou na mala e tirou a carta que Kreon lhe dera. Mesmo que não gostasse, chegara o momento de serem francos. Abriu a porta do quarto e viu a bagagem no chão do corredor. Levantou uma mala, arrastou-a para dentro e abriu-a para tirar um robe de algodão. A sua roupa de dormir não tinha nada de provocante. Iola quisera comprar algumas coisas e a ideia de Jax olhar para o seu pijama com incredulidade convencera-a. Cobriu-se com o robe enquanto via pelo canto do olho que Jax entrava nu no que parecia um roupeiro, pois ouviu que se abriam e fechavam bruscamente gavetas e portas de armários. Estava de mau humor... e ela que presumira que essa... intimidade os relaxaria e aliviaria a tensão...

Jax reapareceu com umas calças de ganga desbotadas e uma *t-shirt* preta que se ajustava ao peito. Foi diretamente para o carrinho, tirou um prato e encheu-o de comida.

– Queres alguma coisa? – perguntou ele, com uma cortesia fingida.

– Não, obrigada – negou ela, que teria querido dar-lhe uma bofetada pelo tom –, mas tenho uma coisa para ti, uma coisa que o Kreon me deu

hoje.

Jax virou-se com um ar inexpressivo até ver o que ela tinha na mão e o reconhecer. Aproximou-se com duas passadas e arrebatou-lho com uma expressão de nojo.

– Participaste nisto com ele? – perguntou, num tom acusador.

Curiosamente, não pensara nessa possibilidade e, nesse momento, considerava-se um néscio por não ter suspeitado que ela participava ativamente na ameaça de chantagem de Kreon. Gemma respirou fundo devido ao choque e endireitou-se.

– Estás louco? Ontem, depois do casamento, o Kreon contou-me o que te tinha feito porque tinha remorsos. Sabia que tinha agido mal...

– Ena... O Kreon teve remorsos? – troçou Jax. – Não sabes como me consola ouvi-lo!

– Agiu mal, mas não é um mau homem e enganaste-te ao não me falar imediatamente da ameaça do meu pai e da existência dessa carta. Acho que podia tê-lo detido, porque se teria envergonhado demasiado se soubesse que eu sabia o que fazia.

– Claro... – troçou Jax, com uns olhos tão cortantes como sabres verdes. – Vou perguntar-te mais uma vez: Sabias o que queria?

– Não! – gritou Gemma, com os olhos azuis cheios de raiva e impotência. – Como podes perguntar isso? Não esperava que me pedisses em casamento, nem sequer me passava pela cabeça.

Jax inclinou a cabeça com orgulho para trás e semicerrou os olhos.

– Já está feito.

– Sim – reconheceu ela, com desconforto –, mas eu não sabia nada da chantagem nem do que estava a acontecer...

– Porém, e em qualquer caso, tudo te favorecia – replicou Jax, com desdém. – Entraste na família Antonakos.

– Bom, do meu ponto de vista e agora, na noite de núpcias, entrar na família Antonakos não é o triunfo que pensas que é! – exclamou Gemma, com as faces vermelhas de raiva. – Na verdade, parece um inferno, sobretudo, quando o meu marido consegue ir calmamente para a cama comigo e, depois, deixar-me de lado.

– Não dou abraços... Nunca!

– A Bella precisa de abraços, portanto, terás de rever essa regra e eu também preciso deles. Se queres ir para a cama comigo, terás de me abraçar.

– Engoli muito – os olhos do Jax mostraram um brilho de raiva –, mas

não vou passar por isso. Casei-me contigo e podes estar agradecida, mas não vais ganhar mais do que o nome, o dinheiro e um pai para a tua filha.

Gemma ficou a olhar para ele, perturbada com a intensidade da sua cólera. Conteve um arrepio devido ao que ouvira.

– Não é suficiente para mim – replicou ela, trémula.

– É a única coisa que vais conseguir, agora e no futuro.

Jax saiu do quarto e deixou-a ali. Gemma comeu um prato inteiro de profiteroles e bebeu café e sentiu-se mal. Todo o seu mundo e a sensação de segurança desapareceram. Foi à casa de banho, vomitou e tomou banho quando recuperou um pouco de forças. Nunca mais voltaria a olhar para um profiterole. Também não voltaria a olhar para Jax da mesma forma, pois mostrara-lhe uma faceta inesperada.

Já sabia o que não quisera saber. Não quisera casar-se com ela. Na verdade, odiava ter tido de se casar com ela e lamentava-o. Conseguira conter a fúria durante todo o dia e provocara-o ao pedir-lhe mais, um abraço... Arderam-lhe os olhos e olhou para cima enquanto tentava dominar os sentimentos. Para Jax, já lhe dera mais do que o suficiente: O seu nome famoso, a sua fortuna e a sua disposição para ser pai. Dissera que Bella era filha dela, não deles. Porque haveria de se importar se nada disso fosse suficiente para a fazer feliz? Porque haveria de se importar que a magoasse tanto que gostaria de gritar? Não lhe pedira para o amar e ela não sabia quando nem como começara a amá-lo outra vez. Em Espanha, começara com um sorriso, com um olhar mútuo de compreensão ou discrepância, com um contacto das mãos, com seis semanas de uma emoção e uma felicidade que nunca conhecera, até voltar a perder tudo.

Jax, porém, reaparecera na sua vida e, por algum motivo, uns retalhos daqueles sentimentos tinham enraizado outra vez no mais profundo do seu ser, onde nunca procurava. Amava-o muito mais do que merecia, mas era justa? Kreon fora perverso e o carinho pela família fizera Jax ceder e fazer um sacrifício que não queria fazer. Infelizmente, Jax continuava a gostar tão pouco como sempre da ideia do casamento.

Então, o que lhe restava? Pestanejou para conter as lágrimas e foi lavar a cara outra vez. Depois, maquilhou-se um pouco para tentar recuperar um pouco da noiva radiante que fora. Infelizmente, parecia cansada, pálida e com olheiras e a maquilhagem não o disfarçava. Desmaquilhou-lhe e foi procurar Jax.

Era cedo, mas estava tudo ligado. Não sabia o que ia dizer-lhe, mas sabia que tinha de enfrentar a situação e resolver o problema que Kreon

criara. Ao fim e ao cabo, tinham de pensar em Bella. Ela estava disposta a renunciar aos seus próprios sonhos, mas não estava disposta a renunciar ao sonho de a filha ter uma família normal.

Procurou numa sala vazia atrás de outra no andar de baixo até o encontrar num terraço muito amplo, deitado com um copo na mão numa espreguiçadeira enorme e a olhar para o nascer do sol no mar escuro que estava por baixo da casa. Ficou a hesitar à porta até ver que olhava para o telemóvel e que, no ecrã, havia uma fotografia da filha no casamento. Isso acalmou-a e deu-lhe as forças de que precisava para se aproximar dele.

– Jax...

– Temos de tentar... por ela... – disse Jax, ofegante e sem virar a cabeça.

– Sim...

Isso fora exatamente o que quisera ouvir, mas, mesmo assim, sentia que o coração estava a rasgar-se, pois também sabia que queria muito mais dele.

– Estou bêbado – reconheceu Jax, embora gostasse de não estar. Gostaria de saber aguentar melhor o seu redemoinho emocional. – Porém, afogar as mágoas não serve de nada, só tolda tudo.

Gemma, num silêncio tenso, sentou-se na espreguiçadeira mais pequena que havia ao lado da dele. Sentou-se na beira, rígida e quieta. Havia uma fotografia na mesa que os separava e levantou-a. Era a fotografia de outra menina, de uma menina pequena que se parecia tanto com Bella que poderia ter sido a sua irmã.

– Quem é? – perguntou ela, com preocupação, suspeitando se Jax teria outra filha.

– A minha irmã mais nova, a Tina. O motivo por que não esperei pelos resultados do teste de ADN para saber que a Bella era minha filha – explicou Jax, com relutância.

– Não sabia que tinhas uma irmã.

– Quase ninguém sabe. Abafou-se quando morreu.

– Uma filha do teu pai? – perguntou ela, com o sobrolho franzido.

– Não, do segundo casamento da minha mãe com um ator. Ele era muito mais novo do que ela. Separaram-se depressa, mas ela já estava grávida e, como era uma católica fervorosa, nem lhe passou pela cabeça abortar. A Valentina nasceu no verão, quando eu tinha doze anos. A Mariana estava decidida a mantê-la em segredo, pois não conseguia suportar a ideia de os seus seguidores terem pena dela por ter sido abandonada pela segunda vez

com um filho. Infelizmente, não conseguia manter os empregados domésticos durante muito tempo e eu cuidei da minha irmã naquele verão.

– Com doze anos? Onde estava a tua mãe?

– Entorpecida pelos fármacos que lhe receitavam... como sempre – confessou Jax, com um gemido. – Gostava muito da Tina, era encantadora. A Mariana contratou outra ama antes de eu voltar para o internato e correu tudo lindamente durante dois anos. Eu via a Tina nas férias, até a Mariana discutir com a ama um dia antes de se celebrar uma festa na piscina. A Tina afogou-se porque não havia ninguém a cuidar dela. A minha mãe era uma estrela quase lendária e o estúdio cinematográfico encarregou-se de fazer com que a morte e o enterro passassem inadvertidos.

– Lamento muito, Jax – sussurrou Gemma, trémula.

– O pior foi que ninguém voltou a falar da Tina, como se não tivesse existido.

Gemma levantou-se, sentou-se na espreguiçadeira grande, ao lado dele, e passou-lhe um braço por cima.

– Não dou abraços – disse ele, num tom cortante.

– Não estás a dar um abraço – replicou ela. – Eu estou a abraçar-te.

– Falo a sério, não preciso nem gosto dessas coisas.

– Claro que não. Só estás a tolerar que eu seja amável. – Gemma suspirou e sentiu que os músculos dele relaxavam um pouco. – És muito educado, Jax.

– A sério? – perguntou ele, com espanto, enquanto se virava para olhar para ela.

– Quase sempre – concedeu, com ironia e olhando para aqueles olhos verdes cheios de avidez e de uma incerteza imprópria dele. – Eu não participei na chantagem.

– Eu sei. – Jax passou a barba incipiente pelo ombro dela como se quisesse desculpar-se. – Contudo, acho que teria preferido que não soubesses o que o teu pai fez.

– Eu também teria preferido – reconheceu Gemma –, mas aconteceu e temos de o enfrentar.

Umhas mãos firmes tiraram-lhe o cinto e abriram-lhe o robe.

– Estás nua... Eu gosto, *glyka mou*.

– Não estava a pensar nisso quando vim procurar-te – replicou ela, com certo aborrecimento. – É que não conseguia rebuscar noutra mala para encontrar roupa...

– Psiu... Desejo-te.

Uns dedos compridos e morenos acariciaram o ponto mais sensível de todo o seu corpo com uma destreza devastadora.

– Aqui...? – perguntou ela, boquiaberta.

Porém, já lhe afastara as pernas e arqueava as ancas.

– Mandei os empregados para a cama assim que chegámos. O pobre Theo obrigou-os a ficar acordados. Não preciso que ninguém me atenda vinte e quatro horas por dia... menos tu.

Gemma afastou os lábios como se sustivesse a respiração.

– Vinte e quatro horas por dia? – perguntou ela, com dificuldade.

– Farei com que te compense – prometeu Jax, enquanto a beijava com voracidade, abria o fecho das calças de ganga e se punha em cima dela. – Levemo-lo para o território da lua de mel...

Gemma, que já era como plasticina entre as suas mãos, não mostrou nenhum inconveniente. Tinham ultrapassado o primeiro obstáculo e tinham aprendido que Bella era o mais importante para os dois. Isso teria de bastar, recordou-se, enquanto deixava escapar um som ao sentir que ele a penetrava com um ímpeto incontido.

Pedir mais só serviria para tornar a relação mais tensa e tinha de aprender a conformar-se com o que conseguisse. E se isso significasse que tinha de o perdoar por ter suspeitado que participara na chantagem do pai, fá-lo-ia. Ainda era cedo...

Porém, como podia ter suspeitado que ela fizera algo tão baixo? Porque presumia que o carinho dela era falso? O seu passado estava tão repleto de amantes sem escrúpulos que era incapaz de confiar em alguém?

Capítulo 9

– Ias falar-me dos teus pais adotivos – recordou-lhe Jax, três semanas mais tarde, enquanto passeavam com Bella por uma praia deserta.

– A sério? Eram boas pessoas. Eu tinha nove anos e tive muita sorte por encontrar uma casa com essa idade.

– Imagino que fosses uma menina muito bonita e que isso tenha ajudado.

Gemma encolheu os ombros e recordou esse período de três anos em que fizera parte de uma família.

– Eram muito estudiosos. Quando me adotaram, avisaram-nos de que me tinha atrasado na escola e contrataram professores particulares para cada disciplina.

– Um pouco impacientes, não é? – perguntou Jax, com o sobrolho franzido.

– Não, tentavam ajudar-me, mas causaram-me muita pressão. Eu tentava por todos os meios ser o que eles queriam que fosse, mas chumbei um exame muito importante para entrar na escola que eles queriam e sentiram-se realmente dececionados. Acho que não era a menina indicada para eles – reconheceu ela, num tom pesaroso –, mas, quando morreram no acidente de viação, tudo acabou e voltei para o sistema de acolhimento, pois nenhum dos seus familiares me considerava parte da família. No fim, quer gostemos, quer não, o sangue conta.

– É verdade.

Jax pensou em Argo, o seu falecido irmão, um jovem bondoso que, visto retrospectivamente, era muito diferente de Heracles e dele.

Bella soltou a mão da mãe e puxou as calças de ganga de Jax para que pegasse nela ao colo. Ele levantou-a pelos ares e ela riu-se, antes de apoiar a cabeça no seu ombro nu. Gemma pensou que se tratavam com tanta naturalidade que parecia impossível que se tivessem conhecido há um mês.

Jax e ela não tinham aguentado uma semana na ilha sem Bella. Ela

nunca se separara da filha e uma semana era demasiado tempo, e desnecessário, quando havia uma ama entre os empregados da casa.

Os jardins eram impressionantes, mas Jax e ela tinham passado muito mais tempo na praia. Ela, embora não soubesse nadar, gostava de chapinhar à beira-mar. Nunca tivera oportunidade e não gostava da ideia de confiar o seu corpo a uma piscina ou ao mar, mas Jax insistira que tinha de aprender a nadar por uma questão de segurança. Assim, começara a ter aulas com Jax, algo que fora igualmente irritante para os dois, para Jax porque era impaciente por natureza e para ela porque era nervosa.

Tinham aprendido muitas coisas um sobre o outro durante as três últimas semanas. Jax era diurno e ela era sonâmbula. Tinham passado dez dias maravilhosos a navegar pelo Mediterrâneo no Sea Queen, o iate do pai. Tinham desembarcado em diferentes ilhas para ver a paisagem, comer em restaurantes e fazer compras. Adorava dançar e tinham passado algumas noites até às tantas em diferentes clubes. Comprara-lhe muita roupa em lojas da moda da Creta e Míconos e trouxera o ourives a Tifnos para que escolhesse o que lhe parecia o mais elementar. Nesse momento, usava um relógio de ouro no pulso e umas argolas, também de ouro, nas orelhas. Também tinha um fio, uma pulseira e uns brincos de diamantes, o que ele chamara um presente de casamento atrasado. Além disso, o quarto de Bella estava repleto de brinquedos, roupa e livros para colorir a condizer com os móveis de marca.

Na verdade, ela achava que já tinha tudo o que quisesse na vida ou sonhara ter. Jax mimara-as. Era maravilhoso com Bella e tinha uma paciência com ela como mais ninguém tinha. Estava a fazer um esforço enorme para ser um bom pai e ela apreciava-o quando muitos dos seus amigos, homens sofisticados que conhecera nos clubes, onde também o conheciam muito bem, ainda não tinham assentado. Jax, para um homem que não quisesse casar-se, estava a adaptar-se muito bem à vida familiar.

Porém, não podia esquecer que Jax era o mesmo homem que a abandonara há dois anos porque estava aborrecido, o mesmo homem que parecia contente com ela um dia e, no dia seguinte, a excluía da sua vida. Esse passado fazia com que se sentisse insegura, pois achava que não sabia interpretar bem Jax nem sabia o que pensava a respeito do seu casamento. Naturalmente, ele parecia que dizia e fazia o acertado, mas também fora assim em Espanha e... tudo acabara.

– Tenho fome...

Jax agarrou-a pelo ombro e levou-a pela praia para o carrinho que os

levaria pela encosta íngreme.

– Também acho que a nossa filha precisa de fazer uma sesta... e é possível que eu também precise, *glyka mou*.

Gemma corou e derreteu-se quando os olhos verdes e resplandecentes de Jax a observaram com sensualidade. Sentiu a humidade entre as pernas, pois essa parte da sua relação corria lindamente, embora ainda não a abraçasse como gostaria. Com Jax, o que podia começar como um abraço acabava sempre em sexo. Ele dizia que não conseguia tocar nela e estar tão perto dela sem ter vontade de a despir. Faziam amor em todos lados: Na praia, na piscina, no bosque de pinheiros e nos jardins labirínticos, mas, sobretudo, no conforto da sua cama. Os arrebatamentos de paixão que salpicavam os seus dias pareciam-lhe muito naturais. Era como se Jax não conseguisse cansar-se dela, algo que guardava para si e que fazia com que se sentisse mais segura. Para ela, a relação sexual era como um barómetro para medir a saúde do seu casamento, pois Jax continuava sem querer falar dessas coisas.

– Essas sardas parecem-me irresistíveis – comentou Jax, num tom rouco, enquanto lhe passava um dedo pelo nariz.

Ela riu-se, pois odiava as sardas. Pareciam-lhe um defeito, mas Jax achava-as lindas e muito naturais e eram, certamente. Havia alguém que pintasse sardas? Pensou que não enquanto entrava no carrinho. Então, sentiu uma pontada de tristeza porque a lua de mel propriamente dita estava prestes a acabar. Jax ia reunir-se com Heracles na manhã seguinte por causa de um projeto muito importante em Atenas e ela ia acompanhá-lo, pois queria que Bella visitasse Kreon e Iola. Esperava que a situação fosse menos tensa depois do tempo que passara desde o casamento e devido à presença ruidosa de Bella.

A verdade era que Jax também não queria que chegasse o dia seguinte. Tencionava falar com o pai sobre o relatório que lhe dera sobre Gemma há dois anos. A julgar pelo que descobrira, o relatório estava cheio de inexatidões e de mentiras descaradas e tinha de saber se essas mentiras tinham sido uma tentativa de acabar a sua relação ou se, simplesmente, fora obra de um investigador negligente e um caso de identidade errónea. Não podia reprovar Kreon se o próprio pai carecia dos mesmos escrúpulos morais quando se tratava de conseguir o que queria.

Mesmo assim, ainda não poderia dizer que resposta queria ouvir de Heracles. Se o pai acreditara no que dizia o relatório, indigná-lo-ia de tal maneira que não poderia explicá-lo de uma forma racional. Embora

soubesse, melhor do que ninguém, que Gemma não era perfeita. Correu um véu denso e voltou a enterrar a lembrança daquele encontro no beco. Ela cometera um erro imperdoável e ele tinha de viver com isso... por Bella, só por Bella.

A ama da filha levou-a para a cama e Gemma foi tomar um duche, pois estava acalorada e cheia de areia... e não se surpreendeu quando Jax entrou no duche com ela. Acariciou-lhe o peito musculado e bronzeado e ele beijou-a apaixonadamente. Deleitou-se devastadoramente com ela e, como sempre, a intensidade da sua voracidade perturbou-a. Agarrou o seu corpo escorregadio, empurrou-a contra os azulejos e levantou-lhe as coxas para lhas pôr ao redor da cintura e esfregar-se contra o triângulo sensível que tinha entre as pernas.

Desejou-o insuportavelmente e cada movimento da sua língua fazia com que o desejasse mais. Uns sons muito evocadores formaram-se na sua garganta quando os dedos destros dele a prepararam. Inclinou-a para trás e penetrou-a com força enquanto ela se agarrava aos seus ombros e o rodeava com os tornozelos. Rugiu com satisfação masculina e agarrou-a pelas ancas enquanto se mexia com uma potência arrebatadora. A excitação apoderou-se dela até alcançar o topo entre gemidos e uma onda de arrepios.

– Não usei preservativo – sussurrou Jax ao seu ouvido, enquanto voltava a pô-la no chão. – Pode ser um problema?

– Com um pouco de sorte, não – respondeu ela, enquanto saía do duche e pegava numa toalha. – Não é o momento mais ideal do mês.

O que quisera dizer com essa pergunta? Estava a perguntar-lhe se queria ficar grávida outra vez ou se se preocupava com ficar grávida? Efetivamente, estava disposta a correr esse risco? Achava que não. A primeira gravidez não fora fácil e não tinha pressa para o repetir, sobretudo, quando não se sentia segura com Jax. Mesmo assim, se ficasse grávida, receberia ao bebé com os braços abertos e amá-lo-ia da mesma forma.

Porém, de que precisava para se sentir segura com Jax? Talvez fosse a pior inimiga dela própria e esperasse algo irrealizável de um casamento em que só um dos cônjuges amava. Era possível que não gostasse da realidade, mas a sua relação estava condenada a ser desequilibrada quando um deles esperava e desejava muito mais do que o outro.

– Sabias que o que esse relatório dizia era pura ficção?

– O que queres que te diga? – Heracles voltou a pousar o relatório sobre Gemma na mesa. – Não vou mentir-te. Fiz o que me pareceu que tinha de fazer.

Jax, perturbado, ficou ainda mais tenso e a raiva começou a apoderar-se dele, pois esperara que o pai tentasse evadir a sua pergunta direta.

– Porque pensaste que tinhas de fazer alguma coisa? Porque te sentiste obrigado a envolver-te? Nunca falei de me casar...

– Jax – interrompeu Heracles –, foste a Espanha cinco vezes em duas semanas para a ver. Isso bastou-me para a considerar uma aspirante com possibilidades e, quando descobri que era filha do Kreon Thiarkis... foi o que me faltava. O Thiarkis é um inseto, sempre foi e sempre será e não vou desculpar-me por não querer que a filha de um delinquente entre na minha família.

– Conheço a história do Kreon. Sei o que é e consigo entender a tua preocupação, mas tinha vinte e seis anos, não era um adolescente e não tinhas o direito de te intrometer.

– Sei que não tinha o direito, mas não me importei. – O pai não mudou de ideias. – Há anos, vi que o Thiarkis enganava a minha primeira esposa para lhe pagar os advogados quando o acusaram de fraude...

– Há dois anos, a Gemma nem sequer conhecia o pai – explicou Jax, com contundência. – O que aconteceu entre nós, foi assunto o nosso e não tinha nada a ver com a animadversão que sentes pelo Thiarkis. Não serei eu a defender o Kreon, mas conservou uma carta durante mais de trinta anos que poderia ter vendido à imprensa por uma fortuna.

Jax pousou na mesa a carta que Gemma lhe dera.

– A tua primeira esposa confessou os seus pecados por escrito pouco antes de morrer.

O pai ficou pálido e deixou-se cair na poltrona do escritório, olhando para a carta como se fosse uma cobra prestes a atacá-lo.

– A Sofia nunca foi discreta – murmurou Heracles, em voz baixa. – Estás a dizer-me que tenho de agradecer ao Thiarkis por não dizer nada?

– Não – negou Jax, que já decidira que não lhe contaria o segredo sobre a chantagem de Kreon –, mas está na hora de aceites que é o pai da Gemma e de parares de pensar nas tuas experiências e no teu rancor pela minha vida. Não sou o Argo...

– Eu sei – reconheceu Heracles, num tom sombrio. – O Argo sempre fez o que lhe dizia e tu, não. Foi por isso que agi às escondidas, presumia que

ela te prejudicaria.

– Não me prejudica, mas tratei-a muito mal por causa desse relatório e, agora, tenho de lhe explicar o motivo.

– A sério? – Heracles cerrou os dentes com desgosto. – Acho que não é uma boa ideia. Um homem prudente não partilha nada com a esposa, menos a cama.

– Três esposas e ainda não percebeste? – perguntou Jax, com desdém. – Eu percebi e não vou tolerar que te metas na minha vida. Se voltares a fazer uma coisa dessas, podes esquecer-me.

– Não podes estar a falar a sério – replicou Heracles, com abatimento.

– Falo a sério. O sangue conta, mas a família conta mais e desapareceste da minha vida durante tantos anos que não te considero da minha família como considero a minha esposa e a minha filha. Elas estarão primeiro... sempre.

Jax, com a raiva e a frustração a bulir por dentro, entrou na limusina e no trânsito de Atenas, pensando no confronto. Heracles desculpara-se finalmente e, pelo menos, contara-lhe a verdade. Odiava os segredos. Fora num ambiente de secretismo e sempre o tinham pressionado para não dizer que a mãe estava doente, grávida ou com um homem. Quando era criança, decidira não contar a ninguém na escola que a atriz espanhola famosa era sua mãe. Fora uma artimanha absurda, pois o apelido Antonakos era muito conhecido e todos sabiam que o pai se divorciara de Mariana porque tivera uma aventura com um colega. Porém, aprendera desde muito pequeno a não contar o que pensava, o que sentia e os seus assuntos pessoais e transformara-se num costume que não conseguia ignorar, até conhecer Gemma e lhe contar coisas que não contara a ninguém.

Além disso, se fosse sincero, aquela experiência perturbara-o há dois anos. Vira que estava a entrar num território perigoso e tivera medo de voltar a comprometer-se com uma mulher. Tivera medo? Não, evidentemente não tivera pressa para o reconhecer. A mãe fora volátil e sempre tivera desigualdades enquanto usava os fármacos como um apoio para aguentar o dia. Quando a morte de Mariana o libertara do convencimento de que era o responsável por cuidar dela, decidira que os sentimentos eram uma fraqueza e que um homem sensato se mantinha à margem deles. Dera-lhe muito bons resultados, quase sempre.

Até conhecer Gemma...

Até conhecer Bella...

Serviu-se de um uísque e bebeu-o de um gole. Tinha de contar a

Gemma. Como podia não lhe dizer? Recordou que se casara com ele depois do que fizera em Espanha e que parecia contente. Não tinha de a amar para a fazer feliz. Não o provará? Tinham tido uns pais atrozes, mas não era culpa dela nem dele. Dir-lhe-ia as coisas com clareza. Magoá-la-ia e zangar-se-ia, mas perdoá-lo-ia. Ele não era dos que perdoavam, mas estava convencido, a julgar pelo que vira ultimamente, que ela era. Tinham-se casado para constituir uma família para Bella. Isso seria o mais importante para Gemma porque ela, acima de tudo, desejava a segurança depois de uma vida muito infeliz.

Ele oferecia muita segurança, mas incomodava-o que não fosse mais dependente e aberta com ele. A Gemma que recordava de Espanha fora claramente dependente e carente. Embora fosse algo que não conseguia suportar noutra mulher, por algum motivo, gostara disso em Gemma, como também gostara que lhe contasse tudo. Gostara que ele fosse a primeira pessoa que ela procurava quando entrava numa sala, que ele fosse o único a quem sorria e o único em que reparava, que se agarrasse a ele toda a noite como se tivesse medo de que pudesse tentar fugir. Gostara que lhe dissesse que o amava, embora tudo tivesse acabado por ser mentira.

Porém, ela já não fazia nada disso, ainda que gostasse que o fizesse. Naturalmente, era cautelosa e, por isso, o mais sensato seria dizer toda a verdade. Contar-lhe-ia o que acontecera realmente e ela perdoá-lo-ia, pois era o que Gemma fazia. Além disso, que remédio tinha? Perguntou-lhe uma vozinha mais cínica. Ao fim e ao cabo, ela também traíra a confiança dele...

– Trata-te bem? – perguntou Kreon, enquanto Iola brincava com Bella no jardim.

– Sim – respondeu ela –, mas não vou falar do Jax contigo.

– Uma esposa devia ser leal ao seu marido – comentou Kreon, sem se alterar. – Só queria que fosses feliz.

– Só posso ser feliz com um homem que seja feliz por estar comigo – replicou ela, contendo a vontade de lhe recordar que não pensara nisso.

Porém, Jax era muito pragmático, embora reservado, e era mais provável que fizesse das tripas coração antes de ignorar o compromisso, sobretudo, quando a filha estava no meio. Não tinha razões para se queixar e, independentemente do resto, estava casada com o homem que amava. Já não podia fazer nada. Conseguira a aliança de casamento graças a Kreon e

sabia que Jax, no fundo, sempre a associaria com essa atuação do pai e que nunca a perdoaria por não ter podido escolher e por ter perdido a liberdade.

– Cedeu muito facilmente e esse não é um traço dos Antonakos – argumentou ele.

– Evidentemente, ama o pai.

– Acho que te ama mais.

Gemma, nada convencida com o que Kreon dissera, voltou para casa com os nervos em franja devido à tensão de ter de fingir à frente de Iola que estava tudo bem entre o pai e ela. Surpreendera-a que Jax não tivesse criado uma objeção quando decidira visitar Kreon e Iola e, depois, aliviara-a que o pai continuasse a ser o seu pai, mesmo que fosse imperfeito. Imperfeito? Manipulador, trapaceiro e chantagista. Porém, até descobrir a existência das irmãs, achara que o pai era o único familiar que tinha e a sua aceitação e apoio tinham significado muito para ela. Ainda a perturbava que tivesse chegado a esse extremo para ela ter um marido rico porque, naturalmente, Jax veria esse casamento, e a ela, com outra perspetiva.

O que teria acontecido se Kreon não tivesse intervindo? Não se teriam casado, mas Jax também não teria tido de fazer algo que não queria fazer.

Tomou banho, mudou de roupa e acabara de secar o cabelo quando Jax entrou no quarto. Ficou parado e a observar, com prazer, a visão da sua figura esbelta com um vestido vaporoso azul e os caracóis que emolduravam o seu rosto excitante.

– Estás muito bonita... – elogiou, num tom um pouco forçado, e quase fez careta de desgosto porque, na verdade, subira para dar o relatório a Gemma. Ela inclinou a cabeça e olhou para ele com os olhos semicerrados.

– Nunca me elogias. O que se passa?

– Nunca? – perguntou Jax, surpreendido, até perceber que ela tinha razão. – Tenho uma coisa que quero que leias.

Estava tão sério que ela sentiu um aperto no coração.

– Muito bem...

– O meu pai mandou-me isto há dois anos. – Jax deu-lhe o relatório. – Foi por isso que não apareci naquela noite.

Gemma agarrou no relatório e sentou-se na cama.

– O teu pai...? – perguntou ela, com o sobrolho franzido.

– Tinha descoberto quem era o teu pai e, aparentemente, estava decidido a fazer-nos acabar – explicou Jax, inexpressivamente. – Este relatório está cheio do que, agora, sei que são mentiras.

Gemma olhou para o relatório e ficou completamente desorientada. De repente, ele estava a falar do que acontecera em Espanha e estava a reconhecer que não a abandonara porque se aborrecera.

– Sabes agora...? – perguntou ela, com incerteza.

– Fiz a minha própria investigação – reconheceu ele.

Ficou ainda mais impressionada com tudo o que Jax lhe escondera e por o pai dele desprezar tanto a família dela. Engoliu em seco, respirou fundo, abriu o relatório e não pôde acreditar no que estava a ler. Era uma difamação, desde a afirmação de que fora condenada por tráfico de drogas e por prostituição até dizer que tinha vinte e cinco anos.

– Como é possível que tenhas acreditado nisto? – sussurrou ela, com incredulidade.

– Era o princípio da minha nova relação com o meu pai e confiava nele. Não tinha motivos para rezear, pois não sabia que conhecia o teu pai e que o detestava – explicou.

Gemma abanou a cabeça muito devagar e olhou para ele com um brilho quase de perplexidade nos olhos.

– Não entendeste. Não te pergunto porque acreditaste no teu pai, pergunto-te como é possível que tenhas acreditado nesses disparates sobre mim. Prostituição? Era virgem quando nos conhecemos e sabias! – recordou-lhe ela, com um rancor acalorado.

Jax cerrou os dentes com um ar de querer estar em qualquer lugar menos onde estava.

– Uma mulher pode enganar um homem sobre coisas como essa, pode fingir...

– Então, presumiste que era uma atriz tão boa como a tua mãe! – exclamou Gemma, atirando o relatório para o chão com nojo, pois a raiva estava a superar o pasmo. – Não sei o que dizer sobre estas... coisas! Achei que me conhecias.

– E eu achei que te conhecia até ler esse relatório – reconheceu ele –, mas, naquele momento, não tinha nenhum motivo para suspeitar que o meu pai estava a armar-me uma cilada.

– Então, estás a dizer-me que ele teve a culpa de me expulsarem do trabalho?

– Não o esclareci com ele porque estava demasiado furioso – reconheceu Jax –, mas é possível que tenha sido culpado e de te terem tratado mal quando te expulsaram do iate. Se tivesse ficado tempo suficiente para entrar nesse tipo de detalhes, ter-lhe-ia batido.

– Ah...

Gemma não o perdoava por ter pensado tão mal nela, mas esse pequeno discurso acalmara-a.

– Estavas grávida – continuou Jax, com a raiva refletida no rosto. – Podiam ter-te magoado gravemente, podia ter matado a própria neta... A nossa Bella!

Essa exclamação emotiva fez com que se reconciliasse mais com ele. Jax só a conhecera durante seis semanas em Espanha e foram... íntimos durante as duas últimas. Porque haveria de ter desconfiado do pai? O pai que decidira aceitar e receber com os braços abertos o filho que ignorara até então. Tinha de ser justa com Jax. Ao fim e ao cabo, ela também não desconfiara de Kreon quando aparecera na Grécia. Certamente, Jax sentir-se-ia como ela se sentira no dia do casamento, zangado, magoado e a questionar-se como era possível que alguém que amava o magoasse assim.

– Acho que o mínimo que podias ter feito era falar-me desse relatório e dar-me a possibilidade de me defender dessas acusações. Não há nenhuma desculpa para não me teres falado do relatório há dois anos.

– Na verdade, há – contradisse Jax, endireitando-se.

– Não, não há. – Conseguia entender e perdoar muitas coisas, mas não podia justificar que não lhe tivesse dito o que estava a acontecer, nem no presente nem no passado. – Pelo amor de Deus! Nem sequer me mandaste uma mensagem para me dizer que tínhamos acabado!

– Tinha os meus motivos – insistiu ele, em voz baixa e com os olhos brilhantes.

– Uns motivos inaceitáveis! – Gemma não estava disposta a ceder como cedera muitas vezes. – Deves-me uma explicação...

– Não te devo nada! – interrompeu Jax, num tom de desdém repentino. – Fui ver-te na noite depois de receber o relatório.

Ela franziu o sobrolho, pois estava a começar a sentir-se perdida, como se não tivesse entendido bem uma frase crucial.

– Não foste ver-me...

– Sabes porquê?

Jax cerrou os punhos, pois sentia-se como um vulcão prestes a entrar em erupção e, além disso, uma vizinha que não sabia de onde saía perguntava se realmente queria dizer o que estava prestes a dizer. Porém, não desistiu, não aprendera a desistir, só sabia lutar e ganhar. Tivera um dia terrível e não estava a melhorar como devia. Estava a piorar e, assim, não continha o mau humor. Não fizera nada a Gemma e, na sua opinião, ele era a parte

ofendida. Não era vingativo, mas também não iam acusá-lo de algo que não fizera.

– Se soubesse, não estaria a discutir contigo ou a tentar fazer com que entendesses o meu ponto de vista – respondeu Gemma.

– Tenho a certeza de que nem sequer te lembras daquela noite.

– Lembro-me muito bem. De que se trata tudo isto, Jax? Estou desorientada.

Ele semicerrou os olhos e cerrou os dentes.

– Fui de carro até ao bar, mas vi-te com o teu vestido vermelho no beco antes de sair.

– Não era eu.

Na noite anterior, quando Jax não fora vê-la, ela ficara no quarto das águas-furtadas com a esperança de que Jax aparecesse e lhe desse uma explicação. Ela, como uma menina que esperava pelo Pai Natal, recusara-se a acreditar que não apareceria e tivera medo de ter saudades. Tivera toda essa fé nele, toda essa confiança...

– Eras tu e estavas com um homem.

– Enganas-te – insistiu Gemma, com firmeza.

– Segui-te porque supus que te dirigias para a entrada que levava ao teu quarto, mas ficaste lá fora para... ter relações sexuais contra a parede com o homem que te acompanhava.

Ela pestanejou com incredulidade antes de olhar para ele fixamente.

– Achas que tive relações sexuais com um homem no beco? – perguntou ela, com uma repulsão que não pôde disfarçar. – Estás a brincar?

Jax não se alterou e manteve-se firme, pois também não esperara que ela reconhecesse o que fizera.

– Sabes que não estou a brincar e não voltaste a saber de mim por causa do que vi naquela noite. Não tinha sentido mostrar-te o relatório quando já estavas com outro homem. Não tenho de me desculpar.

– Estou de acordo. – Gemma estava devastada por dentro, mas mantinha-se de pé por orgulho. – Se estivesse com outro homem tão cedo, não me deverias nada. Evidentemente, dava-te jeito presumir que a rapariga que viste no beco era eu.

– O que queres dizer? – perguntou Jax, com receio.

– Que tinhas lido esse relatório, que tinhas descoberto que o teu querido pai não me aceitava e que te dava jeito acreditar que, apesar de tudo o que sabias sobre mim, era o tipo de rapariga que teria relações sexuais num beco.

Gemma sentia que lhe doíam as maçãs do rosto devido à tensão, mas sentia uma dor muito mais profunda no peito. Sabia que ele não a amava, sabia que nunca a amara. Embora doloroso, soubera-o desde o começo do seu casamento, mas tirara-lhe importância e pensara, com sensatez, que devia conformar-se com o que podia, mas, pela primeira vez na sua vida, decidiu que Jax não era bom para ela.

Não se importava com a fama dos Antonakos, o seu dinheiro e como era bonito. Há dois anos, dissera a Jax que o amava e era verdade, mas não lhe correspondera com nada, nem com palavras nem com nenhuma outra demonstração de compromisso. Contivera-se com ela, sempre fora moderado com ela e, finalmente, sabia porquê. Porém, merecia algo melhor. Merecia, no mínimo, um homem que não acreditasse que podia ter relações sexuais na rua com um desconhecido... e Jax não tivera essa fé nela. Certamente, nunca a teria. Uma sensação de vazio terrível embargou-a. Não era suficiente amá-lo.

– Eras tu, reconheci o vestido – insistiu ele, desesperado com o silêncio e a forma como o observava.

– É possível, mas não era eu que usava o vestido. Emprestei-o à Tara naquela noite porque tinha um encontro e imagino que tenha ficado no beco porque não podia levar um homem para o quarto que partilhávamos quando eu estava lá. Nem todos têm um iate para essas coisas...

– Não podia ser ela! – Jax ficara petrificado. – Porque usaria o vestido que te ofereci?

Gemma olhou para ele com cansaço e desespero.

– Porque partilhávamos a roupa. Não tínhamos muita, mas partilhávamos a que tínhamos. Metade da roupa com que me viste naquele verão era da Tara.

– Não podia ser ela – repetiu Jax.

Tentou recordar a sua amiga antes de se lembrar vagamente de uma loira muito mais... mundana do que Gemma e que vivia e trabalhava com ela.

– Bom – ela encolheu os ombros –, também não importa depois de tanto tempo, pois não?

– Para mim, importa e também devia importar-te.

– Não, não importa.

Jax cerrou os dentes com força. Queria resolvê-lo e não voltar a falar do assunto. Porém, podia ter sido Tara com esse maldito vestido? Estava escuro e Tara também tinha o cabelo comprido e claro. Poderia ter-se

enganado entre as luzes e as sombras. Além disso, se se tivesse enganado, seria a primeira vez na sua vida que se alegrava por se ter enganado. Ela não percebia? Não entendia o que o teria feito acreditar que ela poderia ter-se comportado assim? Gemma olhava fixamente para o chão de ladrilhos em vez de olhar para ele. O desespero apropriou-se do seu corpo. Mulheres! Ela estava estranha e, certamente, já não lhe tiraria mais nada.

– Tenho uma reunião. Tencionava adiá-la para irmos a Tifnos...

– Não, vai à reunião.

Tinha um nó na garganta e não queria olhar para ele para não lhe mostrar o que sentia no coração.

– Podemos viajar de manhã – declarou Jax. – Certamente, será melhor para a Bella do que um voo noturno.

Gemma ouviu que se fechava a porta e ficou sentada com as lágrimas a cair pelas faces. Jax acabara de lhe mostrar o que pensava realmente dela e como a via e era... era repelente, muito mais repelente do que ela conseguia suportar, perdoar ou compreender. Durante todas essas semanas na ilha, pensara que fora infiel e, mesmo assim, não dissera nada, nem sequer lhe dera a oportunidade de se explicar ou defender. Era muito desumano e injusto, mas não podia mudar-se um homem, não podia mudar-se o que havia dentro da sua mente.

Jax não confiava nela, nunca acreditar em nenhuma palavra do que ela dissera. Ele fora o seu primeiro e único amante e nem sequer conseguia acreditar nisso. Era muito imatura e inocente aos dezanove anos e não percebera como era cético e desconfiado. Percebera que era possessivo e ciumento, mas não passara daí.

Imaginou-o quando vira Tara nesse beco imundo e achara que era ela. Deixou escapar um soluço de dor, tristeza e humilhação. Isso magoava-a e, nesse momento, parecia-lhe que Jax só lhe causava dor e desilusão. Não queria estar casada com um homem assim, não podia estar casada com um homem que tinha um conceito tão baixo dela. Quando essa onda de sentimentos contraditórios começava a rasgá-la mais do que conseguia suportar, pegou no telemóvel e ligou à irmã Polly, pois precisava urgentemente de um ombro sobre o qual chorar. Polly ouvia muito bem. Contou-lhe toda a história da sua relação com Jax e Kreon e Polly ficou mais espantada com a acusação do beco do que ela própria.

– Gemma, vem ter connosco – propôs Polly, com carinho. – Precisas de descansar. Sei que te pareceu que eras feliz com ele ao princípio, mas parece-me que o Jax não te valoriza como um marido devia valorizar-te. É

possível que te reprove pelo que o teu pai fez.

Nesse momento, a possibilidade de sair dali era como um raio de luz que agradecia muito.

– Nem sequer sei onde vives, Polly.

– Num país que se chama Dharia. É um reino do Golfo – explicou Polly.

Gemma ficou boquiaberta.

– Não sei como chegar até aí. Nem sequer sei como sairei daqui.

– Não te preocupes – tranquilizou-a Polly. – Eu trato de tudo. Se saíres esta noite, amanhã de manhã estaremos a tomar o pequeno-almoço juntas e também posso fazer com que a Ellie venha passar o fim de semana cá. Temos muita vontade de vos conhecer.

– Esta noite...?

Gemma, perturbada, questionou-se se devia levar a filha e decidiu que, nesse momento, Jax merecia perder as duas por causa da sua desconfiança.

– Acho que não devias perder mais tempo com a família Antonakos. Eles não te amam nem te valorizam, mas nós vamos fazê-lo.

O entusiasmo de Polly foi decisivo para Gemma, que costumava demorar mais a decidir algo tão importante. Porém, percebeu, com alívio, que já não tinha vontade de chorar. Parecia-lhe uma tolice chorar depois de Jax ter passado por cima dela como um rolo compressor com essas acusações tão repugnantes. Jax não a amava, o pai de Jax não a queria na sua família maravilhosa e o seu próprio pai defraudara-a consideravelmente. A amizade das irmãs e começar uma vida nova parecia-lhe muito mais prometedora do que a sua situação naquele momento.

– Está bem, esta noite. Começarei a fazer as malas. Suponho que esteja calor.

– Sim, mas o pa... Bom, a minha casa tem ar condicionado.

Capítulo 10

Jax estava atônito. Voltou a abrir todos os armários vazios como se fosse encontrar Gemma por baixo dos cabides. Voltou a entrar no quarto de Bella, olhou para o berço vazio e voltou a descer as escadas de dois em dois.

– Volta a contar-me – ordenou Jax a Zenas.

Tentava conter esses sentimentos que não queria ter. Sentimentos como o pânico e a insegurança. Sentira-os muitas vezes na infância e na adolescência e jurara que nunca voltaria a senti-los. Porém, continuava a tê-los dentro dele e esperavam pela oportunidade de se apropriar dele para o paralisar ou para tomar decisões erradas.

Zenas respirou fundo e olhou com cautela para Jax, que estava pálido e tenso.

– Chegou uma limusina diplomática com a bandeira de um país estrangeiro. Saiu um homem árabe e uns guarda-costas. O homem tinha credenciais diplomáticas, mas não falava grego nem inglês e também não queria responder às minhas perguntas. A sua esposa abriu a porta com a filha ao colo. Umas malas estavam à espera no vestíbulo...

– E deixaste que fosse? – interrompeu Jax, com incredulidade. – Deixaste que uns estrangeiros raptassem...

– Não a raptaram. Foi-se embora voluntariamente. Seguimos o carro até ao aeroporto, onde aproveitaram os acessos diplomáticos. Não nos deixaram entrar, mas, segundo o que conseguimos descobrir, um avião privado levou a senhora Antonakos e a menina para Dharia.

O nome desse país recordou-lhe algo e franziu o sobrolho. Havia uma relação... Gio Benedetti, que fora sócio dele, era casado com a irmã da rainha de Dharia, que, casualmente, se chamava Polly, como a irmã perdida de Gemma. Tentou desdenhá-lo até pensar nesse sequestro diplomático impecável. Recusava-se a aceitar que Gemma o abandonara voluntariamente e a suspeita foi ganhando força.

Gemma estava a dar um murro na mesa. Não faria nada e esperaria que ela entrasse em contacto com ele. Gemma não o abandonaria, só estava incomodada com ele e não podia fazer nada. Ele só estava a pagar o preço de ter dito a verdade e, se não gostava da verdade, o que podia fazer? Serviu-se de um uísque com a satisfação de ter tomado uma decisão madura e comedida.

Uma hora depois, estava a passear de um lado para o outro pelo quarto vazio. Embora Gemma não tivesse passado nenhuma noite na sua *villa* de Atenas, a sua lembrança estava por todo o lado. Imaginava-a na cama, imaginava a suavidade dos seus lábios, a brancura delicada da sua pele e o cabelo sedoso entre os seus dedos. Sentiu falta de ar quando viu um cabelo loiro e encaracolado no tocador e conseguiu sentir o cheiro do perfume que lhe dera em Míconos. A cama continuava enrugada onde ela se sentara enquanto falavam nessa tarde.

Bom, a verdade era que ela não falara, estivera muito calada para uma mulher tão faladora. Pensando nisso nesse momento, estava claro que estava alterada e não se apercebera. Como era possível que não se apercebesse?

Continuava empenhado em pensar o que pensara durante dois anos, que fora vítima de uma traição, mas o que aconteceria se não tivesse existido semelhante traição? O que aconteceria se essa história ridícula sobre a roupa partilhada fosse verdade? O que aconteceria se ele a tivesse abandonado em Espanha, há dois anos, e não tivesse tido uma desculpa para o fazer? O que aconteceria se o seu casamento estivesse destruído por causa de um maldito vestido vermelho e do seu empenho irrefletido em enfrentar finalmente Gemma?

Continuou a andar com vontade de se servir de outra bebida, mas sabia que não devia fazê-lo quando o seu cérebro já saltava de uma coisa para a outra. Conseguia viver sem Gemma e Bella, não era? Um divórcio, a custódia partilhada... Então, de repente, sentiu uma pressão no peito e a boca secou. Os batimentos do coração ecoaram-lhe nos ouvidos. Não, não podia viver assim.

A raiva salvou-o, como fizera muitas vezes quando a vida se complicara. Não ia permitir que a rainha de um país insignificante roubasse a sua esposa e a sua filha! Tinham enganado Gemma para se ir embora e ia devolvê-la ao lugar onde tinha de estar, na Grécia com ele.

– Dá a sensação de que o Jax não sabe lidar com os sentimentos – comentou Ellie, com um sorriso cauteloso.

– Isso quer dizer pouco – replicou Polly. – Esse assunto do beco... Acusá-la disso...

Ellie riu-se e Gemma olhou para a irmã ruiva, espantada.

– Não percebem? O Jax continuava a tê-lo tão fresco como se tivesse acontecido ontem e isso indica que não o superou. Continua atormentado por esse beco dois anos depois... embora decida continuar casado contigo e te leve de lua de mel, trata-te bem em todos os outros sentidos. Para ele, foi uma tortura contar-te história do beco, porque o envergonha que ainda te deseje, apesar do que, em teoria, pensa de ti. Gemma, podes perceber muitas coisas com isso.

Gemma sorriu devido a esse ponto de vista mais otimista, embora não conseguisse acreditar. Recostou-se no canto do sofá confortável, sob a cúpula impressionante do teto, e desejou poder ver o que Ellie via no comportamento de Jax. As duas irmãs eram muito diferentes. Polly era carinhosa e atenciosa, quase maternal, e Ellie era inteligente e compreensiva. Além disso, os seus filhos, os sobrinhos e as sobrinhas dela, eram simplesmente maravilhosos.

Karim e Hassan, os filhos de Polly, e Teresina, a filha de Ellie, estavam a brincar no pátio sombreado. Ellie estava a dar o biberão a Olly, o seu filho mais novo, e Polly estava a dar de mamar a Haifa, a filha recém-nascida. Bella estava a olhar para as crianças mais velhas, que perseguiam uma bola, montadas nas suas bicicletas. Karim desmontou da bicicleta para afastar Bella e os seus brinquedos. Foi um gesto muito atencioso para um menino pequeno.

Porém, teve de reconhecer que teria sido imensamente feliz no palácio impressionante da irmã se não fosse pela ausência de Jax. A descoberta de que a irmã mais velha era uma rainha casada com um rei, Rashad, e de que Ellie era a esposa trabalhadora de um italiano incrivelmente rico ajudara-a a esquecer-se dos seus problemas. Na primeira noite, as três mulheres ficaram acordadas até altas horas da madrugada e tinham falado dos três anéis que tinham herdado e de umas vidas repletas de experiências diferentes.

Depois, falara de Jax e o espírito decaíra outra vez, pois sentia um vazio onde tivera o coração, embora ainda acreditasse que fizera bem ao afastar-se dele. No fundo, estava convencida de que Jax sofrera tanto na vida como ela própria, mas lidavam com as emoções de forma diferente. Jax

enterrava as suas, escondia os problemas e, praticamente, negava dos seus sentimentos. Ela mostrava tudo e voltava a levantar-se emocionalmente, independentemente das vezes que a defraudassem, mas não reagiu assim da última vez que esteve com Jax. Fizera-lhe demasiado mal e, pela primeira vez, também escondera os seus sentimentos a Jax.

Em certo sentido, isso fora desumano da sua parte e ter-lhe batido na cabeça com algo grande e pesado podia ter sido mais comedido. Para Jax perceber os sentimentos, tinha de lhos atirar à cara. Certamente, teria ficado perturbado ao perceber que se fora embora e estaria furioso por ter levado a sua filha, mas, mesmo assim, não entenderia porque o fizera, algo que a incomodava. Jax só se importava com a verdade e acabara por lha dizer sem calcular o mal que estava a fazer. Esperara que ela o desculpasse pelo que fizera no passado porque os pais se tinham intrometido. Não fora capaz de perceber que ficara devastada porque tudo o que dissera dava a entender que nunca a amara, respeitara ou entendera. Como podia amar alguém assim?

– É um homem, poderia ser de outro planeta – comentou Ellie, com ironia. – O Gio era exatamente igual. Escondia as coisas e agarrava-se ao passado.

– O Rashad também – reconheceu Polly. – É possível que possa reabilitar-se o Jax...

Gemma olhou para as mãos entrelaçadas e não pôde imaginar que Jax esquecesse as suas convicções.

Abriu-se a porta e apareceu Rashad, o rei de Dharia. Era alto e muito bonito e esboçou um sorriso resplandecente para a sua esposa.

– Polly... temos uma visita e acha que raptámos a sua esposa. O que dirias a isso?

– A Gemma é a minha irmã e não a raptei, ofereci-lhe refúgio – corrigiu Polly, num tom muito digno.

– Refúgio? – repetiu Rashad, como se gostasse da palavra. – Acho que não usaria essa palavra com o Jax.

– O Jax está aqui?

Gemma levantou-se com um salto, mas ficou quieta e com as faces coradas devido ao olhar de curiosidade das irmãs.

– Que comece a reabilitação – comentou Ellie, em voz baixa.

– Meti-me onde não sou chamada? – perguntou Polly, com preocupação.

– Não, agradeço muitíssimo o apoio – declarou Gemma, com carinho.

Gemma não conseguia pensar com clareza. Jax demorara menos de quarenta e oito horas a aparecer em Dharia e estava muito perturbada. No fundo, tivera medo de que a deixasse ir e anulasse o casamento. Ao fim e ao cabo, como ia querer estar casado com uma mulher como a que achava que ela era?

Jax não estava de bom humor depois do voo interminável até Dharia para se encontrar numa sala que parecia tirada de *As Mil e Uma Noites*, o que podia aplicar-se também a todo o palácio real de Dharia. Porém, Rashad, o rei, parecera-lhe muito normal e reconhecera que também o teria incomodado descobrir que a esposa e o filho tinham desaparecido. Depois, acrescentou, com um murmúrio:

– Porém, agora que fazes parte da família, tenho de te avisar de que, quando as irmãs se juntam, tramam e confabulam. Ou estás com elas ou estás contra elas.

– És o meu cunhado... Bom, o meu meio-cunhado – corrigiu Jax, para mostrar que as três irmãs tinham pais diferentes.

– Elas não se consideram meias-irmãs – avisou Rashad.

– A pôr a conversa em dia?

Ouviu-se uma voz que Jax reconheceu e ficou tenso. Virou-se muito devagar para pôr em ordem as ideias, antes de encontrar o olhar de Gio Benedetti, que fora sócio dele.

– Ena, o mundo é pequeno – acrescentou ele, num tom crispado.

– Relaxa – aconselhou o multimilionário italiano. – No ano passado, encontrei a Franca e contou-me tudo o que tinha acontecido. Com todo o respeito à Franca, acho que tive sorte por me livrar dela, tu...?

– Devo-te umas desculpas sem reservas devido ao que aconteceu – Jax fez uma careta de desgosto –, não falemos disso.

– Está bem – concedeu Gio. – Porém, avisar-te-ei de uma coisa: Gravar-se-á a palavra «beco» na tua sepultura.

Jax ficou petrificado como se lhe tivessem apontado uma pistola e corou.

– A sério...?

– As irmãs não guardam segredos – comunicou Gio. – Não há nada de que não possa falar-se. Se zangares uma, zangas todas e nenhuma delas te apoiará.

Era uma informação que poderia ter-se poupado. Sabia que cometera um erro, mas o facto de todos saberem fazia com que se sentisse pior. Tivera quarenta e oito horas para pensar e pensara mais do que nos seus

vinte e nove anos de vida. Chegara a conclusões evidentes e até meditara no que ia dizer.

Porém, esqueceu o discurso que preparara assim que Gemma entrou na divisão para onde o tinham levado. Gemma usava um vestido comprido e vaporoso de diferentes tons de azul e, só de a ver, só de olhar para ela outra vez, sentiu coisas que já não conseguia conter.

– Vim porque...

Jax estava impressionante, como sempre. Ellie aconselhara que se fizesse de dura e teria adorado manter a frieza e a compostura, mas não podia fazer-se de dura com Jax e esse era o problema, amava-o. Sempre o amara, o que fora amor à primeira vista em Espanha, quando não o conhecia, transformou-se em algo mais profundo. Jax não tinha solução com algumas coisas, como expressar os seus sentimentos ou elogiá-la, mas fazia muito, muito bem outras.

– Sim... O que estavas a dizer? – perguntou Gemma, para ter o controlo do encontro.

Jax passou uma mão pelo cabelo despenteado e os olhos deixaram escapar um brilho verde. Sentiu um aperto no coração.

– Não sei o que ia dizer. Tinha pensado em tudo, mas esqueci-o. Isto é completamente novo para mim, mas a única coisa importante que quero dizer-te é que te amo, que preciso de ti e que quero que voltes para mim...

Assim, com esse arrebatamento inesperado, Jax deixou-a sem argumentos e não tinha tempo para se fazer de dura. Além disso, deixara-a com falta de ar, pois o que acabara de lhe dizer fora o que esperara ouvir durante toda a sua vida.

– Nunca tinha dito isso a ninguém – acrescentou Jax, com um gemido, ao ver que o silêncio se prolongava. – Casei-me contigo não só pela chantagem do teu pai, mas porque, no mais profundo do meu ser, queria estar casado contigo. A minha mente dizia-me que não queria casar-me, mas o meu instinto levava-me na direção contrária. Parece-te muito estranho?

– Não... – respondeu Gemma, num tom fraco.

– O meu pai recordou-me que, num período de duas semanas, viajei cinco vezes para Espanha para te ver. O meu... apego era obsessivo. Amava-te então, mas tinha medo de o reconhecer. Certamente, tinhas razão quando disseste que queria acreditar no relatório... e nas outras coisas. O amor sempre me magoou. Amava a minha mãe, o meu pai, a minha irmã, o meu meio-irmão... Até, anos antes de te conhecer,

apaixonei-me por uma mulher que era uma alcoólica e tive de a internar para se reabilitar. Estava decidido a não voltar a sentir essa dor.

Gemma assentiu veementemente. Desejava abraçá-lo e cobri-lo de beijos, mas sabia que era mais prudente deixar que dissesse tudo o que tinha para dizer para explicar o passado e o presente.

– Consigo entendê-lo...

– Como consegues entendê-lo? – Jax soprou muito devagar. – Continuas a amar as pessoas, mesmo que te magoem ou te defraudem. És muito valente...

– Ou muito estúpida – interrompeu ela. – Sou assim. Costumo procurar as virtudes das pessoas e ser otimista, mas tu és um pessimista e tiras sempre as piores conclusões.

– É verdade – reconheceu Jax.

– E pensas o pior – acrescentou Gemma, com raiva, ao lembrar-se do beco. – Mesmo quando não tens motivo para isso.

Jax endireitou-se e recordou que tinha de evitar a palavra que Gio aconselhara que evitasse.

– A alcoólica por quem me apaixonei foi-me infiel muitas vezes. Não conseguia evitá-lo, era um desastre até se reabilitar. Porém, a minha mãe fez com que desconfiasse das mulheres antes dela. Tinha lido aquele relatório, vi uma mulher que achava que eras tu e pareceu-me que tudo encaixava, pareceu-me que era o tipo de coisa que acontecia sempre comigo... Tinha-me apaixonado e tu não eras a mulher que eu achava que eras...

– Como com aquela alcoólica? A Franca? O Gio contou à Ellie e a Ellie contou-me.

Jax entendeu o segundo dos avisos de Gio.

– Sim, era a Franca. Depois dela, tornei-me muito cauteloso e cético com as mulheres. Não tinha fé na minha capacidade para interpretar as mulheres, para as conhecer realmente e cometi um erro contigo. Fugi quando devia ter ficado, achei que estava a proteger-me, mas já estava preso.

– Preso?

– Nunca te superei. Não parava de pensar em ti nos momentos mais inusitados e de me recordar como eras perniciosa... Sabes, o...

– O assunto do beco? – concluiu Gemma, com um brilho nos olhos.

– Sim, isso – confirmou Jax, desejoso de virar a página. – Evidentemente, enganei-me e lamento muitíssimo ter pensado que eras tu.

Só vi o vestido vermelho e o cabelo loiro e...

Gemma aproximou-se mais e abraçou-o.

– Não faz mal – murmurou ela, ao perceber que ele tinha a voz ofegante e estava compungido. – Não faz mal. Perdoo-te. Cometeste um erro, mas são águas passadas.

Jax olhou para ela com uns olhos verdes suspeitosamente brilhantes.

– Não te mereço. Certamente, nem sequer acreditarás que te amo e que te amei desde o começo e não sei como to demonstrar.

Gemma, porém, não precisava de mais demonstrações. Jax continuara casado com ela, mesmo que acreditasse que fora infiel uma vez e isso era muito eloquente. Amara-a tal como era, com todos os seus defeitos, e aprendera a ignorar o que qualquer homem teria considerado um defeito monumental e uma traição, embora tivesse guardado o que pensava para si. Até contar tudo e o seu segredo a ter chocado, mas também os libertara.

– Eu também te amo – sussurrou Gemma, antes de lhe dar um beijo no queixo, que era o mais alto que chegava em bicos de pés. – Tanto que me dói quando não estás.

Jax segurou-lhe uma mão e beijou-lhe o dorso com um carinho impróprio dele.

– Nem sequer me deixaste um bilhete. Senti-me perdido. Não sabia o que fazer, fui embargado pelo pânico...

– Teria acabado por te ligar – confessou ela. – Estava furiosa, mas fizeste bem em contar-me. Tínhamos de falar disso para podermos enfrentá-lo e enterrá-lo outra vez.

– O facto de te ires embora num avião privado com escudo real facilitou muito a tua localização – reconheceu Jax.

Então, pegou nela como um homem que não conseguia parar de lhe tocar.

– O quarto é na porta do lado – informou ela.

– Até cheguei a pensar que só me casava contigo pelo bem da Bella. Menti-me desde o começo.

– Não foste o único. Eu também me convenci de que só estava a casar-me contigo pela nossa filha.

– Como é que a Bella está a dar-se aqui? – perguntou Jax.

– Tem seis primos e imensos brinquedos. Está a divertir-se imenso.

Gemma riu-se e Jax olhou para ela com a admiração refletida nos olhos e um sorriso de orelha a orelha.

– És uma mulher muito especial, Campinha. – Jax pousou-a na cama

sem parar de sorrir. – O mais triste de tudo é que o meu pai começará a chatear-nos para o convidarmos.

– Porquê? – perguntou ela, sem entender.

– O Heracles é filho de um criador de porcos – respondeu Jax, entre gargalhadas. – Esconde-o muito bem porque é muito snobe, mas quando descobrir que a tua irmã é uma rainha, será espantosamente encantador.

– Consigo suportá-lo. – Gemma encolheu os ombros. – Não podemos mudar os nossos pais, mas também não vão estragar-nos a felicidade outra vez.

– Consegues ser feliz comigo? Sabes que voltarei a cometer erros. Será sem querer, mas fá-lo-ei porque nem sempre acertarei...

– Nem eu.

Gemma começou a tirar-lhe o casaco e a gravata e acariciou-lhe o peito musculado com avidez quando finalmente lhe desabotoou a camisa.

– O amor é transigir – continuou ela. – Ninguém tem de ser perfeito.

– Eu acho que és. Tens um coração imenso, *khristo mou*.

Jax deixou escapar um suspiro de prazer quando ela se ajoelhou para acabar de o despir.

– Tu também tens – replicou ela, num tom brincalhão. – A diferença entre nós é que o guardas numa jaula para estar a salvo.

– Mesmo assim, abriste o caminho entre os barrotes da jaula, tens mais poder do que pensas.

Gemma foi deslizando uma mão e ele arqueou-se como se tivesse carregado num interruptor. Riu-se quando se sentou com as duas mãos entre o cabelo dela e a beijou arrebatadoramente. Já não falaram mais porque estavam muito ocupados a partilhar os seus corpos, tal como partilhavam o seu amor.

– Acho que devíamos levantar-nos para o jantar... ou como quer que seja que lhe chamam aqui – comentou Jax, umas horas mais tarde. – Estou a ser um convidado muito indelicado.

– Não, conheço as minhas irmãs e elas conhecem-me. Terão deitado a Bella e terão seguido em frente como se nada fosse. Não há obrigações. Aqui, todos são família e eu adoro, sobretudo, agora que estás cá.

Gemma apoiou a cabeça no seu ombro e, sonhadoramente, inalou o seu cheiro. Essa proximidade tranquilizou-a, como saber que finalmente a amavam.

– Amo-te.

Jax ficou maravilhado por ser tão fácil dizer essas palavras em que não

pensara durante tanto tempo.

– Amo-te – sussurrou Gemma.

Ela adormeceu porque não conseguira dormir enquanto estavam separados. Jax sorriu e compreendeu que era feliz pela primeira vez na sua vida.

– Este lugar é impressionante. – Polly entrou no vestíbulo de mármore da casa de Tifnos e admirou a decoração e a árvore de Natal. – É uma maravilha que tenhas uma casa grande onde possamos reunir-nos para celebrar.

– Agradece ao Heracles, o meu sogro. Construiu-a grande.

– Era esse homem baixo que não parava de se inclinar à minha frente? – sussurrou Polly, com certo desconforto.

– Sim, está muito entusiasmado por ter convidados da realeza – comentou Gemma, sem disfarçar o tom brincalhão.

Muitas coisas tinham mudado durante os três anos que passara casada com Jax. O seu sogro visitava-os com frequência, graças, sobretudo, aos seus filhos. Reconciliara-se com Heracles depois de perceber que adorava sinceramente as crianças e os seus netos. Efetivamente, fora outro filho, um menino que se chamava Dimitri e que já tinha dois anos. As suas férias longas e inesperadas em Dharia tinham ampliado a família. Desfrutara mais da segunda gravidez do que da primeira, pois Jax estivera ao seu lado e ajudara-a até a dar à luz.

Durante esses três anos, só Gemma tivera um filho, mas Polly estava grávida outra vez e reconhecia sem reparos que queria ter uma família numerosa. Ellie declarara que se conformava com dois filhos, mas também era muito apreciadora de dizer uma coisa e de fazer outra. Quanto a Jax e ela, ainda eram jovens e, embora estivessem muito contentes com os filhos que tinham, não descartavam a possibilidade de terem um terceiro filho. Ellie, jocosamente, já lhes dera um sermão sobre o controlo de natalidade e explicara que era indesculpável que tivessem tido dois filhos por acidente e todos se riram.

Kreon e Iola visitavam a ilha periodicamente e Kreon e Heracles evitavam-se cortesmente durante as reuniões familiares. O pai fora à falência no ano anterior e Jax comprara-lhe uma pequena empresa porque, segundo ele, Kreon tinha de estar ocupado e ser independente. A sua generosidade conseguira fazer com que ela quase chorasse e sentia-se

muito aliviada por Jax ter começado a ver e a entender o bom coração que Kreon tinha.

– É o teu pai e tu ama-lo – dissera Jax. – Temos de fazer o que pudermos por ele. Ao fim e ao cabo, tu também aguentas o meu pai e perdoas todas as suas manias.

Jax era um marido maravilhoso em todos os sentidos e sentia-se agradecida e sortuda. Depois de tantos anos a desejar ser especial para alguém, finalmente, encontrara um refúgio seguro.

Deixou que Polly se instalasse com os filhos, explicou-lhe que Ellie fora para a cama porque tivera o turno da noite no hospital e foi deitar Dimitri para fazer uma sesta. Alterava-se muito quando se cansava e tinha de dormir mais com tantas crianças na casa e a emoção do Natal. O menino aninhou-se no berço com o seu elefante de peluche. Era loiro, como a mãe, o que surpreendera os pais, mas tinha os olhos verdes e a pele morena de Jax.

Olhou pela janela e viu os rapazes mais velhos na praia com Rashad e Gio. Conseguia ver Bella, que já tinha quatro anos, a brincar à beira-mar com Hassan, o filho mais novo de Polly, e com Teresina, a filha de Ellie. Os seus filhos tornaram-se amigos e as reuniões familiares eram mais confortáveis. Suspirou porque, finalmente, tinha a família com que sonhara durante toda a vida e foi tomar banho antes do jantar. Estava no duche quando entrou outra pessoa.

– Jax... – cumprimentou ela, com um sorriso. – Achava que, esta noite, ias chegar tarde.

– Não. Passei pelo escritório, imaginei todos a divertir-se sem mim e decidi que precisavam de mim em casa. Vi as crianças na praia do helicóptero.

– O Dimitri está a fazer a sesta. Tinha uma birra tremenda – comentou Gemma, num tom abatido.

– Tem o mau feitio da minha mãe – acrescentou Jax, com preocupação.

– Não, não sejas ridículo! – tranquilizou-o ela, que sabia que se preocupava com o facto lhe ter transmitido algum gene conflituoso. – É muito pequeno e ainda não aprendeu a dominar o mau feitio. É muito bom quando não está cansado. Além disso, entraste no duche comigo para falar das crianças ou para...

– Para, *agapi mou*.

Jax empurrou-a contra a parede e beijou-a com verdadeira voracidade. Ela derretia-se cada vez que lhe chamava o seu amor. Ele estava ardente e

molhado e era todo dela. A excitação apropriou-se dela com uma onda de sensualidade.

– Controlo de natalidade – resmungou Jax.

Depois, pegou nela ao colo, tirou-a do duche e atirou um monte de toalhas para o chão enquanto rebuscava numa gaveta. Gemma deitou-se nas toalhas e riu-se.

– A Ellie impressionou-te com essa conversa, não foi?

– A Ellie sabe como conseguir fazer com que um homem se sinta um irresponsável – declarou Jax. – Não voltarei a ser irresponsável contigo, mas não lho digas.

– Não lhe direi, prometo. – Gemma acariciou-lhe o queixo. – Amo-te, Jax Antonakos, amo-te muito.

Nesse momento, ele estava ocupado com outras coisas e não podia falar, mas Gemma percebeu a paixão e a necessidade nos seus olhos cor de esmeralda e isso bastou. Reconhecia um homem bom assim que o via e abraçou-se a ele com força, pois fazia-a muito feliz.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com